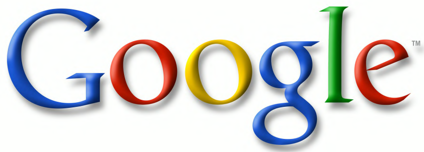
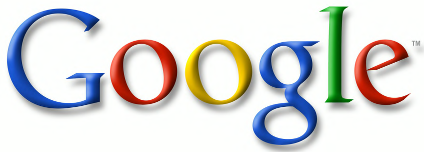







TAYLOR INSTITUTION
DOMI NUS ILLU MINA TIO MEA

ARABESCOS

ARABESCOS

(NOTAS E PERFIS)

POR

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Miguel Angelo e Victoria Colonna — Um episodio da vida de Goethe — O Riso — Renan e a Academia franceza — D. Sebastião — Savonarola.



DAVID CORAZZI — EDITOR
EMPREZA HORAS ROMANTICAS
Rua da Atalaya, 40 a 52
1880

Typ. das Horas Romanticas, Rua da Atalaya, 40 a 52

A meu marido

Meu querido amigo

Este livro pertence-te por muitas rasões.

Offerecendo-t'o satisfaço um desejo do coração, e cumpro um dever da consciencia.

Este livro humilde e pobre como é, significa ainda assim, um progresso do meu espirito, uma transformação salutar da minha intelligencia; é fructo do trabalho e do estudo a que presidio a influencia da tua rasão firme e superior, do teu fino e delicado gosto.

Este livro é a manifestação visivel, embora muito acanhada e incompleta, do poder que o teu elevado entendimento tem exercido em mim.

Á tua convivencia tão extremosa, á identificação absoluta dos nossos dois espiritos, devo eu as mais profundas e as mais completas alegrias da minha vida; por isso, depondo-te nas mãos esta singela

homenagem do affecto que te consagro e do respeito com que te admiro, pago parte de uma divida, que me é dôce reconhecer e confessar, para que os nossos filhos mais tarde comprehendam bem todos os laços que me uniram a ti.

Maria A. Vaz de Carvalho.

MIGUEL ANGELO E VICTORIA COLONNA

I

Assim como n'uma floresta ha arvores que, tendo tido a mesma cultura e procedendo de uma semente igual, se levantam acima das outras arvores suas irmãs, assim, n'uma época determinada, ha homens que, tendo recebido a mesma educação, tendo tido os mesmos gostos do que os seus contemporaneos, excedem extraordinariamente a medida a que todos elles haviam chegado até ahi.

Foi o meio em que nasceram, foram as circumstancias, que presidiram ao cultivo especial do seu espirito, foi a companhia dos homens do seu tempo, foi a tendencia natural que levava n'esse momento dado a sua nação e a sua época para um certo e determinado fim, foram em resumo todas as circumstancias exteriores, que concorreram para lhes radicar no espirito as qualidades que podiam adquirir; mas aquillo em que

elles excederam os seus contemporaneos e deslumbraram a posteridade, isso receberam-no elles como um dom mysterioso e interno que escapa a todas as analyses, e se furta a todas as explicações.

Na longa historia humana poucos são esses nomes privilegiados, que se erguem como eternos marcos miliarios na vida das civilisações; constellações solitarias para as quaes todos os que sonham e trabalham erguem os olhos, e que são ao mesmo tempo o desespero e o supremo incentivo dos artistas convencidos.

Esses homens raros vêem sempre mais do que o seu tempo: dirigidos primeiro, são elles que por um accordo tacito se tornam os directores supremos do seculo a que pertencem.

Recebem de fóra todas as influencias, mas no cadinho interior que o seu proprio genio alimenta, transformam-nas, modificam-nas, refundem-nas, e dão uma fórma nova, e nunca vista até ali, ás aspirações vagas que estavam em todos os espiritos, mas que ainda em nenhum haviam achado uma expressão absoluta.

Pertencendo completamente á sua época, sendo o fructo mais perfeito que sazonou n'aquella atmosphera moral que as leis, os costumes, os gostos, as instituições e os homens formam a cada seculo, elles são ao mesmo tempo os unicos que d'ella se distanceiam. Receberam o impulso da grande alma collectiva, mas ajuntaram-lhe o seu impulso proprio, a sua força interior, tornando-se por esse facto em potencias superiores e universalmente soberanas.

A alma d'elles foi creada para as luctas formidaveis que os simples não conhecem; acima, e muito alem de tudo que estava traduzido e expresso até ao dia em que adquiriram a consciencia da sua força, comprehendem

por uma illuminação intuitiva que alguma cousa ha a dizer e que esse segredo sublime lhes compete a elles revelal-o.

Não se contentam com achar uma fórma differente de traduzir um pensamento ou um sentimento que já existia, querem achar alem da fórma desconhecida, a essencia ainda não descoberta.

Dôres que ainda ninguem conhecera, sonhos radiantes ou terriveis que ainda ninguem sonhára, amores ideaes ou paixões devastadoras e violentas que ninguem sentira, ambições heroicas que a ninguem fôra dado realisar.

São por graça do genio os mergulhadores insaciados da alma universal.

Nunca ella propria conheceria as riquezas ignoradas, as flores maravilhosas, os recessos phantasticos, os monstros, as perolas, as sereias que guarda no fundo dos seus abysmos, se elles não consumissem a vida n'essas investigações sublimes, tanta e tanta vez incomprehendidas!

E o seculo que lhes escuta a poderosa voz prophetica, sente passar ao perto o *sopro ignoto* de que falla a Biblia; e os homens que ouvem através das longas distancias e dos longos espaços o echo vibrante das suas palavras, comprehendem que estes luctadores supremos eram videntes, que sabiam elevar-se acima da sua época, e perceber o que as épocas futuras andavam elaborando em dolorosa gestação.

Entre estes eleitos que se chamam Ezequiel ou Izaias, Dante ou Shakespeare, avulta com um não sei quê de olympica magestade o grande nome de Miguel Angelo.

Por um raro condão que parece aqui providencial,

surge este nome nos umbraes da renascença italiana e acompanha todas as glorias d'essa quadra singular, subindo para a immortalidade e desapparecendo da terra, quando a arte radiosa, como o sol que se põe, se afundava no horisonte em nuvens de purpura e de ouro.

É necessaria a fina penetração, a sagacidade apuradissima do critico e do poeta, para descriminar bem as relações reciprocas que existem entre o artista e o seu meio, até que ponto um se subordina ao outro, e quaes são justamente as modificações e influencias que um exerce, e que o outro recebe.

A renascença sem esse gigante que consubstancia só em si quatro artistas, que foi esculptor, architecto, pintor e poeta, e tudo isto com magnificencia genial, teria, sem duvida, sido incompleta, faltar-lhe-ía muitissimo do que lhe deu lustre e esplendor; mas teria Miguel Angelo sido o que foi se nascera n'outra época, se não tivesse achado ao entrar na vida da arte, antes d'elle e ao seu lado, artistas como Leonardo Vinci, Raphael, André del Sarto, Tiziano, Bramante, Benevenuto Cellini, etc.; amadores como Lourenço Medicis, Leão X, Julio II e Paulo III; e os costumes pittorescos e o apparato scenico e a pompa decorativa, d'aquella vida artistica e theatral?

Elle teve a ventura de assistir ao pleno desabrochar da grande quadra e a tristeza de presentir o esmorecimento, a decadencia, o progressivo definhar, a quasi morte da arte que tanto amou!

Mas n'este intervallo quantas cousas grandes e gloriosas não obrou a sua mão, quantos bellos e elevados pensamentos não concebeu o seu possante espirito, quantas imagens grandiosas não povoaram a sua opu-

lenta phantazia, a que o povo sublime, austero e collossal não inoculou vida e immortalidade o sopro creador do seu genio!

Não ha ninguem, mesmo medianamente cultivado, que não conheça o nome de Miguel Angelo, que não tenha visto, ao menos em gravuras, as principaes creações do seu escopro e do seu pincel, que não comprehenda o largo rasto de luz que elle foi deixando na sua extensa vida; poucos conhecem, porém, até que ponto a alma d'esse homem foi justa, austera e grande, e como elle foi, alem de artista, poeta primoroso e, mais que tudo, poeta sincero.

Nem todos podem ir ver as estatuas colossaes do tumulo de Medicis, as prodigiosas pinturas da Sixtina, a tragedia dolorosa e sombria do Juizo final, a figura apocaliptica de Moysés o legislador, o vidente, o propheta que Miguel Angelo entendeu e reviveu tão bem; todos podem, todavia, ler o livro dos seus sonetos e advinhar a alma atormentada, apaixonada e tempestuosa do artista, através das confidencias dolorosas do poeta.

É para esta feição menos conhecida do seu genio que eu venho chamar principalmente a attenção dos leitores.

Não sei se será do gosto d'elles este genero de estudos, suspeito e, sobretudo, desejo que o seja por dois motivos, ambos igualmente fortes.

O primeiro é que são tristes, agitados, incertos, dolorosamente contradictorios os tempos que vão correndo, e que é por isso bom e salutar o refugiarmo-nos no passado, onde houve, decerto, males maiores do que os de hoje, mas onde encontramos poderosas individualidades que, por pouco, não nos reconciliam com o

barbarismo feroz e inconsciente das multidões; no passado do qual, através de tamanha distancia, vemos menos as maculas e os crimes que desappareceram do que os eternos esplendores que ficaram.

O segundo é porque sempre se ganha e muito ao contacto de certas almas, porque é uma boa acquisição para o nosso espirito o travarmos conhecimento intimo com os que foram na terra intemeratos e sem macula, e porque encararmos de perto a verdadeira grandeza, longe de nos amesquinhar, como muitos dizem, dá-nos o desejo e a aspiração do aperfeiçoamento moral.

Querendo, porém, apresentar tal como o seu seculo o conheceu, tal como a Italia hoje o admira, o poeta que havia em Miguel Angelo, cumpre que o vejamos bem como elle foi, sob todas as faces, perante o seu tempo, perante o nosso e perante a sua propria consciencia.

*
* *

Para isso preciso de dar a largos traços uma idéa, muito embora incompleta, do que era a Italia da renascença — não a mãe — mas a amante apaixonada de todas as artes e de todos os artistas.

A Italia foi o paiz que mais cedo acordou do lethargo paralysador das idades gothicas.

Deveu-se este despertar precoce a muitas causas complexas, que se relacionam com a constituição politica do paiz; com as condições especiaes em que elle estava, para receber directamente a herança dos antigos, herança que nunca estivera completamente submersa, sob as ruinas que cobriam aquelle sólo riquissimo; com a tradição que jámais se apagára em muitos

espiritos singularmente cultivados, que eram como que os guardas incorruptiveis do desmoronado templo; com os descobrimentos que o acaso, ajudado por pesquisas pacientes, tinha feito, ora nos claustros onde se conservavam muita vez ignorados os preciosos manuscriptos pagãos, ora nas escavações laboriosas que revelaram em breve um mundo de estatuas, de bronzes, de vasos raros, de fragmentos admiraveis, e cujo resultado inesperado deu ainda maior impulso á curiosidade dos investigadores d'aquelle tempo.

A bella, a radiosa civilisação antiga, revelou-se aos eruditos muito antes de se revelar aos artistas.

Foi através das obras serenas e illuminadas de claridade olympica de Platão e de Homero, de Eschylo e de Sophocles, dos edylios virgilianos, das correctas odes de Horacio, das austeras meditações de Lucrecio, das bellas orações de Cicero, dos risos pungentes de Juvenal, que os italianos do seculo XV e do seculo XVI encararam pela primeira vez o genio do explendido paganismo.

Educados por estes modelos perfeitos, affeiçoados á idéa do bello por estes mestres immortaes, saíram sem esforço violento por uma evolução facil e natural do periodo sombrio e exaltado do mysticismo para a comprehensão elevada e serena da arte.

As estatuas maravilhosas que descobriram, os monumentos classicos que vieram logo depois da primeira quadra de renascimento intellectual, foram como que a confirmação das impressões que já haviam sentido.

As fórmas inflexiveis e hieraticas da arte bysantina sumiram-se na sombra d'onde haviam surgido; as figuras dolorosas e soffredoras, em que o rude ascetismo imprimia a sua garra esterilisadora, desappare-

ceram e afogaram-se; a natureza deixou de ser a grande inimiga; o corpo humano, o bello animal vigoroso, robusto, bem proporcionado e bem modelado, ostentou a sua nudez esplendida; a vida deixou de ser a phase transitoria, a expiação terrivel, imposta á alma nos umbraes de uma eternidade gloriosa; o prazer deixou de ser a tentação demoniaca a que todos tinham de fugir, ou pela qual todos tinham de perder-se; o homem libertou-se das cadeias que o prendiam ao poste inglorio do martyrio, e, possante, arrebatado, ebrio de paixões violentas, arrojou-se com bravio impulso á conquista de todos os gozos e á expansão de todas as forças vitaes!

Foi mais do que uma rebellião, foi uma orgia!

Começou então na vida e nos costumes da Italia a traduzir-se o amor que a antiguidade pagã lhe inspirara.

Para comprehender o que foi o apparato exterior d'essa época, a robustez impetuosa e febril d'essa raça, o gosto do pittoresco que então se desenvolveu e attingiu o seu mais elevado grau, a atmosphera adequada aos artistas, que os envolveu e os inspirou, seria preciso ler e commentar todos os livros d'aquelle tempo, as memorias de Cellini, as chronicas contemporaneas, as participações dos embaixadores, as descripções de festas, cavalgatas, banquetes e entradas triumphaes, de ceremonias publicas, religiosas e civis; as vidas dos pintores de Vasari, a historia dos papas e das republicas independentes; as conversações dos eruditos e dos artistas, as luctas sangrentas entre duas cidades, entre dois principes, entre dois pintores, entre dois cardeaes; as vinganças, os odios, as traições, os amores, toda essa vida livre, apaixonada, sensual,

energica, em que a par dos instinctos mais selvagens havia a mais delicada comprehensão do bello, em que as impressões poeticas, as tendencias litterarias, o vivo e profundo sentimento da arte porfiavam com as manifestações da mais perigosa e mais desenfreada brutalidade.

Nunca houve época em que o nivel moral tanto descesse e tanto se levantasse o nivel intellectual das multidões.

A arte d'esse tempo não era só uma elevada distracção dos delicados, uma flor de luxo exotica e singular.

Não; era uma necessidade absoluta da alma popular, era um desejo ardente que se fazia dentro de todos os corações, era o que resgatava a perversidade de uns, o que dava um lado de distincção nativa á rudeza dos outros, o que enobrecia, o que civilisava, o que fazia perdoar até os maiores crimes.

Benevenuto Cellini, nos dias em que esfaqueava um inimigo, apparecia em presença do papa ou dos cardeaes com alguma das suas pequenas joias deliciosas na mão, e o papa e os cardeaes, com os olhos accesos de cubiça, da nobre cubiça do bello, perdoavam e esqueciam, e o artista resgatava o crime de assassino.

Havia muitos monstros n'aquelles seculos pagãos, mas todos tinham bem acceso na alma o grande amor da arte, que então podia chamar-se a unica virtude.

Cezar Borgia, Ludovico o Mouro, dois malvados; Lourenço Medicis, um despota e um corruptor; todos os principes que mais ou menos atraiçoavam, matavam, roubavam; e muitos cardeaes, que podiam na audacia dos seus vicios, comparar-se aos patricios da Roma imperial.

Pois eram estas almas corruptas, no fundo lodoso das quaes se revolviam todos os reptis do vicio, que faziam viver com a sua protecção esclarecida, intelligente e generosa, todo um povo de artistas, que foram a gloria do seu tempo!

A vida humana tinha então bem poucas garantias e seguranças, o crime pompeava ainda, se não tão hediondo, pelo menos muito mais falso e traiçoeiro, a mutabilidade das instituições e dos acontecimentos trazia todos os animos n'uma continua incerteza; apesar d'isso tudo, porém, o aspecto das cousas era de um prestigio incomparavel, o viver era um continuo espectaculo e uma continua festa para os olhos, os pobres contentavam-se com um pouco de céu azul e a contemplação de uma obra prima, e até os humildes e os ignorantes sentiam que n'aquelle opulento florescer do bello, lhes cabia uma parte de que se podiam justatamente orgulhar.

Todo o coração italiano se sentia solidario com as glorias dos seus artistas.

Foi n'este periodo revolto, contradictorio, agitado e grande, em que o senso moral e o senso artistico, longe de se unirem, como que se apresentavam incompativeis, que surgiu, armado para a lucta, o artista mais poderoso de todos os tempos e o homem mais honrado do seu seculo.

Este homem era Miguel Angelo.

Vamos ver agora o modo por que elle consegue synthetisar em si a arte no que ella tem de mais elevado, e a virtude no que ella tem de mais amplo e de mais austero, e ser ao mesmo tempo, n'essa quadra de talentos tão robustos e de caracteres tão perdidos, um grande genio e um grande justiceiro.

II

Descrevemos a largos traços, no nosso capitulo anterior, qual era o meio em que desabrochou e florio o genio colossal de Miguel Angelo.

Tentemos descriminar agora a dupla influencia exercida por esse meio, tão agitado de extraordinarios contrastes, no caracter do homem e na inspiração do artista.

Pelo culto apaixonado da arte, Miguel Angelo é perfeitamente o homem do seu tempo.

Tem a sagrada devoção do *corpo humano!*

Acha n'elle compendiadas todas as perfeições supremas que podem attrair e demorar a contemplação e o estudo do verdadeiro artista.

Habituado á espectaculosa representação da vida d'aquella época, vida em que os instinctos physicos imperavam, modificados e aperfeiçoados apenas pelo amor da harmonia plastica, os seus olhos e o seu espirito receberam dos objectos exteriores a educação especial que faz o pintor, e principalmente o esculptor.

Longe como hoje estamos dos pontos de vista particulares do seculo XVI, a nossa arte moderna, qualquer que seja o ramo pelo qual se manifeste, tem sempre uma intenção philosophica, psycologica, tem por assim dizer o fito de commover, de agitar, de excitar o sentimento e a paixão.

A arte d'aquelle tempo traduzia-se simplesmente pelo culto da fórma.

O seu fito exclusivo e unico era attingir n'essa fór-

ma a suprema força, a suprema perfeição, a suprema belleza.

«O ponto importante das artes do desenho, diz Benevenuto Cellini, é fazer bem um homem ou uma mulher nús.»

Aqui se encerrava tudo, mas não se imagine que isto era pouco, ou que isto era tão facil como á primeira vista se affigura.

De então para cá o corpo humano tem decaído bastante da elegancia, da flexibilidade, da graça robusta e proporcionada que o distinguia, mas, ainda assim, deve notar-se que os homens e as mulheres do seculo XVI não tinham aquella perfeição de linhas que faz um poema de cada um dos corpos creados pelo pincel ou pelo escopro dos artistas d'essa grande época.

Ao estudo do nú, ao respeito pagão da fórma, ajuntava-se nos artistas, verdadeiros e convencidos, um levantado ideal do bello.

Elles copiavam do natural o corpo humano, mas davam ao corpo humano todas as superiores faculdades que lhes são proprias, pondo de banda os defeitos e as imperfeições que, por sua culpa, elle adquiriu mais tarde.

Faziam-no são, robusto, activo, dotado de todas as forças animaes, de todas as potencias atleticas; davam-lhe a graça virginal ou a energia viril, a pudica flor da mocidade ou as bellas e amplas proporções das naturezas possantes, collocavam-no na mais facil e mais graciosa attitude, rodeavam-no de outros corpos igualmente bellos, mas bellos de uma fórma diversa e que lhe servissem de realce, realisavam, emfim, a harmonia da fórma na sua mais alta e mais sublime expressão.

Estes corpos que eram, só por si, a magnifica e exu-

berante florescencia humana, não precisavam de exprimir este ou aquelle estado particular da alma, nem tão pouco de subordinar-se a esta ou áquella influencia interna; pertenciam a uma raça inaccessivel ás nossas dolorosas e ephemeras tragedias, a um mundo superior ao nosso mundo de violentas paixões, rapidas e doentias.

Eram a humanidade ideal, a flor maravilhosa da creação, o animal mais perfeito, mais complicado e mais bello na vasta escala dos seres organisados.

*
* *

Miguel Angelo teve, como nenhum dos seus contemporaneos, o fanatismo da perfeição physica.

O que os antigos haviam conseguido crear, em resultado da educação pagã feita no gymnasio, no banho, na arena, em toda a parte em que o homem liberto de todas as peias, despido de todos os véus, pompeava a sua robusta magnificencia de fórmas, conseguiu elle substituil-o com o estudo perseverante, intelligente, vivificador, dos modelos antigos, e, principalmente, com a sua profunda sciencia anatomica, desenvolvida e cultivada em annos e annos de trabalho, de vigilia, de tenaz e docil applicação.

Conhecia, como ninguem, a estructura tão admiravel e perfeita do corpo humano; d'aqui provém a eloquencia irresistivel que soube imprimir em cada musculo, em cada attitude, em cada gesto d'esse povo estranho, a que o seu potente sopro de creador deu vida e immortalidade.

Os que admirarem em Roma e em Florença a obra

monumental de Miguel Angelo, ficarão para sempre impressionados pela mysteriosa grandeza das suas creações.

Mas, como ainda ha pouco o dissemos, se Miguel Angelo pertence por este lado á sua geração, ao seu tempo, aos gostos pittorescos da sua época, é mais moderno e mais antigo ao mesmo tempo, pelo sopro interior que anima de vida ignota tudo aquillo em que o seu cunho de artista se imprimiu.

Filho da renascença, pelo culto da fórma exterior, é tambem filho da Biblia, pela grandiosa melancolia da sua alma.

Não é no que elle tem de classico que nós o comprehendemos bem; os que o poderam estudar no original, e os que o conhecem pelas gravuras e pelas copias, não tendo recebido aquella educação plastica especial, que é necessaria para apreciar a parte technica da sua obra, sentem que estão na presença de um artista perfeito, mas sentem, sobretudo, que estão em frente de uma alma agitada, inquieta, intimamente torturada pelas vagas e indefinidas aspirações a um mundo superior.

É por este lado que nós, os modernos, o entendemos melhor.

Estudou as sciencias naturaes, estudou com um afinco e uma paixão indisiveis a anatomia, estudou os classicos, levou dias e dias imitando os antigos, a ponto de ter feito na mocidade um *Cupido a dormir,* que passou por uma estatua grega desenterrada, e que fez o espanto de todos os entendedores do seu tempo; mas, para nós, foi principalmente o discipulo de Dante, o amigo de Savonarola, o ledor infatigavel e commovido da grande epopéa biblica; o que ouviu na distancia a

voz trovejante dos prophetas e que soube traduzir-lhe e fixar-lhe as harmonias terriveis, no seu poema de côres e de linhas, no seu poema assombroso do tecto da Sixtina!

É pelo que elle tem na alma de profundo, de triste, de complexo, de severo, de melancolico, de moderno emfim, que nós, os filhos do seculo XIX, somos accessiveis á influencia da sua obra e ao culto do seu nome.

A obscura mulher que escreve estas linhas não tem a ventura de o conhecer senão através das pallidas gravuras que generalisaram as suas obras; ouçamos, porém, Taine, o critico mais lucido da França, um dos mais bellos e claros espiritos modernos, que assim descreve o que sentiu na Capella maravilhosa:

«Personagens sobrehumanos, tão desgraçados como nós somos: corpos de deuses convulsionados pelas paixões terrestres, um olympo onde se embatem tragedias humanas, eis o pensamento que desce e se diffunde de todas as abobadas da Sixtina.

«Que injustiça não é o compararem-lhes as *Sibillas* e o *Isaias* de Raphael! Esses são fortes e são bellos, não o nego, manifestam uma arte igualmente profunda, assim será; mas o que logo á primeira vista se descobre é que não têem a mesma alma, não foram creados, como estes, pela vontade impetuosa e irresistivel: nunca sentiram, como estes, o estremecer e o retesar do ser nervoso, que se arroja com impeto furioso, em risco mesmo de se despedaçar.

«Existem almas d'onde as impressões disparam em raios, e das quaes todas as acções relampagueiam ou trovejam.

«São assim os personagens de Miguel Angelo.

«O seu colossal Jeremias, que scisma, encostando na

mão enorme a enorme cabeça, em que é que scisma assim de olhos baixos? A barba entrançada e fluctuante, que lhe cae até ao peito, as suas mãos de trabalhador sulcadas de veias salientes, a fronte enrugada, a expressão indecifravel, o murmurio soturno que lhe vae saír do peito, dão idéa de um d'esses reis barbaros, sombrios caçadores do uroch, que vinham embater a sua colera inutil contra as portas do imperio romano.

«Ezechiel vira a cabeça com uma interrogação impetuosa, e é tão violento e rapido esse impulso, que o ar, agitado, levanta-lhe uma ponta do manto.

«Jonas cae, impellido com a cabeça para traz, sob a apparição fulminante, emquanto que os dedos contam involuntariamente os dias que Ninive tem ainda a viver...

«Na abobada, cuja extensão é de duzentos pés, desenrolam-se as historias do Genesis, os livramentos de Israel, a creação do mundo, do homem, da mulher, o peccado, a serpente de bronze, o exilio do primeiro par, o diluvio, o assassinato de Holofernes, o supplicio de Aman, um povo inteiro de figuras tragicas.

«Deita-se a gente no velho tapete que forra o sobrado, e olha...

«Estão a cem pés de altura, enfumadas, gretadas, apertadas umas de encontro ás outras, situadas muito alem de todos os habitos do nosso seculo e do nosso espirito, embora!

«Comprehendemol-as immediatamente!

«Este homem é tão grande que as differenças de tempo e de nacionalidade não subsistem em frente d'elle!»



Não é só porque é grande que essas differenças não subsistem: é porque n'elle, como no Dante, seu amado mestre, como em Shakespeare, como em Beethoven, como em Victor Hugo, a humanidade de todos os tempos tem encontrado, e ha de encontrar a synthese de tudo que n'ella ha de mais profundo e immutavel. São os homens da sua época, por certos lados da sua educação, por certas influencias mais ou menos predominantes a que não podem inteiramente furtar-se, mas são principalmente os homens de todos os tempos e de todas as nações, porque n'elles o fundo invariavel do sentir humano tem mais vastidão e mais profundeza.

Reagem contra todas as injustiças que o seu seculo applaude, e que n'elle reinam e triumpham, porque, superiores aos preconceitos e ás idéas falsas e transitorias, têem o seu ideal de belleza e de justiça, que lhes foi revelado pela propria alma.

Em Miguel Angelo não é a perfeição do artista, não são as aptidões tão variadas e tão singulares que principalmente nos captivam.

O seculo em que elle viveu, e que elle encheu com a fama do seu nome e com os productos do seu fecundo trabalho, foi o seculo mais opulento de artistas que a historia lembra e commemora.

Leonardo Vinci foi, como elle, universal, e foi mais do que elle, fino e delicado; Raphael teve a pureza de linhas, a graça ideal das concepções, a suave poesia virginal das suas madonas inimitaveis, teve uma serenidade mais christã e ao mesmo tempo mais clas-

sica, foi o pintor da renascença mais perfeito e mais fiel; o Tiziano teve a deslumbrante opulencia de colorido, a riqueza exuberante e transbordante da sua palêta veneziana; todos elles foram mestres, que era possivel igualar, mas não exceder.

O que nenhum d'elles teve foi a alma impetuosa e severa, triste e heroica, digna e apaixonada, de Miguel Angelo.

Nenhum amou, como elle, a sua arte, não pelos gozos que ella lhe proporcionava, pelos triumphos de que lhe era origem, pelas riquezas que d'ella lhe provinham, pelo favor dos opulentos e dos poderosos, pelo favoritismo dos principes e dos papas, mas pelas austeras alegrias do trabalho sem repouso e sem treguas, pela acre volupia do obstaculo combatido e vencido, por aquelle amor quasi doloroso da perfeição, que nunca, por mais bella que fosse a sua obra, o deixava ficar satisfeito e orgulhoso com ella.

Velho, já decrepito, perguntavam-lhe um dia, encontrando-o perto do Coliseu a caminhar por sobre a neve:

«—Onde é que vae?

«—Á escola, a ver se aprendo alguma cousa.»

Era idolatra da arte, porque a arte lhe permittia que expandisse em monumentos immortaes o excesso, a superabundancia de energia e de sentimento que nenhuma paixão menos nobre logrou distrair ou macular.

Mas a arte para elle era um fim, nunca foi, como para tantos dos mais illustres do seu tempo, um meio.

Vivia como um anachoreta, como um asceta, devorado pelo seu pensamento incessante, pedindo a Deus vida para encher de obras primas Florença, a patria do seu nascimento, Roma, a patria da sua adopção.

N'aquella época de orgias, de amores livres e impu-

dicos, de soltos costumes pagãos, de festins e de bachanaes, em que o talento dos artistas, a formosura das mulheres, a generosidade e galanteria dos principes, resgatavam e justificavam as mais nefandas monstruosidades, elle viveu sobrio, recolhido, casto, austero, passando dias e dias em cima de seus andaimes, a trabalhar como o mais miseravel jornaleiro que precisasse de ganhar o salario da familia, alimentando-se de pão secco, e de tal modo absorvido pelos gozos violentos do seu genio, que se esquecia de tudo que fosse conforto, commodidade, alegria, prazer de sociabilidade ou de representação.

Era artista como os ascetas do christianismo primitivo eram santos.

Com um completo desprendimento mundano, com um esquecimento absoluto das exigencias da materia.

Tudo sacrificou pela arte, menos a propria dignidade; resistiu de frente a frente a todos que lh'a quizeram conspurcar, e as suas biographias contam todas, como elle soube fazer-se respeitar até de Julio II, aquelle papa guerreiro e violento que trouxera para a cadeira pontifical os costumes e as colericas explosões de um *condottieri* da época.

Com este caracter justo e tão dignamente austero, com este respeito da sua inviolavel consciencia, imagine-se o que seria o sentir de Miguel Angelo no meio das agitações e dos crimes que então sublevavam e agitavam a Italia.

Invasões estrangeiras, rebelliões intestinas, traições, morticinios, envenenamentos, castigos barbaros, luctas sem treguas, e a cobrir tudo isto um manto de brilhante immoralidade e de artistico explendor.

Miguel Angelo, que ouvira a palavra inflammada

de Savonarola, o tribuno florentino, que estremecera ao sopro biblico das suas prophecias ameaçadoras, que lhe assistira ao terrivel supplicio, que se enthusiasmara com a lugubre poesia das suas predicas ardentes; que lêra e meditara na mocidade os bronzeos tercetos do Dante, e para quem a palavra — republica — vibrava aos ouvidos como uma bella e redemptora promessa, seguida sempre por um cortejo de heroicas dedicações e de altissimos sacrificios, Miguel Angelo, em face da sua bella Florença, da sua inspiradora Italia esquartejada, dilacerada, sangrenta, palpitante, mas sempre ebria como uma bachante antiga, exprimiu em estrophes de pedra, em frescos sombrios como a Divina Comedia, e como ella illuminados aqui e ali por um dôce raio de formosura virginal, as suas coleras reprimidas, as suas intimas revoltas, as suas indignações de patriota, as suas tristezas de alma honesta e pura.

Não podendo ter por patria a formosa peccadora que, mesmo no excesso das desgraças, coberta de ouro, de pedrarias, de joias cinzeladas pela mão dos seus amantes immortaes, ostentava impudicamente os encantos pagãos, teve por patria e por supremo refugio a arte, a sua amante, a sua amiga, a sua mãe!

E como ainda assim não lograsse traduzir completamente no marmore das suas estatuas e dos seus monumentos, na grandiosa poesia das suas pinturas, todas as vagas e indefiniveis tristezas que sentia, todas as aspirações que o impelliam para um mundo mysterioso e superior, nos raros intervallos do trabalho que o absorvia, deixava que a sua alma se ajoelhasse, e escrevia um soneto como quem resa uma oração.

É nos seus versos, portanto, que nós vamos colher

a flor mais mimosa, mais escondida, mais orvalhada de lagrimas da alma do grande artista!

Vão completar os seus versos as confidencias começadas pelo sorriso adoravel da sua *Eva,* pela attitude tão dolorosa e tão eloquente da sua *Noite,* pela tragiça poesia de todas as figuras filhas do seu pincel ou do seu escopro, pela indecifravel melancolia que reveste, e como que consagra o conjuncto da sua obra.

E, sobretudo, é nos seus versos que vamos saber a historia casta e leal do seu unico amor, e que vamos resurgir diante dos nossos olhos a Beatriz d'aquelle Dante, a figura aristocratica, severa, um pouco velada de Victoria Colonna, a marqueza de Pescara, o typo mais completo e mais curioso da mulher illustrada e illustre da renascença.

III

A nossa época utilitaria, positiva, altamente e intuitivamente democratica nas concepções e nas aspirações, só a custo poderá comprehender o que era a mulher do seculo XV e do seculo XVI, a mulher de sociedade no seu estado de mais esmerada cultura, e de mais aperfeiçoado desenvolvimento.

Victoria Colonna, marqueza de Pescara, mulher de levantado espirito e occupando uma posição tão alta que a collocava ao lado das mais nobres princezas do seu tempo, é por assim dizer um dos exemplares mais caracteristicos e mais completos que possamos apresentar ás leitoras, para lhes darmos uma idéa da

civilisação a que ella pertencia, debaixo do seu aspecto litterario e social.

Victoria Colonna nasceu em Marino, pequena cidade dos estados romanos, feudataria da sua familia, no anno de 1490.

Seu pae, Fabricio, duque de Paliano, concedeu-a em casamento, quando ella apenas tinha dezesete annos, a Fernando Francisco de Avalos, marquez de Pescara, que veiu a ser um dos mais valentes e dos mais brilhantes generaes da Italia do seu tempo. O marquez de Pescara foi o commandante em chefe das tropas napolitanas, na liga dos principes italianos com Carlos V contra os exercitos então victoriosos de Francisco I.

Aos dezeseis annos fôra feito prisioneiro na batalha de Ravenna, e, segundo os gostos litterarios da época, consagrára os dias de captiveiro a escrever um *Dialogo de amor*, que enviou á sua noiva.

No anno seguinte casou com Victoria; em 1515 combateu em Marignan, n'essa batalha que a historia appellidou *dos gigantes*, e depois da qual o rei de França, victorioso, se fez armar cavalleiro por Bayard; no dia 24 de fevereiro de 1525 commandou contra Francisco I e La Tremouille, durante a batalha de Pavia, ao cabo da qual Francisco I, o mais cavalleiro dos reis e dos captivos, enviou á sua mãe aquella celebre e laconica mensagem: — *Tout est perdu fors l'honneur.*

O marquez de Pescara batera-se como um heroe, e deixou o campo crivado de gloriosas cutiladas.

Marone, chanceller do duque de Milão, veiu, em nome d'esse principe e do papa, offerecer-lhe como premio do seu valor a corôa de Napoles, que o marquez acceitou, entrando logo depois na liga contra Carlos V.

A marqueza, porém, senhora de atilado e claro espirito, persuadiu seu marido a que regeitasse as honras e os perigosos encargos da realeza; mas a sua influencia não teve sufficiente força para se oppor a que elle caísse na deploravel fraqueza de revelar ao imperador Carlos V os projectos em que havia elle proprio tomado activa parte.

Esta gloria tão pura empanou-se para sempre com a mancha indelevel da traição.

Pouco depois, em novembro de 1525, o marquez de Pescara succumbia ás feridas do ultimo combate, e deixava inconsolavel, e pranteando para sempre a sua perda, uma viuva de trinta cinco annos, que era ao mesmo tempo uma das damas mais illustres e mais eruditas do seu tempo.

A marqueza obedeceu, mesmo n'aquelle culto tão sincero prestado á memoria de um morto, á tendencia pedante da época em que nascera e em que brilhára.

Ella realisava e mesmo excedia talvez o ideal de *dama da côrte,* formulado na linguagem artificial do seculo, no celebre livro de Balthazar di Castiglione *Il Cortegiano*.

Tinha, como elle, proclamado indispensavel «aquella affabilidade graciosa, com a qual se sabe conversar com todas as diversas categorias de pessoas, com palavras civis, agradaveis e accommodadas ao tempo, aos logares e á qualidade d'aquelles a quem se dirigem».

Tinha «um porte tranquillo e modesto, uma civilidade que media todas as suas acções, e, alem d'isso, uma certa vivacidade de espirito, pela qual se mostrava adversa a tudo que fosse enfadonho ou pesado; e juntava a tudo isto um certo genero de bondade, que

a fazia considerar não menos prudente, pudica e branda, do que amavel, judiciosa e fina».

Conhecia, como *Il Cortegiano* ordena que se conheçam, «as letras, a musica e a pintura».

Sabia «dançar bem, conversar agradavelmente». Satisfazia, emfim, todos os preceitos da fina e superior educação d'aquelles tempos, sendo uma litterata distincta, conhecendo a antiguidade nas suas obras de arte e nas suas obras de erudição, manejando facilmente o latim, estando plenamente no caso, pela sua educação artistica e pelo seu talento natural, pelo meio em que tinha nascido e vivido, e pelas qualidades que posteriormente adquirira, de comprehender a arte do seu seculo, no que ella tinha de mais elevado e nobre e os refinamentos artificiaes de sua civilisação, no que estes tinham de mais delicado e de mais elegante.

Producto incomparavel de um seculo intelligente e artistico, mas que não fizera senão adaptar ao seu fundo barbaro os ornatos e esplendidas roupagens de uma civilisação morta e enterrada!

D'aqui provém todos os contrastes que tanto nos ferem ao estudarmos o assombroso periodo da renascença.

Victoria Colonna, não podendo, pois, furtar-se á influencia poderosa das idéas que então dominavam, depois de chorar sinceramente o marido, que estremecia, como o choram todas as mulheres, qualquer que seja o seu seculo e a sua nacionalidade, chorou-o do modo particular que estava em mais harmonia com o sentir da sua época.

Chorou-o em verso:

«Scrivo sol per sfogar l'interna doglia
«Di che si pasce il cor, ch'altro non vole
«E non per guinger lume al mio bel sol
«Che lascio in terra si onorata spoglia.»

«Escrevo só para exhalar a dôr que me dilacera a existencia. Nada mais quero, porque não posso acrescentar mais esplendores ao meu sol, áquelle que deixou na terra tão honrados despojos.»

Alem dos sonetos de paixão incendiaria que ella consagrou á memoria do seu *sol victorioso,* escreveu tambem um poema heroico com o fim de celebrisar os seus feitos militares.

Começou então a espalhar-se pela Italia tão namorada e tão artista, pela Italia doida por todas as cousas do espirito, prompta a verter o thuribulo do seu perfumado incenso aos pés de todos os cultores do bello, a fama de que uma mulher de grande e illustre nome vinha acrescentar ás suas glorias herdadas, a gloria do talento, a suprema fascinação da poesia.

Miguel Angelo, o sombrio e solitario artista, o pensador austero, a alma tão singularmente attraída para tudo que era grande e que era triste, conheceu ao mesmo tempo o talento da poetisa e a dôr inconsolavel e profunda da esposa.

Ambas as cousas o chamaram.

*
* *

Como dissemos anteriormente, elle tinha-se alimentado desde a mocidade com a leitura do Dante.

Seu pae, que havia querido fazer d'elle, não um esculptor, mas um erudito, concorrera talvez d'esse modo para que o espirito de Miguel Angelo tivesse de principio um cultivo muito mais cuidadoso e esmerado do que geralmente recebiam os moços d'esse tempo, que consagravam a sua vida ás artes plasticas.

A leitura do Dante influiu extraordinariamente em

toda a vida de Miguel Angelo e na concepção estranha e gigantesca da sua obra.

Foi tambem essa leitura que, alem de o fazer justiceiro e patriota exaltado, lhe inoculou no espirito aquella essencia de cavalleiresco mysticismo, que é a origem de toda a poesia medievica, e que abre um rastro de luz ideal através do sombrio poema florentino.

Havia grandes analogias de caracter, de sentimento, de pensar entre os dois maiores homens que a Italia tem produsido.

Se o primeiro, tendo vivido n'um seculo barbaro, tendo tido o exilio e as perseguições em recompensa da sua austera e aspera virtude, tinha sido mais violentamente sacudido pelas agrestes ventanias da desgraça; o segundo, em condições comparativamente favoraveis, com o valimento e o respeito dos mais altos personagens do seu paiz, com a admiração unanime dos seus contemporaneos, nem por isso deixara de conhecer tambem o acre sabor do infortunio.

O capricho despotico dos mesmos que tinham em alto conceito o seu genio; o ciume insidioso e traiçoeiro dos seus rivaes; as desgraças publicas, que se repercutiam dolorosamente n'aquella alma altiva e livre de cidadão; o rebaixamento e amortecimento dos principios moraes, e sobretudo alguma cousa de mais intimo, de mais secreto, de mais invisivel que tudo isto; a desproporção e o contraste que existiam entre elle e a sua época; a sua sensibilidade delicada, que tão accessivel o fazia á indignação, á dôr, aos abalos interiores; um modo particular de ver e de sentir, que o distanciava do resto dos homens e o condemnava a uma triste isolação.

Junte-se a isto tudo, que constitue o homem e que

predomina no artista, a feição especial do seculo, e tem-se como resultado a poesia de Miguel Angelo.

Ao ler os versos de Victoria Colonna, o grande esculptor sentiu vibrar dentro de si uma corda virginal em que ninguem tocára.

Tinha emfim encontrado a sua Beatriz.

Escreveu-lhe, portanto, uma carta, ao mesmo tempo respeitosa para com a sua dôr, e admirativa para com o seu talento.

Victoria, que cultivava, como todos os espiritos mais educados d'aquella quadra, o amor da epistolographia, respondeu-lhe com o apuro um tanto pedante que a distinguia.

Começaram aqui essas relações platonicas, cujo resultado mais palpavel e tambem mais glorioso foram os sonetos, alguns admiraveis, em que Miguel Angelo affirmou a sua individualidade de poeta e nos deu a chave do seu sentir mais occulto.

Miguel Angelo tinha então cincoenta e um annos, Victoria tinha mais de trinta e cinco; no entanto era tal a virgindade da alma do artista, que o seu amor outoniço e tardio foi como que uma reflorescencia adoravel, onde brilham as mais purpureas e avelludadas rosas da ternura juvenil.

N'estes sonetos, o que nos attrae e delicía não são de certo as bellezas da fórma, se bem que a fórma seja sempre a imitação mais ou menos feliz da poesia do Dante e de Petrarcha.

N'elles não procuramos modelos classicos, procuramos mais e melhor: as confidencias de uma grande alma.

Não é de certo o amor debaixo da fórma por que outros o conheceram, não são simplesmente os devaneios platonicos do sonhador de Laura, ou as recordações,

entre imaginarias e reaes, do amante de Beatriz; é um affecto levantado e profundo, exclusivo, porque o nobre artista nunca por outra sentira o que sentiu pela filha dos Colonna, ideal porque esta se conservou sempre na sua isenção immaculada, e ao mesmo tempo terrestre, pois que n'elle se synthetisavam e fundiam todos os sentimentos da sua alma.

Donna leggiadra altera e diva, chama-lhe Miguel Angelo na sua devoção extatica, e essa *formosura,* essa *altivez,* essa *divindade,* é que seriam capazes de captivar o espirito irrequieto e ambicioso de artista eminente.

Era de certo formosissima a marqueza de Pescara a julgarmos pelo retrato que d'ella traçou o proprio pincel do seu genial amante.

N'essa physionomia correcta e de uma perfeição classica não transluzem os arrebatamentos da paixão.

Os olhos rasgados, profundos e tranquillos revêem as meditações austeras, ou a contemplação interior em que a alma se mergulha e se perde; a bôca severa e casta, foi feita mais para a oração e para as tranquillas dissertações philosophicas ou para as conversações cultas de sala, do que para os gritos eloquentes do desespero e para os juramentos convulsos e desordenados do amor feliz.

Tem a compostura magestosa de quem está costumada a reinar, e a belleza dominadora de quem nunca se deixou vencer nos combates da vida.

E assim devia ser.

As mulheres bellas são quasi sempre as mulheres frias.

As outras têem as lagrimas quentes, que cavam nas

faces sulcos denunciadores, que amortecem e apagam o brilho avelludado do olhar, que desformisam a harmonia das feições na contorsão convulsa do desespero; têem as angustias violentas que embranquecem n'uma só noite cabellos que tiveram a côr fulva do ouro, ou o brilho azulado das azas do corvo; têem aspirações mordentes á ventura que teima em fugir-lhes, aspirações que as consomem, que as envelhecem, que as aniquilam por fim.

Darão talvez uma felicidade mais completa, mas dão sem duvida uma felicidade mais ephemera.

Victoria Colonna não pertencia á familia d'estas victimas predestinadas a queimar-se no fogo, que ellas proprias acendem e alimentam.

Era um claro entendimento preoccupado com todos os altos interesses do seu tempo.

Apezar da sua aristocratica devoção, as idéas levantadas pela Reforma acharam echo no seu espirito, e tiveram n'ella uma decisiva influencia.

Pensava, estudava, amava as artes, comprehendia os artistas, lia as obras primas da antiguidade, era amiga dos espiritos superiores que então enchiam a Italia como uma pleiade victoriosa, e por todos estes motivos estava no caso de ser a musa e a inspiradora de um homem de genio.

N'este, porém, é que não imperavam identicos motivos: o seu amor foi mais sincero, mais arrebatado, mais inteiro.

Elevava-a bem alto no seu culto interior, e dirigia-lhe, para lh'o provar, o formoso soneto que é uma perola da poesia italiana, e que começa d'este modo:

«La vita del mio amor non é 'l cor mio
«Che l'amor de ch' io t'amo é senza cuore»

Outras vezes, porém, queixava-se com tristeza, com aquella timidez melancolica que fica tão bem aos homens superiores, d'esse sentimento despotico que só penas e frustradas esperanças lhe trazia.

«Porque será que eu já me não pertenço? exclamava em formosissimos versos.

«Quem é que a mim proprio me roubou? quem é que teve sobre mim poder maior que aquelle que eu mesmo tenho tido?

«Como é que me traspassaram o coração, sem me ferirem?

«E qual é este amor que captiva de tal modo os desejos, que penetra pelos olhos até ao intimo da alma, e que dentro da alma parece tão desmedidamente crescer, que d'ella irrompe depois por mil diversas maneiras?»

Depois, explicando a essencia superior do seu sentir, diz n'um formoso madrigal:

«Como guia fiel da minha vocação, recebi na infancia aquelle *sentimento do bello* que nas duas artes me serve de espelho e de luminar.

«Basta um dom similhante para levantar o olhar até essa altura que eu procuro attingir para esculpir e para pintar.

«Só os espiritos temerarios e grosseiros reduzem a um effeito sensual a formosura, diante da qual toda a intelligencia sã, se sente commovida e transportada ao céu.»

Como se vê na belleza e na graça fascinadora da mulher, o artista não via senão um meio efficaz de se aproximar da perfeição, á qual desde a infancia tendiam as suas aspirações e os seus desejos.

A este affecto tão nobre e tão levantado podia cor-

responder, sem se deslustrar, a viuva do marquez de Pescara.

Deixando Ferrara, onde passou dez annos depois da morte do seu marido, cedendo ás respeitosas instancias do seu grande amigo, veiu estabelecer-se em Viterbo, no convento de Santa Catharina, perto de outro amigo, a quem muito queria, o cardeal Pole, um dos mais virtuosos prelados do seu tempo.

Resta-nos descrever a intimidade affectuosa que desde então se estabeleceu entre o grande genio e o grande espirito, e a dôr inconsolavel com que a morte de um feriu para sempre o amante coração do outro.

IV

Como dissemos, dez annos depois de enviuvar, Victoria Colonna veiu estabelecer-se no convento de Santa Catharina.

Aproximando-se do sitio em que habitava Miguel Angelo, começou entre os dois uma troca mais intima e mais affectuosa de relações.

Elle procurava n'ella a inspiração, o alento, o consolo para as austeras tristezas da sua vida, ella deixava-se admirar, e cedia ao ineffavel orgulho de ver aos seus pés, reverente, ajoelhado, quasi infantil, um homem a quem já todos promettiam a immortalidade.

Foi por esse tempo que o pintor da capella sixtina offereceu á sua altiva musa tres desenhos que representavam um *o Christo na cruz*, outro *o Christo morto*

sobre os joelhos de sua mãe, e o terceiro *Jesus na cisterna de Samaritana.* Offerecendo-lhe estes quadros, cujos assumptos sombrios tanto se casavam com a profunda melancolia da marqueza, dirigia-lhe o seu glorioso amante este soneto que tão eloquentemente traduz, ao par da mais sublime modestia, o sentir requintado e sublime d'aquelles tempos.

«Para te parecer, illustre senhora, menos indigno da tua immensa bondade, quiz darte uma amostra mesquinha, embora, do meu fraco talento.

«Mas, comprehendendo que o meu proprio valor nunca lograria traçar-me um caminho que chegasse a tal fim, sinto que me esmorece o temerario arrojo, e a minha fraqueza transforma-se em prudencia.

«Vejo quanto se illudiria aquelle que julgasse que a minha obra ephemera e mortal podia igualar a graça divina que em torno de ti derramas!

«O genio, a arte, o valor, tudo é vencido; porque as obras do homem, por mais novas que fossem, por mais allumiadas pela luz do genio, nunca poderiam pagar um dom celeste.»

Era a mesma mão que traçava estas linhas humildes, d'aquella dôce e sincera humildade dos corações que muito amam, que havia pouco escrevera nos muros da sixtina a ultima pagina do seu poema dantesco e biblico o *Juizo Final.*

É verdade que os homens de alto engenho vivem no intimo torturados pela eterna desconfiança da sua obra.

Entre o que concebem e o que realisam ha sempre uma distancia tanto maior quanto é mais elevado o ideal a que aspiram e do qual tentam aproximar-se.

Ao terminar o *Juizo Final,* em vez de sentir a suprema satisfação que devia, no pensar invejoso dos me-

diocres, illuminar aquelles que conquistaram a sua propria immortalidade, Miguel Angelo, entristecido pela idade e pelos desenganos, deixava pender a fronte sombria e murmurava com infinito desanimo a transluzirlhe no olhar:

«Sabia mais na mocidade do que sei na velhice.»

Proviria acaso d'esta insaciavel sede da perfeição que o devorava, a mysantropia quasi feroz dos ultimos annos da sua vida?

O genio, no fim de contas, não será senão a faculdade de ver de mais perto, com olhos de mais fina e dolorosa penetração, esse bello intangivel que á natureza humana não é dado abraçar?

Quasi que nos sentimos inclinados a acredital-o vendo esse homem singular a caminhar durante pouco menos de um seculo, sempre absorto n'um sonho de belleza summa que não achou realisação em nenhuma das espantosas producções do seu espirito; nem nos frescos desordenados e geniaes do Vaticano, nem na bella e arrojada architectura de S. Pedro, nem na magestade prophetica do *Moysés,* nem na expressão sombria e mysteriosa d'aquella *Noite* diante da qual param assombrados todos os artistas e vagamente embevecidos todos os poetas.

Que queria, que buscava elle na terra? Que esplendidas figuras de archanjos e de virgens, que bellas e heroicas fórmas juvenis, que primores de ignoto cinzel, que enorme entrelaçamento de côres e de linhas passavam nas longas horas de vigilia pelos olhos ardentes d'este fulminado semi-deus?

Está n'esta inquietação dolorosa, n'este anceio nunca satisfeito, n'este aspirar continuo o segredo da sua grandeza.

*
* *

E no meio d'essa grandeza, que suaves puerilidades do sentimento, e como nos sentimos bem ao pensar que o homem que foi tão assombroso pelo talento, teve de commum com todos os que temos amado e padecido os desejos infantis, os sonhos, as chimeras, todas as fragilidades do coração.

Setenta e seis annos tinha Miguel Angelo quando pedia a Victoria Colonna que lhe deixasse esculpir o seu busto ou pintar o seu retrato.

Não te rias leitora!

Setenta e seis annos tão sobrios, tão castos, tão vigorosos que correspondem a quarenta da nossa geração anemica, estropiada e corrompida.

E se não, escuta esta prece eloquente e apaixonada, e dize se ao inspiral-a te não sentirias commovida e feliz:

«Como póde ser, nobre senhora (e comtudo assim nol-o mostra uma longa experiencia), que uma imagem esculpida em pedra dura, possa viver muito mais de que o seu auctor que breve cae ferido pela mão da morte?

«O effeito é superior á sua causa ephemera, e a arte vence n'este ponto a natureza. Não o posso ignorar eu, para quem a sublime esculptura é tão desvellada amiga, e que vejo todos os dias o tempo quebrar as promessas que me havia feito.

«Talvez que a ambos nós, eu possa dar uma longa vida, traduzida pelas tintas ou pelo marmore, reprodusindo a um tempo a nossa affeição e as nossas fórmas.

«De modo que mil annos depois da nossa morte, vejam como tu foste bella, como eu te amei, e porque não era um louco em te amar tanto.»

«Sicché, mil anni dopo la partita
«Quanto tu bella fosti ed io t'amassi
«Si veggia, e come a amarti io non fui stolto.»

No ultimo terceto, este bello movimento apaixonado é de uma energia intraduzivel.

O poeta, o artista, o amante presente a ironia, a incredulidade talvez dos seculos, e quer destruil-a apresentando-lhe o bello retrato da mulher que ama com os juvenis ardores que não teve mais cedo.

Mas que lhe importam a ella os juizos do futuro, se a sua vida toda se encerra no passado, n'esse passado que partilhou com o seu bello e heroico amante, em cujo tumulo lhe ficaram encerradas todas as esperanças e todas as alegrias!

*
* *

Na academia real das sciencias de Lisboa ha um manuscripto curiosissimo, que nos introduz na intimidade dos dois espiritos superiores de que temos aqui tratado.

É a narrativa fielmente escripta por Francisco de Hollanda, enviado pelo rei de Portugal a Roma para ahi estudar a arte italiana.

Não ha nada mais util para estudar, quer um secu-

lo, quer os personagens que n'elle viveram e representaram, do que estas chronicas obscuras e despretenciosas que só pretendem ser exactas, e se não distinguem pelo minucioso esmero artistico.

A narração de Francisco de Hollanda é d'esse genero.

Muito extensa para que a possamos citar toda, tão indispensavel a achamos para completar o nosso imperfeito estudo, que vamos transcrever alguns dos trechos mais caracteristicos:

«Onde entre esses dias que eu assi n'aquella côrte (Roma) passava ouve hũ Domĩgo de ir vêr Messer Lactancio Tolomeu, como outros costumava; o qual cõ ajuda de Messer Blosio, secretario do Papa, foi o que me a mi deu a amizade de Micael Angello.

«Era este Messer Lactancio pessôa mui grave assi por nobreza de animo como de sangue, que sobrinho fôra do cardeal de Senna, como por sapiencia de letras Latinas e Gregas e Hebraicas, como por sua Authoridade de annos e de costumes.

«Mas achando eu ẽ sua casa recado qũ stava ẽ Monte Cavallo, na Igreja de Saõ Silvestre cõ a Snôra Marqueza de Pescara, ouvindo hũa lição das Epistolas de São Paulo: La me fui a Monte Cavallo e a São Silvestre.

«He polo conseguinte a Snôra Vittoria Colonna, Marqueza de Pescara e irmã do Snôr Ascanio Colonna, hũa das mais Illustres e famosas Donnas que ha ẽ Italia e ẽ toda a Europa qũ he o mundo.

«Casta e inda fremosa. Latina e avisada e cõ todas as mais partes de vertude e clareza que se nũa fêmea pode louvar.

«Esta depois da morte de seu grã Marido tomou particular e humilde vida. Cõtẽtãdose do que ẽ seu

stado tinha vivido, e agora só Jesus Christo e os bõs studos amãdo, fazẽdo muito bẽ a proves mulheres e dãdo fructo de verdadeira catolica.

....

«Como me ella mãdou assentar e se acabou a lição e os seus louvores, olhãdo para mi e para Messer Lactancio: Se me eu não enganno (começou a dizer) logo Francisco Dollanda tomára de melhor vontade ouvir pregar da Pintura. A quẽ sabe agradecer hase-lhe de saber Dar, moormente pois me fica a mi tamanha parte dãdo como a Francisco Dollanda recebẽdo.

«João vae a casa de M. Angello e dise lhe que eu e Messer Lactancio stamos aqui cõ sta capella agoada e a Igreja fechada e graciosa. Se quer vir perder ũ pouco do Dia conõsco, para que o nos gainhêmos cõ elle, e não lhe digas que sta aqui Francisco Dollanda o Spanhol.

«Estando ũ pouco sẽ fallar e ouvindo bater na porta começarã se todos a doer de que não devia de vir Micael pois tornava tão depressa a resposta. Mas Michael que ao pé de Monte Cavallo pousava, acertou por minha bõa dita de vir contra São Silvestre; fazendo o caminho das Termas cõ o seu Urbino filosófando pola via esquilina e achandosse tã dentro do recado que não poude fugir, nẽ deixava de ser o que batia na porta.

«Ergúeu-se a Snôra Marqueza ao receber, e esteve a pé bom pedaço antes que o fizesse assentar entre ella e Messer Lactancio, e eu assentei-me hũ pouco arredado. Mas a Snôra Marqueza (stando hũ pouco sẽ fallar) e não querendo dilatar o seu stylo de ennobrecer sẽpre os que a conversavam e o lugar onde stava, começou cõ arte o que não poderia escrever, a fallar muitas cousas bem dictas e avisadas, cortezmẽte dictas, sẽ

tocar nũca ẽ Pintura para não affugentar o Grãde Pintor, e via-a eu star como quẽ combate hũa spunhavel cidade, por descripção e manha, e ao Pintor assi mesmo viamos star sobre aviso e vigilante como que fora cercado e pondo sentinella ẽ hũa parte e n'outra mandando alçar pontes..............................»

(Dialogos da Pintura na cidade de Roma.)

Pouco a pouco a conversação foi-se animando; o velho artista, que ao principio se esquivava timido e arisco, foi perdendo insensivelmente a desconfiança, que a vista de um intruso lhe causava.

E chamado a terreiro com a habilidade de uma mulher de espirito e de uma diplomata finissima, fallou de si, dos seus habitos, dos seus gostos, das suas estranhezas, que os papas e os principes censuravam e de que elle se desculpava chãmente e singelamente; explicou o seu amor pelo trabalho, pela concentração, pelo estudo; a austeridade melancolica do seu viver, aquella preoccupação poderosa em que andava sempre absorto.

Depois, interrogado ácerca da pintura de Flandres, provocado delicadamente por Victoria a entrar n'essas discussões de que tinha por costume fugir, foi apaixonado, eloquente, sincero sobretudo.

E os outros ouviam-lhe a voz, enlevados pela fluencia d'aquella palavra tão auctorisada e tão digna.

* * *

Estamos bem longe, n'esta atmosphera de elevada e tranquilla philosophia, das tempestades e das agitações da paixão feliz.

Não se pense, porém, que só n'estas praticas se íam passando os dias.

Miguel Angelo amava realmente; tinha ciumes do morto que fôra adorado, adorado como elle nunca o seria, e se umas vezes se levantava ao céu nas azas da sua mystica ternura, outras vezes chorava a sua triste sorte, e amaldiçoava a causa das suas lagrimas sem consolo.

«Amantes, fugi do amor; fugi das suas chammas; o seu incendio é cruel e a sua ferida mortal. Para quem não foge a tempo, de nada serve o valor, a força, a rasão, a mudança de lugares...

«Fugi! que o meu exemplo não seja por vós despresado, ao verdes o dardo venenoso que me feriu.

«Lêde em mim qual será a vossa desgraça, de que jogo despiedoso e impio vós sereis victimas.

«Fugi ao primeiro olhar, e sem demora; eu que julgava obedecer sómente á minha vontade, sinto agora, e todos vêdes como eu ardo...»

«Fuggite, amanti, amor fuggite il fuoco,
«Suo'ncendio é aspro, e la piaga è mortale.
«Chi per tempo, nol fugge, indi non vale
«Nè forza, nè ragion, nè mutar loco.»

Ha outro soneto que termina por esta prece:

«*Que depois de tamanho soffrimento,* eu receba emfim o tão desejado premio do meu amor!»

Era debalde que elle pedia um premio.

O coração de Victoria, desflorido e frio como um co-

ração de mulher pedante, se um dia soubera crêr e amar, enterrára as folhas dispersas do poema da sua alma no tumulo em que guardára o corpo do seu marido morto.

Tudo morrera n'ella com o unico homem que soube fazer vibrar a sua tão escassa sensibilidade.

«Pois houve já destino igual ao meu? exclama o poeta n'uma das suas epistolas. Dar o meu amor, o meu culto, a minha abnegação, a minha fidelidade, e receber em troca, desdens, dôres, uma perpetua morte!»

E um dia, desesperado e agonisante, grita vencido emfim:

«Clamo por ti, oh meu Deus! és tu só quem eu invoco e imploro contra a minha cega e louca paixão!»

Corria o anno de 1547 quando este affecto tão profundo de um lado, e tão artificial do outro, foi subitamente quebrado pela mão da morte.

Victoria Colonna adoeceu e morreu.

Miguel Angelo assistiu aos ultimos momentos da unica mulher a quem amou.

Ajoelhado á sua cabeceira, viu descerem a pouco e pouco as sombras da noite sobre a fronte pallida e austera d'esta monja da viuvez.

Interrogou frente a frente a eterna esphinge, e d'essa interrogação mysteriosa lhe ficou para sempre uma tristeza mais sombria no coração.

Quando a bella cabeça da marqueza de Pescara caíu inanimada e livida nas rendas brancas do travesseiro, Miguel Angelo inclinou-se sobre aquelle leito mortuario transformado em altar, e beijou com reverencia timida e humilde a mão fria que estava caída sobre a roupa.

Foi o seu primeiro e ultimo beijo.

Tinha sido o seu unico amor!

Mais tarde, lembrando-se d'essa hora de tanta amargura, dizia com tristeza:

«Porque é que lhe não beijei a fronte?»

N'estas palavras encerra-se toda a castidade sublime d'este culto.



A morte de Victoria Colonna foi para Miguel Angelo um golpe mortal.

«Ó sorte fatal aos meus desejos de amante! grita o poeta desolado, ó esperança enganadora! ó espirito immaculado! onde estás agora? A terra cobre o teu formoso corpo, e o céu recebeu a tua alma divina!

«Porque é que a morte nos não matou a ambos! Para que me não libertou ella d'esta dôr que me crucifica!»

E em sonetos onde chora uma saudade sem nome, em sonetos onde parece resuscitar o espirito do Dante, evoca sem cessar a sombra da sua querida morta, e povôa com essa recordação luminosa e triste os dias sombrios da sua velhice gloriosa e solitaria!

Muito nos alongámos porventura n'este estudo que, ainda assim, fica incompleto, mas parece-nos que nos não levarão a mal os que apenas conheciam Miguel Angelo pelas maravilhas do seu escopro e do seu pincel, o tel-os feito penetrar nos escaninhos occultos d'esta alma tão bella e tão triste, e o tel-os feito ouvir as confidencias sentidas do seu nobre affecto.

«De hora para hora me vou finando, diz elle n'um dos seus ultimos versos; a sombra vae-se alastrando

em torno de mim; o sol declina; enfermo e abatido, succumbo, emfim, ao peso da vida!»

Não succumbiste, não, ó immortal athleta!

O teu nome cresce e não se apaga, e os que hoje contemplam a tua obra e conhecem a tua vida, admiram-te, porque foste grande, mas amam-te, porque foste generoso, austero e bom!

UM EPISODIO DA VIDA DE GOETHE

I

Diante d'este grande nome de Goethe, qual será o espirito, sobretudo o espirito de mulher, que se não suspenda amedrontado, timido e vacillante?

Um poeta é já de si uma creação complexa, indecifravel para os entendimentos vulgares; que fará pois quando, sobre ser poeta e poeta allemão, o que é pertencer duplamente ás regiões do mysterio, se é a encarnação viva e completa de um seculo e de uma nacionalidade, sem por isso deixar de comprehender todos os tempos e todas as raças; quando se tem abraçado em synthese harmoniosa todos os ramos do saber humano, sem que por isso a phantasia tenha deixado perder uma só flor da sua viçosa grinalda; quando se tem explorado com o mesmo exito assombroso a critica, a historia, a arte, a philosophia, a sciencia, deixando sempre atraz de si como vestigios indeleveis

da sua passagem de conquistador, novas formulas, novas interpretações, novos descobrimentos, e uma vida nova animando e fecundando todo esse vasto mundo intellectual?

Aquilatar um tal prodigio, fazer a critica da sua obra complexa e monumental, explicar a vida interior de que elle nos deu tão multiplas e maravilhosas manifestações, é decerto empreza superior a quasi todos.

Não é aspiração nossa tental-o sequer.

Vamos apenas contar um episodio da vida do grande poeta allemão ás leitoras portuguezas que, pela maior parte, o conhecem simplesmente atravez da musica de Gounod, o que não é decerto o modo mais completo de o conhecer.

É defeito geral entre nós, o pouco apreço que se dá ao intimo espirito que transparece em todas as obras de arte.

Quando lemos um livro, nós, principalmente as mulheres, gostamos ou não gostamos, mas nunca passamos alem d'este ponto.

Não indagamos se esse livro constitue parte de um todo que nos é inteiramente desconhecido, se é a revelação de um mundo mysterioso, cuja exploração fosse para o nosso espirito um progresso; não sabemos que força o creou; a que momento da vida humana corresponde; em que relação está com o conjuncto immenso de que é uma parcella.

Um livro nunca é mais que a expressão perfeita ou incompleta de um espirito; como esse espirito não é mais que a expressão completa ou imperfeita da humanidade.

É portanto sob este ponto de vista que principalmente nos deve interessar.

Se a litteratura fosse uma cousa abstracta, ficticia, sem existencia real, sem applicação no estudo da vida pratica, que papel lhe caberia hoje n'esta quadra utilitaria e positivista?

E, comtudo, nunca ella teve uma missão mais importante, nunca teve uma significação mais elevada e mais profunda.

É que a litteratura que os nossos avós encaravam como um passatempo agradavel ao espirito, é hoje considerada como um auxiliar proficuo da historia.

Sendo, como é, uma das mais visiveis encarnações da vida intellectual do homem, é ella que nos revella o enygma do passado; é atravez d'ella que reconstituimos os extinctos seculos, que surgem completos e vivos diante dos nossos olhos, com as paixões, instinctos, preconceitos ou virtudes, que os distinguiam, os homens que ha muito nos precederam na vida.

Se ella nos não esclarecesse e não guiasse, como haviamos de comprehender, nós que nos vamos lenta e successivamente transformando em virtude de tantas influencias complexas, as paixões que já não sentimos, as crenças que já nos não exaltam, os terrores, a ferocidade instinctiva que já não imperam na nossa imaginação e no nosso organismo, e até mesmo, quantas vezes! a grandeza ideal a que já não sabemos attingir.

Se os livros são uma parte do homem interior, e se esse é sempre para si mesmo, o abysmo, a esphinge, o oceano impenetravel e insondado, como póde deixar de interessar-nos vivamente tudo que nos ajude a erguer uma ponta do véu que eternamente se interpõe entre nós e a verdade.

A obra do poeta só poderá ser comprehendida ple-

namente por quem lhe houver estudado a vida; uma completa e explica a outra; subordina-se-lhe e recebe d'ella a consagração e a realidade.

É por isso que hoje vemos a critica moderna, tão lucida e tão racional, antes de abrir as paginas do escriptor, interrogar a existencia do homem, antes de dissecar e classificar os productos da intelligencia, estender o corpo vivo e palpitante sobre a negra mesa do amphiteatro anatomico, e arrancar-lhe um a um, com o escalpello penetrante, o segredo das mais secretas e delicadas particularidades do seu organismo.

Depois suppomos que, assim como um livro deve ser o resultado de um temperamento, de um espirito e de um coração em desequilibrio e em harmonia, assim o homem, sobretudo o homem de talento, quer dizer, aquelle que pela sua sensibilidade mais apurada e o seu entendimento mais comprehensivo, recebe em maior grau as influencias do mundo que o rodeia, tem de ser forçadamente o producto das idéas, dos sentimentos e da organisação social do seu meio.

Analysar um é por ventura o modo mais facil de chegar a comprehender o outro.

O seculo XVI, em Inglaterra, explica o genio a um tempo grandioso e selvatico, brutal e requintado de Shakespeare, como a vida individual de Shakespeare interpreta a sua obra.

A côrte de Luiz XIV, o despotismo galante, explica Racine, como a vida de cortezão delicado e extactico, que era o ideal de Racine, faz comprehender o seu theatro.

A nossa quadra de viagens aventurosas e de lendarias conquistas, produz Camões, como a inspiração bebida por Camões na sua vida de soldado, de viajante,

de trabalhador e de phantasista, produz os *Luziadas*, e os dota de uma vida immortal.

Onde poderá a França do seculo XVIII, aquella França tão profunda e tão frivola, tão humanitaria e tão dissoluta, a França das reformas sublimes, e dos eroticos madrigaes, achar uma expressão mais viva, mais pittoresca, animada e fiel que na obra, no engenho e na vida de Voltaire?

É d'este modo que na vida tudo está preso e relacionado entre si.

Esta universal e vivificante relação, que principia a ser tão bem comprehendida por todos os que pensam, dá á vida humana um novo aspecto, mais verdadeiro e mais sympathico.

Os humildes sentem-se ennobrecidos pela idéa de que não são de todo inuteis, pois que concorrem nos seus, embora escassos limites, para a obra dos grandes; os orgulhosos têem de olhar com menos desdem para os indispensaveis alliados, que até hoje nem viam sequer.

Estas idéas que ahi ficam simplesmente e imperfeitamente esboçadas, e que o espirito dos que nos lêem completará decerto, explicam de sobejo, em primeiro logar, a tendencia que nos leva a ir pedir á historia de um poeta as confidencias do seu intimo viver, depois a necessidade em que estamos de não separar completamente o homem moral do homem intellectual, sem comtudo nos atrevermos a julgar, a criticar este.

Trata-se de mais a mais dos ultimos amores de Goethe, amores dos sessenta annos, flor mystica e ideal, colhida por elle na velhice, e um amor d'estes nascido na metaphysica, na sonhadora e nebulosa Allemanha, é principalmente ao poeta que deve dirigir-se.

II

Goethe, como todos os homens de vasto engenho e poderosa influencia intellectual, tem inspirado as mais varias e contradictorias apreciações.

De um lado, os espiritos exaltados da Allemanha, pondo-o acima do resto do mundo, vêem n'elle o pontifice maximo do naturalismo, o Jupiter de um novo Olympo, e não sei quantas mais explendidas e extraordinarias cousas que a phantasia germanica sabe ver e crear; de outro lado, juizes, uns ainda captivados pelo seu prestigio omnipotente, outros de animo parcial e de pouco alcance critico, vêem sob um novo e imprevisto aspecto a sua altiva e lendaria indifferença, ou condemnam asperamente o que se lhes affigura insensibilidade natural, egoismo e endurecimento anti-sociaes.

O que ha, porém, de estranho na potente individualidade de Goethe, é que se não enganam estes, como se não enganam os que o pintam devorado de incertezas, atormentado pela sede fatal do desconhecido, suspenso entre a duvida e o desejo, e igualmente suppliciados por estes dois poderes maleficos.

Não se enganam os que o saudam como o Apollo Musagete, o bello adolescente radiante de genio e de belleza, arrojado e indomito, guiando no seu carro coriscante o cortejo das louras musas, e não se enganam os que o vêem sob o calmo aspecto desdenhoso de sectario do fatalismo oriental.

Goethe é tudo isso, é muito mais ainda do que isso.

Como são varias e complexas as manifestações do seu engenho, assim é complexa e vária a natureza que as produz.

A serenidade magestosa com que elle parece pairar sobre a terra, e assistir de muito alto ao espectaculo lamentavel das suas luctas e paixões, não é, só um producto espontaneo do seu temperamento, é sobretudo, o resultado de uma lenta e progressiva accumulação, feita pelos annos e pela acção incessante d'aquelle pensamento de titan.

Não se chama calmaria ao apasiguamento que succede ás grandes tempestades, nem se accusa de monotono o oceano, quando elle, depois de haver tocado nas nuvens com a crista das suas ondas espumosas, se espraia adormecido e placido sobre as areias de ouro e os rochedos escalvados.

E tanto essa apregoada indifferença não é um modo de ser, peculiar ao organismo do poeta, que não ha intelligencia alguma, por mais lucida e forte, que se não sinta entontecida pela vertigem ao interrogar-lhe o portentoso cerebro.

Não costumam exercer sobre os outros tão irresistivel influencia as naturezas frias, fleugmaticas e desherdadas da grande força activa e sympathica que n'esta se revela tão visivelmente.

Para saber tudo, é preciso ter sentido tudo; mas para reproduzir esse universo de sensações, de sentimentos e de idéas, Goethe convenceu-se de que era preciso dominal-o e não deixar-se dominar por elle.

É esta a grande, a incontestavel differença que existe entre o auctor do *Fausto* e os seus irmãos na intelligencia.

Os outros, possessos da inspiração, demoniacos do genio, são arrastados para fóra de si proprios ao impulso das violentas tempestades interiores; elle não.

Tranquillo, inalteravel, creador como o Deus gene-

siaco, está fóra e acima da sua obra, vivifica-a pelo seu espirito, illumina-lhe com a sua luz as minimas partes e o conjuncto harmonioso, e assiste impassivel ás evoluções e metamorphoses do seu proprio pensamento dentro do circulo que previamente lhe traçou.

Os outros, pela intensidade da sensação, elevam-se até ao pensamento; elle, pelo vigor do pensamento, chega a reproduzir em si a sensação.

Os outros, obedecendo ás naturaes exigencias do espirito e da materia, alcançam a verdadeira superioridade, a completa expansão das faculdades e das forças proprias, deixando-as desenvolver em todas as direcções que possam tomar, em todos os sentidos e por todos os caminhos possiveis.

Não se furtando a nenhuma sensação, adquirem mais do que os homens vulgares o direito de as saberem interpretar.

Elle, para alcançar identico fim, procede de modo opposto.

Á extrema expansão oppõe a extrema concentração.

Subordina ao pensamento todas as outras faculdades, e para o elevar á maxima altura e á maxima intensidade, para lhe fazer adquirir progressivamente a solidez, o brilho, a chamma diamantina, immola-lhe conscienciosamente, em resultado da sua logica inflexivel, as outras forças não menos activas, não menos ricas e fecundas de que a natureza o dotára com prodigalidade de extremosa mãe.

N'elle não póde haver, como alguns querem que haja, a impotencia innata do sentir. Seria absurdo admittir uma monstruosidade moral n'aquella bella natureza equilibrada e harmonica.

O que incontestavelmente existe, é um esforço ra-

ciocinado, perenne, systematico, para augmentar o vigor e a potencia creadora do espirito, á custa da sensibilidade do coração; é uma especie de mutilação lenta e progressiva operada pelo poeta em si mesmo, uma cultura especial a que elle sujeita methodicamente o cerebro prodigioso e que dá em resultado um exemplar unico, talvez inclassificavel, mais para excitar assombros do que para attraír imitadores.

Resta saber se este processo artificial empregado por Goethe durante a vida, com impassibilidade e inalteravel constancia, não amesquinha o seu genio em vez de o dilatar.

A admiração do mundo responde negativamente, mas quem poderá affirmar convicto o que seria Goethe se não houvesse applicado o seu obstinado esforço a suffocar dentro em si a expansibilidade affectiva que é o mais fecundo elemento da grandeza do homem?

Admittamos que não haveria sido o que foi, que a sua missão teria de se modificar forçosamente, que em vez d'aquelle monumento, por detraz do qual o poeta se some, para deixar transparecer visivel, na sua expressão mais completa e mais pura, o genio de todos os tempos e de todas as raças, a inspiração caracteristica de todas as civilisações, e que a rasão e a philosophia sobredouram de luz ideal, elle seria levado a dar-nos uma obra em que imprimisse o cunho da sua individualidade, como que a assignatura do seu genio, um aspecto mais sympathico, embora fosse menos correcto, mais attraente, embora menos universal.

Nem por isso elle deixaria de chamar d... romeiros do bello.

Geothe, tal como é, em que peze aos seus fanaticos, ficará sempre o grande nome, mas não o nome querido.

Elle, o supremo pantheista moderno, não deu á sua creação o calor vivificante, a seiva animadora, a alma interior que faz com que mesmo no seio das cousas inanimadas o espirito presinta um deus!

Respira-se perto d'elle a gelida atmosphera das regiões polares.

É esterilisadora como o riso do seu Mephistopheles a curiosidade fria, attenta e impassivel, com que o poeta naturalista observa a humanidade, conservando-se muito longe d'ella.

Mais de uma vez temos visto comparados pela influencia que exerceram no mundo da intelligencia os dois nomes de Goethe e de Luthero.

Elles são de feito os dois organisadores plasticos, um da lingua, outro da litteratura allemã, dois revolucionarios da idéa, e n'um ponto, incontestavelmente, operarios do mesmo edificio, porque, emquanto um junta, prepara, coordena os materiaes dispersos e informes, outro ornamenta e rendilha o templo já construido; emquanto um inicia a reforma que ha de transformar o mundo e o ideal moderno, o outro applica magnificamente e com todas as pompas do genio os principios que o primeiro estabelecera sem lhes perceber talvez o enorme alcance futuro.

Pára, porém, aqui o parentesco intellectual entre os dois nomes maiores da Allemanha.

A vida interior de Luthero é superior á de Goethe.

O formidavel frade, apaixonado e burlesco, pueril, meigo e terrivel, em cuja voz ha os sons trovejantes da procella, os risos homericos da revolta, e as bran-

das musicas da feminil ternura, tem a alma accessivel por todos os lados aos sentimentos humanos.

Soffre, ama, encolerisa-se e chora; tem enternecimentos deliciosos de uma idealidade ineffavel!

Elle, que faz tremer os imperadores e os papas, Carlos V e Leão X, conta historias da *carochinha* aos filhos pequenos, e scisma embebido n'uma melancolia de poeta, diante de uma flor, de uma ave, ou de uma creança.

Aves e flores tambem tem para Goethe um interesse profundo; ha, porém, uma differença, elle depenna-as vivas ou desfolha-as quando as não guarda no herbario ou no museu.

III

Dos dados que ahi ficam assentes deriva, como consequencia natural, o caracter de Goethe.

Esbocemos-lhe rapidamente os pontos mais caracteristicos, seguindo a successão logica dos acontecimentos da sua vida.

Comprehende-se que n'esta vida a paixão só póde occupar um logar secundario; apparecerá decerto, como elemento indispensavel que é, mas apparecerá para ser primeiramente estudada e depois vencida.

A preoccupação incessante, a lei dominadora que o poeta estabeleceu, transparece ao principio com um systema, e vae pouco a pouco confundindo-se com as forças espontaneas que imperam n'elle.

Primeiro, um esforço voluntario, uma lucta accesa e tenaz de vontade; depois, um habito que enraiza, cresce, avulta, e ao qual a natureza se subordina inconscientemente.

A vida de Goethe divide-se distinctamente em tres periodos diversos.

O primeiro, de elaboração confusa e escandescente; o segundo, de lucta activa e fecunda; o terceiro, de completa pacificação interior e de equilibrio intellectual.

Aos vinte annos de idade, Goethe sentia agitarem-se surdamente na sua alma os elementos tempestuosos, que durante longo tempo trouxeram convulsionadas as sociedades e os individuos, e que haviam de ter a inevitavel explosão volcanica na revolução franceza, já presentida, se não vaticinada, por todos os espiritos.

Refluia-lhe ao coração a seiva indomavel e intacta, achava o desequilibrio nas instituições e nas almas. Incerto nas aspirações do futuro, perseguido pelas allucinações do suicidio, a ponto de ensaiar por mais de uma vez, como elle proprio o confessou depois, o modo de morrer *in the high Roman fashion* [1], experimentando um violento capricho por uma d'essas mulheres —visões numerosas e suavissimas, que o seguem até á morte como um cortejo radioso—inactivo, e querendo ora exercer a actividade que o devora, ora achar no aniquilamento o absoluto repouso; Goethe, quasi vencido na lucta interior, mostra o primeiro symptoma decisivo da sua estranha força.

Outro qualquer succumbiria na crise violenta ou deixar-se-ía arrastar sem defeza por um ou por outro dos contradictorios impulsos que n'elle combatiam.

Goethe cria uma figura imaginaria, compendia n'ella todos os tormentos que o prostram, estuda um a um os phenomenos psycologicos de que a sua alma é o theatro, e levando ás consequencias extremas as pai-

[1] Shakspeare.

xões que analysa, fecha o seu livro com o suicidio do heroe.

Matando Werther, Goethe realisa um milagre: mata o seu proprio mal.

A detonação da arma de fogo que prostra lavado em sangue o lamentavel amante de Carlota, afugenta subitamente os phantasmas que perseguem e povoam a imaginação de Goethe.

Hoje não ha ninguem que entenda a declamação de Werther, as suas apostrophes vehementes, o seu sentimentalismo piegas; não ha quem se interesse pelas fatias de pão com manteiga, que eram, no fim de contas, o supremo encanto de *Lolotte*.

Tudo isso passou de moda, como passou de moda aquelle hybrido trajo, feito de um *frack* azul e de um collete amarello, que tão celebre se tornou em toda a Europa.

N'aquelle tempo, comtudo, ao apparecimento do livro que, de então para cá, tem tido successores mais ou menos legitimos, desde René até Antony, desde Jacopo Ortis até Rolla, responde a joven Allemanha com um longo brado de enthusiasmo e de sympathia.

O poeta, ao traduzir as suas sensações individuaes, sonhos nostalgicos do infinito, impetos doentios para o ignorado, déra uma voz e uma fórma ao que pairava então confusamente em todos os espiritos.

O mal que elle padecia era o da sua geração.

A melancolia inquieta de Werther empallidecia e fazia pender anciosas, milhares de frontes juvenis.

A missão do genio não é talvez mais nada do que a faculdade de fazer vibrar dentro da sua alma a alma do seu seculo, de interpretar com a voz potente o grande silencio angustioso dos obscuros.

Foi tal o sobresalto e a impressão violenta e profunda causada pelo Werther, que mais de um, entre os que o leram, reconhecendo-se através d'elle, o imitou até ao suicidio.

Mais tarde, o proprio Goethe foi obrigado a combater com as armas da sua vigorosa rasão a epidemia de sentimentalidade e de morbida ternura, que o livro da sua mocidade desencadeara violentamente sobre a mystica Allemanha.

É esta geralmente a lei das relações reciprocas que existem entre os homens de talento superior e o tempo a que elles pertencem, e do qual são os interpretes supremos.

O que elles traduzem, exagerando-o um pouco segundo as exigencias inevitaveis da distancia e da perspectiva, vem a ser mais tarde ultrapassado ainda pela realidade que, depois de reconhecer-se na pintura, teima em cingir-se fielmente aos exageros da ficção.

Considerada a esta luz, nada póde trazer mais esmagadora responsabilidade que a missão de que se investem os *creadores d'almas,* aquelles que na phrase realista e expressiva de Balzac fazem *concorrencia ao estado civil.*

Com a publicação do Werther e a producção de Goetz de Berlinchingen, o seu drama gothico e *Shakespereano,* Goethe já a este tempo, profundamente versado na historia, na jurisprudencia, nas sciencias naturaes, na architectura, e em quantos mais conhecimentos attraíam o seu espirito ávido de saber, achava-se pelo consenso unanime do seu paiz e pela expontanea vassallagem da Europa, elevado á soberania intellectual do seu tempo.

A missão exercida durante largos annos por Voltai-

re, e exercida principalmente, embora as calumnias a desvirtuassem depois, em prol dos direitos e da independencia do espirito humano, vae, sem passar por outro poder intermediario, tomar nas mãos de Goethe um novo aspecto, mais organisador e menos pratico, mais abstrato e menos militante.

O sereno amor da arte vae occupar o logar que aos olhos de Voltaire occupava o amor da liberdade politica e religiosa, pelo qual elle tão denodadamente combateu.

D'esta differença fundamental se originam todas as differenças, que separam nos effeitos dois poderes e duas influencias identicas no fundo.

Abre-se aqui a segunda phase da vida do poeta.

Goethe, vencida soberbamente pelo trabalho e pelo esforço mental a sua primeira lucta, estuda-se, aprecia-se, mede as suas forças e começa por empregar em si proprio os processos de investigação e de critica que vae applicar aos homens e ás cousas.

Época de meditação entrecortada aqui e ali de recaídas subitas nos erros que se pretendem renegar; superior á que a antecede, e á que vae seguir-se-lhe; mais humana porque é mais combatida.

Accentua-se o antagonismo entre a vontade do homem e a acção involuntaria dos seus instinctos.

A lucta é incessante mesmo quando invisivel.

Cada passo de Goethe é, n'este caminho, um verdadeiro triumpho.

Os combates travados pelo seu espirito, a curiosidade insaciavel com que elle interroga o mysterio universal que o envolve e que o irrita, as duvidas que o assaltam dolorósamente nas horas em que o *nada* humano lhe apparece com uma tentação e um desalento,

tudo isso está consubstanciado sob uma fórma immortal na primeira parte do Fausto.

A ironia de Mephistopheles é uma das faces da estranha transformação por que a natureza do poeta vae passando.

O mal lucta com o bem, mas nem um nem outro vencerá.

Aproxima-se o momento em que a personalidade de Goethe vae desligar-se, inteiramente accentuada e livre, das influencias contradictorias que a disputam.

O Goethe da terceira e ultima phase, o Goethe pantheista que o mundo conhece e que é para o mundo uma especie de enygma sobrehumano, tem a olympica indifferença diante do problema insoluvel que se traduz para o homem sob o duplo aspecto do bem e do mal.

Para elle ambos são igualmente interessantes como phenomenos psychologicos e igualmente indifferentes como leis moraes.

Visto a uma luz verdadeira ou a uma luz falsa, o fim que elle se propoz está plenamente vencido.

Nenhuma desordem moral póde agora oppor-se ao funccionar da machina pensante que aperfeiçoou para seu uso, e que vae servir lhe para triturar na complicada engrenagem, as idéas de todos os seculos, as descobertas de todas sciencias, a palavra suprema de todas as civilisações.

Como filho, indifferente—quasi esquecido—passa nove annos a dois passos de sua mãe sem ir vel-a, e no entanto é sua mãe uma das figuras mais bellas e interessantes, na galeria das martyres obscuras que são as mães dos grandes homens; amante, bebe a longos haustos a paixão nos labios empallidecidos das suas fanaticas escravas, só para animar de chamma immor-

redoura a alma das filhas de seu genio; homem, assiste ao tremendo esphacellamento de que o seu tempo é o tragico theatro com uma attenção curiosa, satisfeita e benevola.

Não se indigna e tambem não approva; estuda.

As revoluções e as tempestades são para elle phenomenos identicos, a morte e a vida resultados da mesma lei; as plantas e os homens merecem-lhe a mesma investigação tranquilla e paciente.

Quando lhe morre a mãe, recebe essa noticia com impenetravel frieza; quando perde Carlos Augusto, o seu principe, o seu amigo, o seu adorador fanatico, dão-lhe essa nova á mesa, na occasião em que jantava com elle um circulo de amigos, que todos tremeram antevendo o desespero de Goethe. Elle ouve com a sua impassibilidade inalteravel a noticia funebre e diz: *É horrivel, fallemos d'outra cousa,* continuando a jantar.

—«Só o coração constitue no homem a humanidade» — escrevia-lhe um dia Schiller, um dos amigos que mais fielmente lhe quiz através todos os gelos do seu egoismo, e que nunca deixou entrever que comprehendêra a que ponto faltava o coração ao creador do *Fausto*.

Como sempre que se trata do sentimento, Goethe deixa-se passivamente amar.

Ás vezes, uma palavra fria, uma manifestação de austera reserva, um dito inconsciente de supremo orgulho, mostram n'elle o Deus habituado a não recompensar os cultos que inspira.

Um dia, Schiller, escrevendo a Goethe, dizia-lhe:

—«Guardo-lhe uma supreza que lhe toca de muito perto, e que ha de causar-lhe alegria.»

Resposta de Goethe.

—«Não faço idéa do que seja uma surpreza. Não importa: acolherei bem a sua. Não está no meu destino a possibilidade de encontrar jámais um bem unico, imprevisto, um bem que eu não tenha conquistado já.»

Comprehende-se o que o meigo coração de Schiller, todo susceptibilidade candida e feminil, soffria com estas e outras crueldades; o que o não impedia de perdoar.

Os outros não foram como elle indulgentes.

Herder, Jacobi, Merck, o proprio Wieland, enfureciamse não raro contra esta frieza inaccessivel que, hoje ainda, na distancia em que estamos d'ella, nos gela e nos assombra, embora no conjuncto da vida do poeta vejamos mais claramente as causas que a determinam e as circumstancias attenuantes que a desculpam.

Ouçamos a accusação eloquente em que Herder verberava um dia a suprema indifferença de Goethe, a contemplação perpetua de si mesmo, em que elle viveu absorto e encantado.

«Resta saber se o homem tem direito de elevar-se n'essa região onde todas as dôres, verdadeiras ou falsas, reaes ou simplesmente imaginarias, se tornam para elle iguaes, em que deixa de ser homem se não artista, em que a luz, bem que alumie, já não fecunda, e se essa maxima, uma vez acceita, não implica a negação absoluta do caracter humano.

«Ninguem pensa em disputar aos deuses a sua tranquillidade eterna; esses podem olhar todas as cousas da terra como um jogo de que regulam os azares a seu bello prazer. Mas nós, homens, e portanto sujeitos a todas as necessidades humanas, não pudemos

divertir-nos com posturas e gestos theatraes. Acima de tudo conservemos a seriedade, a sagrada seriedade, sem a qual todas as artes degeneram n'uma representação miseravel. Comedia! comedia! Sophocles, porém, não era um impostor, Eschylo ainda menos.

«Tudo são invenções do nosso tempo.

«David cantava os seus hymnos com mais coração de que Pyndaro e David governava o seu reino.

«Digam-me, quaes são os dominios de Goethe? Estuda a natureza em todos os seus phenomenos, desde o hysopo até ao cedro do Libano. A natureza! observa-a mesmo em si, segundo quer dizer; assim seja! Não acho, porém, n'isso rasão para roubar ás minhas vistas o mais bello de todos os phenomenos,—o homem na sua grandeza natural e moral.»

Na bôca de Herder têem estas palavras, comquanto severas, reconhecida auctoridade.

Merk, um dos amigos da infancia de Goethe, dizia-lhe um dia encolerisado:

—«Sabes que mais, Goethe, quando eu te comparo ao que podias ser e ao que és, tudo que tens escripto me parece uma miseria!»

Ha colera e não justiça no ultimo ponto d'este juizo.

Goethe podia ter sido outro homem, mas, admittido que seja o seu modo de ser, a obra d'elle é de uma perfeição e de uma harmonia inexcediveis.

Elle é, por assim dizer, o grande organisador germanico; é a encarnação definitiva do genio da sua nação.

Conductor dos espiritos, realisou o raro prodigio da universalidade e da harmonia, e por isso soube coordenar admiravelmente os elementos accumulados ou dispersos no sólo riquissimo do seu paiz, e dar a to-

dos os germens, ainda submersos nos cahos, a vida una de que elles careciam para desenvolver-se e manifestar-se de um modo completo...

Se alguma cousa tem n'elle a tenacidade e o vigor da paixão, a ponto de a substituir quasi sempre, é a curiosidade.

A sua curiosidade, altamente comprehensiva e sagaz, revela-lhe desde os mais intimos mysterios da natureza até os mais delicados mysterios do sentimento.

É ella que o leva a interrogar os mundos alluidos, as civilisações arruinadas, as desordens moraes que terminam pelo suicidio, os dogmas pavorosos ou obscuros das religiões extinctas, a materia e o espirito, o mundo real e o phantastico; que o faz identificar-se com todos os sentimentos que reproduz, assimilal-os para chegar a compenetrar-se absolutamente da essencia d'elles; ser grego como Homero ou como Platão, ser asiatico como Hafiz, astrologo como Paracelso, francez como Voltaire, barbaro como a Idade Media.

A curiosidade que se applica d'este modo é o mais productor dos instrumentos do genio.

Auxiliado e servido por ella, Goethe escreve o Werther, o mais perfeito producto do seu tempo; o Goetz, a mais completa pintura do barbarismo feudal; o Fausto, a epopeia do seculo XIX, o evangelho do pantheismo, o livro de sete sêllos que aterra os profanos, e que, segundo affirmam, deslumbra os iniciados; levanta n'um pedestal grego a sua marmorea Ephygenia; impregna dos aromas languorosos do Oriente os versos do seu Divan; medita e escreve a *Metamorphose das plantas*, que, no dizer de Hæckel, basta para o

collocar no mundo da sciencia no logar culminante em que elle dá a mão a Darwin e a Lamark, como predecessor de ambos na descoberta da theoria da evolução.

Consagremos um rapido parenthesis ao Goethe naturalista e investigador infatigavel da sciencia.

Desde bem moço sente-se attraído para estes estudos, e é com admiravel tenacidade que lucta e combate contra o preconceito que expulsa das investigações sérias os homens de imaginação e de poesia.

Percebe a ligação estreita que une entre si todas as sciencias, e d'esta percepção deriva o desejo de as penetrar a todas.

A anatomia e a botanica devem-lhe observações admiraveis que serviram de base a muitos progressos modernos; a mineralogia, a astronomia, a zoologia, a chimica tiveram-n'o por desvellado cultor.

Ao principio, repellido ou desdenhado pelos sabios, viu no cabo de perseverantes esforços acolhidas as suas theorias, applaudidas as suas descobertas, reconhecido o seu relevante merito n'estes ramos preciosissimos da sciencia e proclamado com justo louvor o seu nome pelos homens especiaes da Europa inteira.

Nos ultimos annos da sua vida, mais do que nunca interessado nos progressos das sciencias naturaes, a que tinha consagrado tantos annos de assiduo estudo, corresponde-se activamente com os sabios mais famosos, com anatomistas, como Carus, Dalton, Sœmmering e Geoffroy Saint Hilaire; com botanicos, como Martins e Turpin; com geologos e mineralogistas, como Lentz, Leonhard e Grwer; com physicos e chimicos, como Dœbereiner, Secbech, Howar; com viajantes, como Alexandre Humboldt, o qual lhe dedicou o seu livro da *Geographia das plantas*.

Os trabalhos especiaes de cada um d'estes homens, notavel no ramo que escolhera, interessava-o profundamente a elle cuja universalidade de vistas o não deixava conservar-se estranho a estudo algum.

Quando em França se travou a famosa polemica entre Cuvier e Geoffroy Saint Hilaire, Goethe segue-a com um interesse apaixonado, que lhe faz esquecer outra qualquer preoccupação, e exulta com o triumpho das doutrinas de Saint Hilaire, ao ver n'elle o desenvolvimento e a demonstração da idéa que havia por assim dizer descoberto.

O proprio Geoffroy Saint Hilaire faz plena justiça aos serviços prestados por Goethe á sciencia.

São d'elle estas palavras:

«Uma das mais elevadas idéas do seculo em philosophia natural é a unidade de composição organica; hoje essa idéa pertence aos dominios do espirito humano, e é a Goethe que se deve tão memoravel triumpho.»

Helmolt, illustre physiologista moderno da Allemanha, diz as seguintes palavras, que são a consagração de uma gloria:

«Goethe teve o grandissimo merito de advinhar as idéas fundamentaes que hoje presidem aos progressos das sciencias naturaes.»

Deve-se pois incontestavelmente a Goethe o ter advinhado e presentido, com a sua larga intuição das cousas da natureza, a *unidade de composição* e a *idéa de metamorphose,* duas manifestações da mesma lei, dois aspectos d'esta grande verdade, que a natureza procede sempre seguindo regras uniformes, simples, invariaveis, das quaes nunca se affasta.

Goethe, o grande poeta allemão, merece ser collo-

cado ao pé dos mais eminentes naturalistas philosophicos do seculo.

O seu espirito não pertencia ao numero dos que observam os pormenores, dos que analysam miudamente, e de deducção em deducção attingem o segredo das mais mysteriosas leis; é outro o seu modo de proceder; vê de mais alto, advinha a lei geral, e os resultados que d'ella derivam agrupam-se harmonicamente e naturalmente em torno da sua descoberta.

Goethe não alcançou talvez resultados práticos, que n'estes ramos illustrem o seu trabalho; fez porém muito mais do que isso, abriu o caminho aos que vieram depois d'elle, preparou muitos dos progressos que hoje nos espantam na sciencia da natureza; foi um d'esses homens que vão adiante do seu tempo, e que accendem a luz que tem de alumiar outros seculos.

Nunca chegaremos a accentuar demasiadamente quanto n'este espirito singular a universalidade de comprehensão póde supprir a sympathia creadora.

Cousa alguma o attrae principalmente, mas todas o interessam.

Não sente, mas sabe dar a todos os sentimentos uma expressão plastica.

É a sagrada intelligencia pairando sobre as cousas, apreciando-as sob os seus varios aspectos, entrando flexivelmente em todos os moldes, recebendo todas as impressões e organisando-as e submettendo ás condições da rasão e da harmonia, estudando com a mesma attenção as leis mais simples, e os phenomenos mais complexos, vendo á mesma luz o movimento das espheras e o vegetar da planta, estranho ás perturbações moraes, ás catastrophes sociaes, ás dôres hu-

manas, e exercendo a sua acção n'uma esphera serena, superior, inaccessivel, quasi divina.

O aspecto physico de Goethe correspondia plenamente a esta idéa.

Moço, lembrava já *um filho dos deuses,* como orgulhosamente dizia sua mãe.

A dualidade humana attingira n'elle bem cedo todo o seu viril desenvolvimento.

Se a alma era digna de partilhar os puros extasis de Platão, o bello animal, soberbo e florescente, parecia feito para os exercicios do gymnasio, para as luctas ao ar livre, para as grandiosas inspirações da antiga estatuaria.

Mais tarde, a serena magestade inviolavel, accentuou-se-lhe de um modo caracteristico, na expressiva physionomia de luctador depois da victoria.

Tinha a fronte vasta e arqueada, os sobr'olhos energicamente traçados, o nariz aquilino, os labios franzidos pela ironia silenciosa da meditação.

Os olhos grandes, sem extraordinario brilho, tinham ainda mais do que a prespicacia instantanea do olhar, a faculdade de se appropriarem dos objectos, e de os penetrarem interiormente com lucidez singular.

Era o olhar do observador e do artista, que tem o dom de fazer penetrar em si o espirito e a fórma das cousas externas.

Por sobre tudo isto, uma grande expressão de força e de tranquilla magestade.

Nada incorrecto ou desmanchado.

Goethe está sempre servindo de modelo á posteridade.

Ninguem o surprehende n'aquellas pequenas familiaridades sympathicas, que permittem ao biographo dar

um traço mais accentuado ou caracteristico no desenho do seu heroe.

Rediculos ou fraquezas, se os tem, fundem-se no tom uniforme do conjuncto.

Os que o tinham comparado na adolescencia ao victorioso Apollo, comparam-n'o na velhice ao magestoso Jupiter. A idéa de Goethe anda sempre associada á memoria dos deuses.

Indicio do elemento divino que n'elle predomina, ou talvez da grande tendencia pagã que n'elle transparece.

Um dia classificava alguem a sua expressão como a de um homem que padeceu bastante.

— «Não; diga antes que luctou bastante, acudiu Goethe, corrigindo a phrase.»

Foi talvez essa expressão dolorosamente triumphante que, na physionomia de Goethe, captivou Napoleão, e lhe mereceu a famosa e tão citada phrase do conquistador das nações, ao conquistador do pensamento: *Vous êtes un homme, Monsieur Goethe!*

Um escriptor, que foi a muitos respeitos o seu contraste, a quem faltam muitas das qualidades que elle possue, em quem superabundam muitas das que lhe faltam, o mais estranho producto, por ventura, d'aquella Germania tão rica em originaes, uma especie de Rabelais sentimental, de truão lyrico, de enthusiasta allucinado, um phantasiasta do *humour*, João Paulo Richter emfim, dá-nos n'esta pintura rapida uma idéa muito mais completa do que nós lograriamos dar do Goethe, que tentamos fazer comprehender ás leitoras portuguezas.

«Goethe parece-se com Deus, o qual, segundo affirma Pope, dá tanta attenção á quéda de um mundo como á de um passarinho.

Ora, como o nosso Goethe não fez nem um nem outro, esta bella indifferença pouco lhe ha de custar.

Depois, verdade é que elle se compraz na sua apathia pelas dôres alheias.

— Elle, sempre elle!

N'este mundo não sabe admirar mais nada.

A sua palavra é de gelo, mesmo para os estrangeiros que de todas as bandas o vêem ver, e que só se lhe aproximam com muita difficuldade.

Tem em si alguma cousa de impassivel e de soberanamente ceremonioso. O amor das obras de arte é hoje o unico que actua nas molas d'aquelle coração. Andei mal em não pedir á pessoa que me apresentou, o obsequio de me introduzir previamente n'uma fonte mineral; d'esse modo podia apparecer a Goethe sob o aspecto de estatua, o que me dava a certeza de ser recebido com prazer.

Á vista do que me haviam dito, fui a casa d'elle, sem grande empenho, movido unicamente pela curiosidade.

A casa em que habitava feriu-me immensamente.

Em Weimar, é a unica construida no gosto italiane. Imagine-se desde o vestibulo um pantheon de deuses, de quadros e de estatuas.

A gente começa logo por sentir suffocações e calefrios.

Por fim apparece o Deus monosyllabico, indifferente.

A physionomia de Goethe tem potencia e animação. O olhar é um relampago.

Depois de alguns momentos de conversação, condescendeu em ler-nos o fragmento magnifico de um poema inedito (quando digo que o leu engano-me), a verdade é que o declamou, que o representou.

Nunca até ali tinha ouvido cousa igual. Os seus versos, ora trovejavam como o raio nas alturas, ora tinham aquelle susurro indefinivel da chuva na folhagem das arvore.

Durante este tempo, a chamma irrompia como a lava volcanica através das camadas de gelo em que se envolve aquelle coração.»

III

É n'esta casa que dá calefrios, e que por ventura os sente, com a alvura e a elegancia dos seus porticos italianos á luz baça do sol septentrional, e onde estuda, sereno, alheio ás perturbações externas, com o olhar olympico, fito no sol, como o das aguias, o soberano intellectual da Allemanha e da Europa, que por uma tarde de maio de 1770 penetra risonha, buliçosa, entre o medo e o enthusiasmo, entre a curiosidade e a ternura, a mais adoravel de todas as figuras feminis, que envolvem como uma grinalda de flores animadas o marmoreo pedestal do Jupiter germanico.

Vinha de longe para o ver, andára quarenta leguas vestida de homem pelo meio dos acampamentos, na almofada de uma carruagem, dormindo sob a neve, alegre, animosa, descendo aqui e ali para correr nas florestas ou para trepar ás arvores como um saguy; depois, sem transição, ficava-se no seu assento muito alto, silenciosa, scismadora, com o bello olhar perdido no vago, a ver a geada a dependurar os flocos alvos nos ramos nus das carvalheiras, ou a lua a reflectir-se nos

gelos da estrada e a illuminar phantasticamente aquelle *paraiso de prata.*

Nunca o vira, mas sabia que a Allemanha em peso lhe chamava o *nosso* Goethe, que elle era o filho dilecto da *patria germanica,* e que o genio o levantava acima de todos os outros homens.

Ouvira chamarem-lhe egoista e insensivel, sabia que elle acceitava todos os preitos com reserva altiva, e que no seu caminho havia um cortejo de pallidas figuras lacrimosas, que tinham exhaurido a mocidade e a vida, buscando em vão encontrar, sob aquelle poderoso e largo peito, que as acolhia para as interrogar curiosamente, o sobresalto febril que a paixão accende no coração dos homens.

Tudo isto, porém, a tinha attraído a ella, por effeito d'aquella força irresistivel que leva o espirito romantico das mulheres a desejarem o absurdo e a emprehenderem o impossivel.

A primeira entrevista do poeta com a sua adoradora, é de tal modo caracteristica, que basta ella para nos fazer entrar de vez no espirito e nos habitos da mulher que tentamos fazer reviver aqui.

Mixto de petulancia infantil e de paixão indomita, mixto de excentricidade e de capricho, n'um fundo de graça que assombrava e vencia, tal foi esse primeiro encontro, e tal era Bettina.

Antes de aproximar-se de Goethe, acolhera-se ella á bondade bem conhecida de Wieland, pedindo a este um bilhete de apresentação para o seu glorioso amigo.

Comtanto não tivesse tido nunca relações com o auctor do *Oberon,* não eram difficuldades d'estas que tanto embaraçam as pessoas de bom senso vulgar, que lograriam intimidar a temeraria creança.

Apresentou-se-lhe como conhecimento muito intimo e muito antigo.

Wieland, depois de procurar na memoria o nome que havia de pôr n'aquella expressiva e morena figura, acabou por dizer-lhe, com a fina galanteria dos velhos, que é dôce como o aroma vago de uma flor murcha que a gente guardou:

«É verdade que a estou reconhecendo, meu anjo lindo, mas não posso affirmar onde e quando a vi já.»

—Bem! obriguei-o a confessar que me vira em sonhos, porque no mundo real é hoje com certeza a primeira vez que me vê.

Momentos depois, munida com o bilhete de Wieland, Bettina Brentano, porque era ella, entrava em casa de Goethe.

Quando se abriu a porta do santuario, e poeta entrou revestido de aspecto consagrado e com o profundo olhar longo e fixo, o coração de Bettina como que se lhe paralysou dentro do peito.

«Pobre creança! Pois eu metto-lhe medo.»

São estas as primeiras palavras que o auctor do *Fausto* lhe dirige.

E aperta-a ao largo peito com o gesto sereno e paternal.

Leva-a depois para o seu gabinete de trabalho, faz com que ella se sente sobre um canapé e ficam-se ambos n'um silencio difficilimo, cortado a espaços por algumas phrases indifferentes.

Bettina estava em ancias!

Pois que! Era este o desenlance do seu pequeno drama! Tantas palpitações de coração, tanto enthusiasmo, tanta esperança indefinivel, desabava n'uma visita ceremoniosa e banal!

As amplidões do horisonte que ella ha pouco descobria, envolvera-os de repente um tal nevoeiro de prosa!

Depois, aquelle canapé incommodava-a!

Não ha nada mais capaz de arripiar os nervos turbulentos de uma pessoa, do que um canapé duro, inhospito e solemne!

E ella então que nunca soubera estar sentada muito direita, como toda a gente que tem juizo!

Ella, que vinha de tão longe, que estava cançada, que sentia o subito deslaçar de forças que seguem as longas insomnias, os excessos moraes, o acalmar somnolento da tempestade, que durante quatro semanas a trouxera arrastada nas suas azas electricas!

Valeu-lhe a subita inspiração do capricho que foi sempre o seu rei absoluto.

«Não posso estar n'este canapé», exclamou, levantando-se com o gesto amuado e travesso da creança mimosa.

E deitou-se ao pescoço de Goethe, n'um grande silencio commovido.

«Se é possivel portar-se peor do que eu me portei!» diz ella mais tarde, contando esta historia á mãe do poeta.

O caso é que, ou pareça incrivel ou não, Bettina dormia d'ali a nada o somno da graça e da innocencia nos joelhos do velho titan, por ventura enternecido e surpreso!

Aqui é necessario talvez abrir um parenthesis para ir ao encontro do sorriso do leitor malicioso, e das exclamações da leitora escandalisada com tamanhas liberdades.

Estamos na Allemanha, é preciso nunca perder de vista este ponto principal, de outro modo não compre-

henderiamos Goethe nem Bettina, e comprehenderiamos ainda menos o amor ideal entre o velho e a creança, que ha de merecer mais tarde as sympathias, os applausos de uma nação inteira, encantada e surprehendida.

A Allemanha não está unicamente separada dos outros paizes pelas divisões topographicas do solo.

Ao penetrarmos na espessa floresta germanica, que hoje tanto attrae as vistas curiosas da nossa raça ironica e positiva, é como se penetrassemos n'um mundo inteiramente diverso e separado do nosso por incommensuraveis abysmos.

Ali, o pensamento interna-se sem jámais se extraviar nos labyrinthos de uma methaphisica intellegivel e clara para elle, e para nós profundamente nebulosa; ali, o sentimento reveste das mais estranhas e desusadas fórmas o fundo immutavel e eterno que é o coração do homem.

Resulta d'aqui o diverso aspecto que tem para nós ou para os allemães as cousas exteriores.

O que sob o nosso ponto de vista se nos affigura chimerico, póde ter para elles todas as fórmas da realidade; o que repugnaria aos nossos costumes, como falso ou excentrico, é para elles o resultado justo e verdadeiro de um modo de ver interior em que só elles são iniciados.

Uma prova palpavel do que deixamos dito póde fornecel-a a propria vida de Bettina. É por ella se affastar tanto dos nossos moldes convencionaes, sem no fundo se affastar um apice da idéa que fazemos da honestidade e da virtude feminil, é por se destacar tão vigorosamente no fundo da tela uniforme que é o viver da sociedade de que fazemos parte, que a escolhemos como principal assumpto do nosso estudo.

Depois d'estas reflexões, que previamente respondem a todos os reparos que a singularidade da nossa he roina excitar no espirito dos que nos lerem, voltemos ao quarto de Goethe, em cujos joelhos a deixámos irreverentemente adormecida.

Comprehende-se, que, ao acordar, muitos gelos se haviam desfeito entre os dois.

Já não havia logar da parte de Goethe para o laconismo magestoso, nem da parte de Bettina para o acanhamento e a timidez.

Começaram então a conversar; o poeta colheu uma folha da videira que lhe emmoldurava a janella, e que tratava por suas proprias mãos, e disselhe graciosamente:

—Esta folha tem a frescura avelludada das tuas faces, affagando-lhe os cabellos e a testa.

Bettina, sentada aos pés d'elle, inclinava-se-lhe sobre os joelhos e ouvia-o.

Depois caíram outra vez n'um silencio profundo; mas que differença dos primeiros instantes de enleio e de frieza!

«—As horas passavam sem que eu as sentisse, diz ella. Que podiamos nós dizer, que não desmanchasse aquella felicidade mysteriosa e intima! Que lingua podia reproduzir a dôce paz que havia em nós!»

«—Eu não sou desconfiado, Bettina, creio facilmente nos affectos que me mostram, se é um engano a affeição que me estás mostrando, não precisas de grande habilidade para me enganares!»

Bettina abraçava-o por unica resposta.

Vê-se o quadro d'aqui.

Elle, sedusido pelo encanto tão novo da extraordinaria creança, sem comtudo querer abdicar a sua im-

passibilidade altiva; ella na dôce humildade dos corações vencidos, banhando-o no seu olhar fulgurante e bebendo as suas palavras n'uma dilatação infinita da alma!

IV

Quem é, d'onde vem, como vive esta apparição fresca e risonha que entrou assim tão inesperadamente, com ares de andorinha espavorida no antro do velho leão?

É ella quem se encarrega de responder a todas estas perguntas; quem poz o publico, o seu publico allemão que tão bem a entendia, na confidencia dos mais intimos segredos da sua vida e do seu coração.

Desde que ella entra em scena, o nosso papel tem de limitar-se apenas ao de traductora ou de interprete.

Ella propria desenrolla deante do nosso olhar deslumbrado as mysteriosas riquezas da sua vida interior, as phantasticas miragens de seu vasto imaginar.

Não temos mais a fazer do que seguil-a fielmente pelos desvios ou pelos atalhos, pelas paizagens engrinaldadas do velludo dos pampanos, ou pela região dos sonhos onde ella vaga quasi sempre alheia e só.

Bettina tem vinte annos e parece não ter mais que treze.

Filha de pae italiano e de mãe allemã, ha na sua phantasia, cheia de sol e de nuvens, todas as côres do arco iris.

Aquelle sentimento maravilhoso da natureza que inunda como um fluido sideral as télas do Raphael ou do Carregio, os cantos do Petrarcha ou de Tasso, passa no

espirito de Bettina, sem deixar de ser igualmente vivo e verdadeiro, por uma modificação que, por assim dizer, o completa.

Bettina ama a natureza como a sabem amar as organisações ardentes e sensuaes do meio dia, mas a natureza que ella ama tem as severidades melancholicas do norte, tem aquellas harmonias sobrias e profundas que vibram na voz do orgão sob as abobadas das cathedraes gothicas; tem os molles nevoeiros ondeantes que fazem sonhar.

D'aqui os reflexos dubios, as claridades subitas, os contrastes de sombra e de luz, as illuminações de vidente que passam no mundo intimo de Bettina.

Ha no seu corpo pequenino e esbelto as flexibilidades do corpo da gazella.

Formou-se na liberdade expansiva da natureza. Aos oito annos, conta ella, que corria indomita e livre pelos extensos jardins do convento em que se educava «similhante ao cabrito montez domesticado, meigo para os que o acarinham e ainda bravio pelas tendencias nativas.»

Pequena, deitava-se ao sol do meio dia sobre os rochedos ou sobre as hervas, escutava o palpitar dos insectos, o murmurio indefinivel dos musgos e das plantas, trepava ás arvores e ás montanhas, rolava-se na terra fecundada pelo ardor dos soes, e deixava-se penetrar de todos os effluvios vitaes que se exhalam do seio da natureza.

Ninguem, como ella, conheceu nunca os segredos animados das cousas mudas.

Corria á noite, sem medo, pelos caminhos solitarios, respirando a plenos pulmões a frescura das humidas lezirias; levantava-se devagarinho no longo dormito-

rio conventual, escapava-se, pé ante pé, sobresaltada e tremula, para ir esperar lá fóra, deitada nas margens do rio, batidas pelas ondas, a claridade purpurea da manhã.

Depois, no concerto universal da natureza em festa, sentia acordarem dentro de si as visões que toda a vida haviam de perseguil-a, arrastando-a na vertigem dos seus circulos phantasticos.

«Foi a minha idade heroica», diz ella relatando as aventuras da sua infancia, a iniciação do seu pantheismo instinctivo mais vivo e mais verdadeiro que o pantheismo artificial de Goethe.

Uma noite a tempestade surprehendeu-a no campo.

Bettina foi refugiar-se sob a rama folhuda de uma enorme tilia em flor.

Os relampagos atravessavam em fitas de fogo o sombrio espaço, e d'entre os recortes da folhagem, Bettina via-os illuminarem subitamente com a luz fulva e sinistra a floresta proxima e a crista dos rochedos, emquanto combatia o seu medo instinctivo abraçada á arvore *sem coração para responder ás vibrações do seu.*

Ao longe, o sino do convento chamava as freiras apavoradas á oração, as luzes vagavam tremulas pelos longos corredores claustraes, e a pequenina alma dilatava-se orgulhosamente na consciencia da sua força e do seu isolamento voluntario.

O trovão roncava como um leão em furia, devorando o som das orações e a musica dos sinos, e Bettina pensava na dôce confiança dos passaros que adormecem no seio da natureza e que a natureza encobre com as grandes azas maternaes.

Pouco a pouco, assim foi crescendo e habituando-se

a todas as meiguices e a todas as coleras da alma universal.

Mettia flores na bôca para tentar com ellas as abelhas que lhe zumbiam em torno; entendia todos os sussurros da charneca, quando a vegetação é mais vigorosa e espessa; cultivava as flores, balouçava-se na rama flexivel dos castanheiros, trepava até ás alturas aonde as andorinhas haviam dependurado os ninhos, e punha-se muito attenta a escutar o que diz no silencio o suspirar indistincto das aves.

Através de tudo isto envolvia-se n'uma especie de mysticismo vago.

Tanto gostava das grandes claridades sadias do campo como da sombra melancolica do sanctuario. Era ella quem adornava de flores as capellas do convento, quem lavava os purificadores e velava pelo asseio dos vasos sagrados, e ás vezes, por detraz de uma pilastra ou da escuridão de algum confissionario de cedro arrendado, punha-se a ver o sol do outono brilhar através das janellas da igreja, e «as folhas da videira que crescia em volta das ogivas, projectarem as sombras recortadas no chão ou na parede branca, e impellidas pelo vento despegarem-se do cepo e caírem silenciosamente.»

«Nos dias da minha infancia, diz ella em colorida e mystica linguagem, nas suas cartas a Goethe, que publicou depois — e que a Allemanha inteira saudou enthusiasta, — aprendi a conhecer a vida da natureza, ouvi os mil suspiros de amor que gemem as noites do estio, eu, creança solitaria, solitaria até á medulla dos ossos, espreitei as felicidades occultas, os fecundos ardores da creação; debrucei-me no calice das flores para lhe saber os segredos, saboreei avidamente os

seus perfumes como uma lição de sabedoria, e abençoei a uva antes de a ter comido!»

«Os pensamentos tambem são plantas; criam-se no ether do espirito. O sentimento é o solo maternal em que mergulham e alimentam as raizes, o espirito é o ar vital em que abrem as flores e expandem os perfumes. O espirito em que muitos pensamentos desabrocham em flores, é um espirito que eu chamarei odorante, perto d'elle respira-se o balsamo da beatitude.»

«Para mim, a natureza inteira é um espelho do que se passa na vida espiritual.

«Ganhei sempre na minha intimidade com ella. Quando corria atraz de uma borboleta, o meu espirito alcançava com isso a faculdade e a idéa de aprender a seguir o encanto ideal e secreto; quando me deitava na terra sobre as grandes hervas, cheias de murmurios, julgava-me embalada no seio de um ser divino que derramava o seu balsamo refrigerante nos ardores da minha alma, e que transformava os meus desejos em visões intellectuaes.»

Por aqui se vê quão difficil seria seguir o caprichoso espirito de Bettina por todas as scismas em que a infancia lhe correu.

Sem mãe que velasse por ella attentamente, porque a sua morrera-lhe deixando-a pequenina; entregue bem cedo a si mesma, porque a familia que lhe queria muito perdera a esperança de a submetter ás regras estreitas do bom senso, Bettina deixou vigorar e crescer dentro do si, com exhuberancia indomavel aquella estranha vegetação funesta e parasita, cujas fórmas inquietam e assombram, cujos aromas produzem a allucinação e a nevrose.

O sonho invadiu a sua vida e arrastou-a desnorteada para as suas regiões nebulosas.

Quando ella de lá voltava desvairada, empallidecida, com os reflexos de luz ideal no olhar negro e fulgente, os que a viam julgavam-n'a no limiar da loucura e compadeciam-se d'ella.

Ás vezes, estas crises de enthusiasmo passavam subitamente, e a juvenil visionaria tornava-se uma travessa e encantadora creança.

Cantava como um canario, tinha risos sadios e inextinguiveis, tinha invenções de um comico supremo.

«*Gosto mais de valsar do que de andar, e gosto mais de voar do que valsar*», dizia então para explicar a ligeireza aerea e sylphidica do corpo e da imaginação.

«O que os outros chamam loucura é comprehensivel para mim, e faz parte de uma sciencia interior que eu não sei exprimir», respondia tambem Bettina aos que a accusavam de ver as cousas da vida ao avesso do que todos a viam.

Não têem o interesse de complicados dramas as innocentes aventuras da vida de Bettina, os espiritos delicados devem, porém, comprazer-se em ouvil-as, como a gente se compraz em ver uma flor avelludada e mimosa, em ouvir uma musica singela, em respirar uma essencia fina e singular.

Nas cartas de Bettina, os protogonistas principaes não são decerto os homens, se bem que os homens que n'ellas figuram, mais ou menos rapidamente, sejam as celebridades maiores da Allemanha, os seus nomes mais gloriosos, começando por Goethe e por Beethoven e acabando pelos dois Humbolt, por Tieck, por Jacobi, por Schelling, etc., que a todos ella conheceu, tratou e seduziu pelo seu talento brilhantissimo, ou

pela sua original e profunda comprehensão da philosophia e da arte.

O que, porém, vive n'estas cartas muito mais do que elles, são as cousas inanimadas ou as cousas invisiveis.

Tão depressa, arrastada pela sua inspiração demoniaca, Bettina vae subindo, sem consentir que a sigam, a espiral immensa dos mundos que ninguem conhece, como pára curiosa e nos faz tambem parar com ella ou diante das bellás paisagens do Rheno e do Johannisberg coroadas de vinhedos e douradas pela poesia das lendas, ou diante de uma humilde hervinha, de uma concha, de uma borboleta, de uma nuvem côr de madreperola, de uma arvore d'onde pendem os ninhos e onde a vida palpita e canta.

Um artista de gosto e de imaginação um tanto exaltada acharia assumpto nos dois volumes de cartas de Bettina para as illuminar de vinhetas adoraveis.

Nós, que não somos artistas e que nem talvez tenhamos gosto, iremos escolhendo n'esta galeria de graciosos quadros, aquelles que mais nos ferirem o olhar e nos captivarem a sympathia.

A leitora perdoará o pouco acerto que, porventura, haja na escolha.

É singular uma das primeiras surprezas sentidas por Bettina.

Creada n'um convento, onde nada se sabia de vaidades mundanas, ao voltar para casa da avó, achando-do-se um dia, por acaso, no centro de um grupo de que faziam parte as suas duas irmãs, olhou para o espelho que ficava em frente das tres, reconheceu todas, menos uma figurinha de olhos flammejantes, de faces crestadas, de cabello crespo.

Correu para ella, arrastada por uma sympathia subita, e reconheceu que era da sua imagem que se tinha namorado.

«E assim foi sempre na vida — diz ella, relacionando como é seu costume, com uma lei mysteriosa e invisivel, os factos mais insignificantes da realidade — nunca tive senão uma amiga que me quizesse sem restricções e me entendesse sem desdens; essa amiga fui eu mesma.»

Outra scena da infancia lhe ficou gravada na memoria e é reproduzida mais tarde com o vivo encanto que lhe é peculiar.

Foi uma arrojada aventura, clandestina e romantica, uma d'estas cousas que tem toda a consoladora doçura de uma virtude, e todo o sabor irritante do pomo vedado.

Bettina estava em Offenbach durante as guerras napoleonicas, e na pequena cidade bombardeada pelo inimigo tudo era susto, desespero e confusão.

Os austriacos perseguiam os francezes que se haviam refugiado pelas ruas da cidade deserta.

Os habitantes, escondidos nas adegas, esperavam o fim da contenda sangrenta.

Bettina aproveitou-se do medo de todos para remecher em tudo, para revistar as preciosidades da bibliotheca, onde havia collecções de conchas, de pedras e de plantas que ella ha muito ambicionava, e para espreitar da janella os dramas que se passavam na rua.

N'uma d'estas occasiões, ouvindo o tropel de muitos cavallos em direcções oppostas, abriu a janella ao rez do chão e poz-se a olhar.

Na rua central parava um cavalleiro dos regimentos vermelhos da Hessia.

Bettina, muitos annos depois, recordava-se ainda de o ver com o sabre desembainhado, com o bigode enorme, as longas tranças de cabello preto caíndo-lhe da barretina vermelha, e o largo manto a fluctuar em torno d'élle.

Esteve um momento indeciso como quem fareja uma pista perdida e abalou outra vez a galope.

D'ali a pouco surgia a uma das esquinas um moço em mangas de camisa, cheio de sangue, com a cabeça nua, e correndo com a suprema angustia do animal monteado.

Era um official francez.

Na rua ouve-se o passo do cavallo, o perseguidor passa rapidamente sem ver o desgraçado que se havia escondido no vão de uma porta, e Bettina aproveitou o ensejo para chamar este e para o recolher.

Ninguem de casa o soube.

Ella pensou-lhe as feridas, deu-lhe o pequeno thesouro das suas economias de creança, descobriu, por milagre, em não sei que canto escuso, um fato com que o vestiu, e commovida, sobresaltada, vibrante, entre o riso e as lagrimas, poude, pela primeira vez, expandir em alguem as forças vivas da sua ardente caridade.

Quando, depois de findo o dia horrivel, todos se deitaram, Bettina foi buscar o protegido ao esconderijo em que o mettera, para lhe dar a liberdade.

Desceram ambos de mãos dadas, lentamente e em silencio, as alamedas sombrias; quando chegaram ao pé da roseira brava onde o rouxinol vinha aninhar-se todos os annos, e que formava a sebe da separação entre aquelle e outro jardim, o moço, vendo que chegava a hora da partida, levantou ao collo o gentil corpinho da

sua caridosa salvadora e encostou-lhe ao pequenino seio a cabeça cingida de ligaduras.

Bettina apertou-a com os dois braços, e rezou instantes, baixinho, pedindo para elle a protecção de Deus.

Depois, o official tornou a pôl-a em terra, beijou-a e partiu.

Bettina deixou-se ali ficar, absorta em não sei que vago enleio, seguindo com o olhar o vulto que se sumia entre as arvores no caminho do rio, que corria a dois passos, e desfiando na memoria os rapidos incidentes d'aquelle encontro de horas que nunca mais havia de esquecer.

Mais tarde deram-lhe outro beijo, cuja historia vale a pena referir-se pelo protogonista que n'ella figura.

Um dia batem á porta da avó de Bettina. A pequena, curiosa, vae abrir, a correr, e entra um homem sério, vestido de preto, de testa larga, e olhos ardentes e um tanto inflammados pelas longas vigilias.

Antes de dizer quem é e quem procura, assenta um beijo chilreado na face de Bettina, ao que ella, sem tirte nem guarte, responde com uma bofetada.

A visita não parece indignar-se do modo inhospito por que a recebem e entra na sala de Sophia Laroche, a avó de Bettina, que desata a gritar com verdadeiro enthusiasmo:

— Oh! Herder, meu querido Herder! que boa idéa o trouxe aqui! deixe-me abraçal-o mil vezes!

Era de feito o grande philosopho prussiano que a irreverente Bettina recebera com tamanha petulancia, e que por causa d'isso mesmo conquistára a sua sympathia.

A avó pediu a Herder que abençoasse as suas tres netas, entre as quaes a menos querida era Bettina;

Herder, porém, só á ultima é que quiz abençoar, dizendo-lhe lentamente, emquanto ella o olhava de esconso, com o expressivo e surrateiro olhar cheio de maliciosa ameaça para o caso em que a sua victima se permittisse uma indiscripção:

«Esta parece muito independente de caracter; se Deus lhe concedeu essa qualidade como instrumento de ventura, que se sirva d'elle sem medo, que todos verguem á sua vontade, e que ninguem se lembre de a fazer mudar de rumo.»

D'ali a pouco, emquanto Bettina tratava das flores do terraço, sentiu-se agarrada pelas longas pontas fluctuantes do seu cinto azul e branco.

«Vês, minha pequena Psyche — dizia-lhe a voz de Herder — as azas dão a liberdade, mas pelas azas se é agarrado muita vez.

V

A familia de Bettina compõe-se de membros mais ou menos distinctos, por diversos titulos, no mundo da intelligencia.

A avó tem a celebridade que fica para sempre ligada ás mulheres que um poeta amou profundamente; foi ella a paixão da mocidade de Wieland.

O irmão, Clemente Brentano, poeta distincto e popular, foi um dos fundadores da escola romantica, na Allemanha; o cunhado Savigny, é celeberrimo entre os eruditos pelas suas preciosas investigações em direito romano, de que era professor; isto sem fallarmos nos amigos da familia, graves personagens de ar solemne e pausado, rigidos conselheiros que parecem

desfilar em procissão no fundo de uma tapeçaria flamenga.

Todos elles, quando Bettina saíu do convento com o aspecto espavorido, o cabello sempre despenteado, a pelle queimada, os olhos cheios de luz, e no espirito os raios do sol, as gotas de orvalho, as aromas penetrantes que roubára á livre natureza, todos elles fizeram exclamação de pasmo e de terror.

Votaram-se então, com toda a constancia de que eram capazes tão conspicuas pessoas, a converter a indomavel e deliciosa selvagem aos usos convencionaes da vida pratica, ás regras acanhadas, mas necessarias, do bom senso.

Empenho baldado que dava em resultado as scenas mais pittorescas e as discussões mais comicas entre Bettina, que representava os caprichos desordenados da phantasia, e os seus graves parentes que representavam os direitos imprescriptiveis da rasão. Eis como Bettina, com doze annos sómente, contava as suas contendas e os seus martyrios a uma amiga.

«—Conheces o meu cunhado Savigny, não é verdade? Imagina que elle vae comnosco passear para os campos, e que em lá nos apanhando se põe a ler alto. Não ha nada mais detestavel que a tal leitura. Eu prefiro mil vezes a esteira de relva em que nos estendemos todos, aos magnificos discursos declamados por Savigny.

Depois, tudo me distrae e me chama a attenção; um pequenino insecto, uma herva, uma borboleta, a cabeça de uma hervinha qualquer com a sua gota de orvalho.

Agarro n'um pausinho e ponho-me a esgravatar na terra para ver immensas cousas. Eis que Savigny dá

commigo em flagrante delicto de irreverencia; fica furioso, exclama que não sei ouvir, que tenho muito amor proprio, que nunca hei de fazer nem ser cousa que preste. Sou forçada a esconder-me atrás d'elle para lhe não dar na vista. N'esta posição posso gosar emfim das minhas ferias, e emquanto elle lê o que quer, examino eu o que me agrada.»

Entrevêem-se aqui os esforços empregados para vencer a caprichosa sonhadora, natureza dupla que, ás idealidades de uma Santa Cecilia, reune as malicias de um gaiato!

«—Bettina, a menina não é nada amavel, dizia-lhe o solemne Von Bostel, um dos conselheiros amigos da familia.

—Não sou amavel? Então que hei de fazer para lhe agradar?

—Ha de parecer-se com a sua irmã Lulu, fallar de vez em quando em cousas rasoaveis, escutar o que se lhe diz. A menina tem a inquietação e a travessura de um gato pequeno. Quando lhe fallam não dá nenhuma attenção. Anda n'um pé só, pula por cima das mesas e das cadeiras, e quando menos se espera vae pôr-se a fallar com os velhos retratos da familia, dos quaes parece muito mais amiga que de nós, que somos vivos.

—Senhor Von Bostel, esses pobres retratos velhos não têem amigos; ninguem lhes dirige a palavra. Eu sinto por elles precisamente o que o meu amigo sente por mim, um dó immenso. Dou-lhes os meus inuteis conselhos, tal qual me dá os seus; faço-lhes sermões moraes no mesmo genero. São tão interessantes aquellas cabelleiras velhas?

—Bettina, faça favor de me ouvir; que tolices está

para ahi a dizer. Como é que uma lona ruida póde interessal-a?

—Como eu o interesso a si.

—Mas, como podem esses quadros corresponder a similhante sympathia?

— Do mesmo modo que eu correspondo á sua, meu bom e velho amigo!»

Von Bostel, desanimado e seduzido sem o querer, não podia deixar de rir-se, e ía-se embora, deixando a incorrigivel Bettina entregue ás suas scismas do outro mundo.

D'ali a pouco surgia, enviado por Clemente, um outro personagem.

Um desgraçado sabio, velho, pobre e ridiculo. Com a cabeça cheia de formulas scientificas e as calças cheias de costuras.

E ella, inexgotavel de malicias picaras, pega na penna e conta as comicas lições.

«Este delicioso mestre de historia vem tres vezes por semana, ás quintas, terças e quartas, deixando-me para roubar os alperches verdes da avó, os sabbados, domingos e segundas. Ora, cá para mim, os alperches são um ganho muito mais solido e palpavel de que o gosto de conhecer o que se passou no Egypto em épocas remotas.»

«—*As mais densas trevas cobrem o berço do Egypto!*

Se assim é, meu querido mestre, como havemos nós de o allumiar?»

—*Não se sabe quasi nada ácerca dos reis pastores.*

N'esse caso não póde dizer-se que seja consideravel a acquisição.

O rei Sesostris acabou a vida com as proprias mãos.

Porque foi isso meu mestre? O rei Sesostris era moço? tinha alguns amores? era ambicioso?

Nem a minima solução a estas perguntas.

Pára dar uma especie de movimento áquellas rodas da antiguidade, profundamente enterradas no lodo, teimo em sustentar que Sesostris havia por força de ser moço.

O mestre prova-me, no espaço de uma hora, que Sesostris era velhissimo.

No instante em que succumbo a um somno profundo, chegam, uns por cima dos outros em grande confusão, Burizis, Psameticus, Cambysis e uma sucia de outros figurões aos quaes por fim succede Alexandre que os enterra a todos, o que me alegra infinitamente, porque se acaba a interminavel lição.»

«— Ora não me dirão para que se hão de remecher as cinzas frias d'onde o calor desappareceu ha tanto?

Pobres monarchas seculares! Porque os não deixam dormir tranquillamente debaixo das suas pyramides? que descancem em paz emquanto a terra faz brotar de todos os lados os seus germens de vida e as folhas que se abrem cobrem as plantas de verdura...»

«N'isto puz-me a olhar pela janella, para uma amendoeira em flor e mais de vinte minutos passaram sem que eu pudesse apanhar outra cousu alem d'estas palavras:

«*Foi elle quem fundou o imperio medo-persa.* Abri um bocejo enorme desenhando na margem do meu livro uma horrivel cabeça de Medusa, que era sem tirar nem pôr a cabeça do meu mestre.

Vieram depois as ferias da Paschoa e vigorou em mim o dôce habito de o não ver quando começou o açougue historico sob o titulo de *Historia da Persia*,

que tormento! que historia! Um dia, no meio d'aquella obra terrivel, lembro-me que comecei a bocejar tanto e tão alto que o professor, furioso, levanta-se, escancára a porta e despede-se de mim a correr.»

VI

Diante da impossibilidade de a corrigirem, Bettina tornou-se a pouco e pouco, da parte da familia consternada, o alvo das mais negras profecias.

Manda a justiça que se diga que as não realisou.

Ella era d'aquellas pudicas e aladas naturezas a quem o mal repugna e que não sabem sophismar o dever. Mesmo porque o mundo do espirito lhe offerecia o amplo espaço luminoso onde ella podia seguir á vontade as evoluções e os caprichos da sua *visão interior*, desdenhava soberbamente o grosseiro mundo dos sentidos, mundo que tem limites restrictos alem dos quaes ninguem póde erguer-se, e contra os quaes muitos mutilam e quebram inutilmente a azas teimosas.

O primeiro affecto violento de Bettina foi uma amiga, uma mulher que a tarantula do suicidio tambem ferira, que o *mal de Werther* tambem contaminára, e que acabou pela morte voluntaria uma vida tranquilla a que ninguem podia antever tão negro remate.

Foi no momento em que esta catastrophe imprevista ferio como o raio o coração de Bettina; e mais lhe aggravou a exaltação, revelando-lhe na paixão humana escaninhos ignorados, que ella travou conhecimento em Francfort com a *senhora conselheira* de Goethe, a mãe do celebre poeta.

Esta mãe de Goethe é uma formosa e original phisionomia muito digna de attento estudo.

Imagine-se uma figura de Holbein, serena e magestosa, illuminada esplendidamente por uns olhos de creança, limpidos, brilhantes, enormes, e onde se reflectiam todos os cambiantes de um sentir delicado e forte.

Quasi todos os homens celebres pela potencia intellectual ou moral, devem ás primeiras inspirações maternas parte da sua grandeza originaria.

O laço phisico que a natureza prendeu entre a mãe e o filho, só se quebra para deixar subsistir em seu logar, um laço invisivel mais estreito e mais forte ainda do que elle.

Goethe foi dos que mais deveu a sua mãe.

Ella tinha, como elle, a comprehensão profunda de todos os seres ainda os mais oppostos e complexos, a imaginação poderosa, viva e colorida, a rasão inalteravel e elevada, o que não exclue completamente aquella dóse de espiritualismo, aquelle *luar transcendente*, de que falla Carlyle e que sobredoura de um modo vaporoso e vago o conjuncto de idéas, de sentimento e de sensações que constitue o genio allemão.

Tinha tambem — fraqueza ou força que communicou a seu filho — superstições e presentimentos: para ella, ao lado ou acima do mundo visivel, existia o invisivel, o mundo em que dominam os espiritos, o que só se revela aos videntes, e muitas vezes os acontecimentos do primeiro se subordinavam na sua opinião ás leis mysteriosas do segundo.

Provinha-lhe d'aqui, no meio do seu grande ar solemne e um pouco altivo, não sei que perfume de phatasia juvenil que a separava do vulgar e interessava as imaginações poeticas.

É profundamente commovedora. a paixão que ella sempre conservou, sem quebra, pelo filho, indifferente e glacial, o orgulho que tem n'elle, a maravilhosa intuição com que entende melhor que os philosophos e os criticos, o fundo do pensamento de Goethe, a esthetica da sua obra, digamol-o assim, para *germanisarmos* um tanto o nosso humilde escripto.

Para que duas pessoas cheguem a um perfeito accordo, não é absolutamente necessario que tenham a mesma idade e o mesmo modo de julgar as cousas; basque o mesmo grau de enthusiasmo lhes tenha germinado no espirito.

A velha *conselheira* de Goethe ligou-se a Bettina com o affecto mais sincero.

Defendia-a contra os que a censuravam ou interpretavam maldosamente, a singularidade do caracter d'ella; ouvia-a confidenciar-lhe, rindo, as travessuras e os estouvamentos, e em troca, exigia apenas que ella ouvisse as interminaveis historias do seu querido Wolfang[1] e que fizessse ecco ás suas admirações apaixonadas.

Nas narrações, algumas verdadeiramente interessantes da mãe idolatra, o velho pensador de Weimar desapparecia de todo, deixando, em substituição, o Goethe dos vinte annos, esbelto, formoso, de ardente phantasia, e muito capaz de namorar os corações insensiveis, quanto mais de atear o incendio que já flammejava sem alimento, na imaginação de Bettina.

Eram sem conto as historias que a senhora de Goethe narrava, como prenuncios indicativos da futura grandeza de seu filho. Dizia como elle amava o bello até ao extre-

1 Nome proprio de Goethe.

mo de chorar em pequenino quando acertava de ver qualquer pessoa feia; como tinha, já bem moço, o supremo instincto da sua superioridade, como era concentrado, a ponto de parecer insensivel aos estranhos que o não estudavam de perto; como deixava perceber ás vezes o orgulho quasi inconsciente que o separava das naturezas vulgares; e, sobretudo, que formusura distincta e magestosa era a sua, formosura que os annos não podiam destruir porque provinha ainda mais, que da harmonia das feições, da luz interior que as animava e lhes idealisava a expressão.

Esta preoccupação da belleza do filho sente-se muitas vezes nas conversações da velha *conselheira,* e na influencia que ella operou no animo impressionavel de Bettina.

Esta em breve deixou de ser a ouvinte passiva d'aquelles improvisos brilhantes, para se tornar a sua insaciavel exigente e inspiradora.

Sentada com o seu ar vivo e inquieto aos pés da senhora *conselheira,* embebia-se perigosamente na contemplação de um ente chymerico, que não existia já, se porventura havia existido alguma vez.

Os homens que a rodeavam estavam longe de se aproximarem da creação d'esse ideal perfeito e unico.

Tudo tinha cumplicidade com ella, no sentimento que lhe desabrochou um dia como flor maravilhosa no seu coração tão pouco d'este mundo; tudo, desde o amor d'aquella mãe sublime de cegueira, até á adoração da Allemanha que repetia em torno d'ella entre acclamações o nome do semi-deus.

Este sentimento, porém, com ser o predominante na vida de Bettina, com ser o que lhe deu nome e celebridade, o que ligou para sempre a sua memoria á me-

moria de um dos maiores vultos dos tempos modernos, não nos interessa tanto a nós como a sua amisade tão filial, tão cheia de finas delicadezas e de consoladora dedicação pela mãe esquecida d'esse mesmo homem que foi um colosso de genio e... de egoismo.

Quando Bettina apparece no gabinete da sua velha amiga, é como um raio de sol que entra pela janella; tudo se alegra e se doura como ella.

«—O olhar que treme e scintilla no fundo da sua pupilla escura, faz-me lembrar as vibrações penetrantes do violoncello de Romberg—diz d'ella a boa *conselheira.*

Depois é sempre mensageira de taes riquezas!

Um dia traz-lhe uma historia comica em que figuram alguns dos galans suspirosos que a rodeiam e que ella nem anima, nem desespera, para quem é alternativamente amavel ou cruel, que conduz atrelados e humildes a sua pequena mão de caçadora.

Outras vezes é uma colheita enorme de flores, de folhas, de espigas de trigo, que apanhou n'uma das suas corridas pelo meio dos campos, que vem ainda humida de orvalho, polvilhada d'aquella poeira luminosa e prateada que é a caricia muda das plantas, e que ella a atira ao chão, aos pés da boa da senhora sem lhe dar mais attenção que daria a um trapo velho.

«—Assim é que tu és; tiveste tanto trabalho para colheres essas flores e agora não fazes caso d'ellas. Vamos, traze-me uma jarra que as quero eu arranjar, admoestava a senhora de Goethe.»

E verdadeira mãe do poeta naturalista, eil-a que dispõe em ordem o seu thesouro vegetal, dizendo o nome de cada uma das plantas, harmonisando-lhes as côres,

affagando-as como se affaga um ente animado que nos entende e nos corresponde.

De repente, e sem que ninguem o esperasse, Bettina, que não podia conservar-se quieta em parte nenhuma, abalava para ver paizagens novas, novas scenas e novos personagens, que encontramos retratados nas suas cartas deliciosas.

Estranha natureza!

Tudo que ella diz faz pensar; a sua loucura é profunda como uma philosophia, e a sua seriedade tem todos os arabescos de imaginações!

Tão difficil é surprehender Goethe na sem-ceremonia da vida usuál como surprehender Bettina em flagrante delicto de artificio ou de convenção. É sempre ella, e não é nunca a mesma.

A agua, nos seus meandros caprichosos que reflectem o azul do céu, a verdura sombria das arvores, a curva ondeante das montanhas; o fogo com os seus pennachos de saphiras, com as suas cascatas de rubis, com as vivas crepitações, e o ouro em fusão das suas chammas, os vapores que se levantam do rio como o manto rendilhado das ondinas, tudo o que é vago, transparente, inconstante e mysterioso se encontra n'ella.

Quando ella falla, todas as cousas de que falla parecem animar-se de uma vida propria; a gente não se cança de a seguir pelos valles cheios de verdura ou pelas montanhas cobertas de neve, pelos cabeços por onde a cepa entrelaça as suas folhas lustrosas, ou pelos pomares onde os pecegos côr de rosa pedem as dentadas do appetite juvenil, e onde o morangal esconde em ninhos de esmeralda as suas «*contas de purpura*».

Uma vez conta que montou no cavallo branco de Rotchild, no seu cavallo favorito que o opulento banquei-

ro lhe offereceu, e que o levou em vertiginoso galope por uma ladeira escabrosa. Todos empallideceram de susto, todos a julgaram perdida, só ella depois de domar o fogoso animal, volta com elle até ao sitio onde a familia a esperava, sem ter percebido o perigo ou, percebendo-o talvez, só para melhor lhe saborear o gosto irritante e acre.

Outra vez descreve-se sentada, á noite, n'uma das margens do Rheno, onde fôra em digressão com a familia, a ler Homero á gente do campo, emquanto a lua, levantando-se por detraz das montanhas, illuminava o scenario, um fogo ardia n'um barco preto ancorado ao largo e o cão pequeno corria sobre a ponte ladrando de vez em quando aos sussurros longiquos da noite.

«—Se eu não tivesse lido Homero aos camponezes nunca teria entendido bem as suas bellezas. As reflexões e as perguntas d'elles revelaram-me o poeta.»

Devemos confessar que nos parecem fabulosamente atilados estes camponios que comprehendem e saboream as obras primas da Grecia.

Em Colonia, Bettina visita a cathedral á hora em que o sol reverbera nas altas e coloridas vidraças ogivaes, e emquanto as pessoas que a acompanhavam observam e analysam as preciosidades artisticas da Igreja, ella trepa com a temeridade habitual por todos os lados do vasto edificio, balouça-se, sem medo da vertigem, nas arcadas gigantes, e escreve á *senhora conselheira* do alto do monumento, serenamente sentada n'uma *rosa gothica*.

Receber cartas d'estas, deve ser na verdade um dos mais finos prazeres de uma intelligencia culta, mas pela insistencia com que a senhora de Goethe chama a sua

pequenina fada inconstante, vê-se que a presença d'ella ainda é superior á sua graça epistolar.

«Volta depressa, dizia-lhe ella n'uma das suas cartas, este anno sinto-me peor que o anno passado; ás vezes desejo que venhas; não sei que susto me assalta.

«Fico horas inteiras scismando em Wolfang, a lembrar-me de quando elle era pequenino e se rolava aos meus pés, de como sabia entreter o irmão e contar-lhe historias. *Preciso absolutamente de alguem a quem conte estas cousas, e ninguem me ouv ecomo tu.*

«Vem depressa, contar-te-hei as mais bonitas cousas de Wolfang. O dia em que não fallo d'elle é um dia incompleto.»

VI

Ahi ficam traçados os lineamentos principaes das duas figuras que estudamos.

Se debaixo da nossa humilde penna é vago e ondeante o perfil de Bettina, se é acanhado o vulto de Goethe, lembrem-se os leitores de que um tem a grandeza que assombra, outra a graça imponderavel que se não reproduz e se não fixa.

Que a imaginação dos que nos lerem preencha as lacunas que deixamos, e complete a imperfeição das imagens que tentamos bosquejar. Depois, vendo-os um em frente do outro, elle na sua magestade exagerada pelos annos, ella na sua ligeireza ideal de borboleta, que nos digam se o amor é possivel entre os dois.

O bom senso responde desapiedadamente que não, mas o bom senso só sabe julgar sob o seu ponto de vista, justo embora, mas de uma justiça acanhada e vulgar.

Demais, deve observar-se que, no espirito da nossa geração, a palavra *amor* está cruelmente desacreditada.

As mulheres honestas fogem d'ella como de uma cousa em que o demonio imprimiu a sua garra phosphorescente, e quando no coração d'ellas desabrocha, essa ideal flor azul estrellada pelos orvalhos da aurora, dão-lhe um outro qualquer nome que não traga tanto á idéa as manhas e seducções do velho Satanaz.

De feito, o sentimento casto e profundo com que ellas hoje se prendem ao homem a quem têem de acompanhar na vida moderna, atravez das provações e dos trabalhos, na doença ou na alegria, na prosperidade ou na miseria, a quem hão de ajudar, consolar e guiar mesmo ás vezes, nos desfiladeiros tortuosos da honra social, esse sentimento nada tem com o outro a que desde de muito davam o nome de *amor*, planta de luxo que só medra na estufa dos opulentos, graça facticia que se desenvolve nos languores da ociosidade entre as finuras e subtilezas da vida aristocratica.

As sociedades não transformam impunemente o seu viver, nem deslocam, sem que isso produza resultados profundos e visiveis, o que foi durante seculos o seu ideal.

Depois, o amor, é de todos os sentimentos humanos o que mais modificações tem soffrido, aquelle que tem corrido mais aventuras, que tem andado em maiores baldões.

Póde dizer-se que, em cada uma das suas crises definitivas, a humanidade o tem visto sob um diverso aspecto.

A antiguidade quasi que o não conheceu, e apesar de ser o mysticismo que o revelou á alma christã, os

ascetas da igreja primitiva condemnavam-n'o como a originaria culpa que nos expulsou do Eden.

No cavalleiroso periodo gothico apparece-nos ethereo, requintado, impalpavel, confundindo-se com a adoração da Divindade; é um sacrificio e um desprendimento em vez de ser uma força e uma expansão; partem d'elle comtudo os unicos raios de luz que douram o cahos da idade média.

Na Renascença, quando a materia tantos seculos opprimida e ultrajada pela idéa catholica, solta o seu longo brado de triumpho, e que as paixões algemadas no robusto animal humano irrompem por toda a parte n'uma subita explosão de revolta, quando todas as forças vivas da natureza se arrojam com impeto indomavel á conquista dos seus direitos, o amor é mais uma expansão sensual, mais um retrocesso ás violencias pagãs do que outra cousa.

Durante dois seculos reina a sensualidade brutal mais ou menos revestida das pompas e seducções da civilisação que se apura; mas o que era no seculo XVI uma desforra do corpo suppliciado pelo mysticismo christão; o que tinha a encobrir a sua violencia orgiaca, o impetuoso vigor da mocidade e a redempção esplendida da arte, torna-se, pouco a pouco, a fria depravação systematica dos impotentes e dos decrepitos.

Foi então que uma grande corrente de ar puro renovou de repente a viciada atmosphera em que o mundo respirava.

A mudança, porém, fôra muito violenta; os organismos abalados resentiram-se longamento do impulso subito que lhes imprimira uma direcção inteiramente contraria á que íam seguindo; houve um periodo dubio, desordenado e esplendido, periodo de edificação

e de desabamento, de concepções sublimes e de abortos monstruosos, de duvida gélida e de paixão abrasadora, periodo que ficará sendo na historia da humanidade um dos seus momentos de apocalyptica inspiração.

Esse periodo, produziu o *romantismo* que teve na litteratura franceza, que então se tornou universal, a sua expressão mais completa, e que teve no espirito da Europa sobresaltada e febril uma influencia enorme que ainda dura.

O romantismo, porém, matou o amor á força de o querer divinisar.

Foi elle, por assim dizer, o ideal unico da sua escola. Confundio-o com todas as suas novas doutrinas, chegou a fazer d'elle a base de todas as suas reformas.

Não o etherisou, como os trovadores da idade média; não o encarcerou nos esplendidos moldes da materia como a olympica Renascença; fez mais e melhor, juntou n'elle os dois elementos que necessariamente o constituem, e se para algum lado pendeu, faça-se-lhe a justiça de confessar que foi para o lado espiritualista, para o que nos levanta e ennobrece, e descobre ao nosso olhar infinitos horisontes.

Mas partindo de um ponto justo e verdadeiro, achando como que a solução ao problema, que desde seculos fazia oscillar o homem entre os dois pontos extremos que se traduzem pela sensação e pela idéa, levou muito mais longe do que devia a consequencia do seu descobrimento.

O amor, como nos mythos da Grecia, tomou para elle o aspecto de um Deus, mas não do Deus louro e travesso que feria com as suas setas de ouro e fugia rindo ás suas victimas.

Foi um Deus feito á similhança do homem moderno, o inspirador das grandes tristezas e das melancolias dissolventes e corrosivas.

Imaginou-o então capaz de purificar e de lavar com a sua presença celeste todas as manchas e impurezas, constituiu-o só por si uma virtude que a todas sobrelevava e a todas suppria, arrastou-o pelos abysmos e pelos pantanos, pelos esgotos e pelos lupanares, isto, já se vê, não por querel-o desprestigiar, mas porque na sua qualidade de deus o revestira da missão do novo Christo prégando o evangelho da paixão, curando os leprosos, resuscitando os mortos e transfigurando as Magdalenas.

Os laços que o calculo, o egoismo ou ainda as necessarias convenções sociaes atavam, era elle quem os desatava; os crimes condemnados pela moral ou pela justiça humana, era elle quem os redimia em virtude das suas leis superiores e eternas.

Então, diante do olhar das mulheres deslumbradas pelo talento, vencidas pelo magnetismo da paixão, e por isso mesmo expulsas para sempre do paraizo das tranquillas virtudes, desfilou o grande cortejo radioso das celebres adulteras, das cortezãs sentimentaes, das peccadoras transfiguradas.

O movimento bom, generoso e profundamente evangelico no fundo, mas exagerado e falso nos meios, adulterou-se ao passar das mãos magistraes dos que o iniciaram ás mãos secundarias dos que não souberam na ebulição violenta separar o ouro da escoria.

A idade média dera-nos a *Beatriz;* a renascença dera-nos as *Fornarinas* e as *Violantes;* o romantismo, depois de nos dar a *Lelia* e a *Marion de Lorme,* a

Viscondessa de Bauseant e a *Valentina,* acabou por nos dar a *Dama das Camelias.*

Quando uma doutrina, depois de ter produsido tudo que lhe era dado produsir, só affirma a sua duração pela influencia nefasta que exerce, precisa de desapparecer porque está gasta, estragada ou inutil.

O romantismo teve, pois, de morrer, porque sendo a sua idéa originaria como que a reacção contra a immoralidade e a injustiça que corriam o mundo, elle acabou por ser—tal é a inconsequencia das obras do homem—a maior das immoralidades e a maior das injustiças.

Virá tempo em que todas as idéas em que elle tocou ou que elle desenvolveu voltem de novo á tela da discussão, então poder-se-ha separar o trigo do joio, o que era n'elle fundamentalmente bom e generoso do que era o resultado das interpretrações falsas ou dos sophismas da fraqueza humana; hoje, o que é de todo o ponto incontestavel é que a minoria intellectual que determina pela sua acção o tom geral das massas, condemna sem appellação e sem escolha os processos artisticos da extincta escóla e as suas doutrinas moraes.

O amor teve de sujeitar-se á lei que desthronou aquelles que o tinham, por assim dizer, creado de novo, dando-lhe o aspecto fino, requintado, subtil, sob o qual o conhecemos unicamente por tanto tempo.

O futuro vel-o-ha como a união austera e viril de duas vontades, de dois corações e de duas forças, que se auxiliam mutuamente, e é isso o que elle se vae tornando a pouco e pouco.

Por emquanto, porém, deve confessar-se, porque é verdade, á idéa dos celebres e romanescos amores anda para nós associada a idéa das furtivas entrevistas á

luz das estrellas, nos parques aristocraticos cheios de arvores e de estatuas, quando a areia das aleas estala sob o tacão alto das botinas de setim e as mãos febris se entrelaçam no enlevo das vedadas caricias.

Outras vezes lembram-nos as escadas de seda que uns braços alabastrinos prendem ao ferro da janella, e os beijos longos, os sustos, as infernaes volupias do perigo, e as palavras quentes que mordem como a chamma e enleiam como as espiraes serpentinas do peccado.

O romantismo não foi espiritualista nem pagão; foi mystico no fundo.

O peccado é por isso a attração suprema de que elle reveste os abrasados ardores que inventou.

Sem o peccado que seria das suas pallidas heroinas elegiacas e hystericas?

Convertendo-as á grande lei do amor, elle julga talvez tel-as convertido á lei verdadeira, mas deixa que ellas o ignorem, e deixa travar-se-lhe nas almas, enfraquecidas e exaltadas, o combate enorme e tragico da Paixão e do Dever.

D'aqui, a sympathia que ainda hoje nos inspiram, sem o querermos talvez, e que combatem em torno de nós os sonhadoras da futura sociedade.

VII

Para aquilatarmos, portanto, o sentimento de que se trata n'estas paginas, cumpre, antes de tudo, abstraír das idéas preconcebidas na leitura com que a maioria das mulheres de hoje tem derrancado o espirito e o sentimento puro do dever.

Não se trata aqui de enleios peccaminosos, de luctas intimas ou de apaixonados e sensuaes ardores.

Passa-se tudo n'uma região intermediaria para que a lingua portugueza não tem, que eu saiba, o nome proprio, região que não é a do sonho e que é ainda menos da realidade.

Os sonhos ligam-se ainda por um fio subtil ao mundo da materia; determina-os o nosso modo de viver, os objectos que mais nos ferem a vista, o estado da nossa saude, mil circumstancias exteriores e mil condições physiologicas; aqui é completa a separação entre a alma e o corpo.

Póde chamar-se a este estado de estranha e indefinivel lucidez o *sonho de um espirito.*

Para os allemães, habituados desde muito a exercitarem o cerebro nas locubrações de uma metaphysica transcendente, ha um mundo superior em que só penetram os iniciados na sua maçonaria ideal.

Bettina é soberana n'esse mundo, paira n'elle á vontade, deixa-se levar sem medo na vertigem dos seus turbilhões.

Para ella, o Goethe *conselheiro intimo,* o Goethe valído e aulico de uma côrte em miniatura, o Goethe dos sessenta annos, sem os achaques, mas com as rugas e a insensibilidade da velhice, não existe.

Mesmo quando aquelle está defronte dos seus olhos é o outro que ella vê; o *outro,* quer dizer, o que ella possue só para si, o que habita no mundo das suas visões, sob uma fórma eternamente moça e bella, o que encarna e consubstancia em si os sonhos, as aspirações, a vida interna do seu luminoso e vasto espirito, o que é para ella o symbolo e o ideal do amor.

O que Bettina pretende estabelecer entre a sua alma e a de Goethe *é um laço maravilhoso e espiritual,* que nada participa da natureza dos imperfeitos e ephemeros amores da terra.

Não diremos que a duração de tão estranho sentimento seja possivel por muito tempo; no coração humano só se aclimatam e medram as plantas que d'elle recebem o alimento e a seiva.

A tão conceituosa fabula de Icaro, tem applicação a todo aquelle que tentar elevar-se ás alturas onde, por mais perfeita que seja a natureza do homem, elle não póde achar condições de vida.

As relações de Bettina com o seu glorioso idolo tinham, pois, de sujeitar-se fatalmente á lei commum.

N'ellas transparecem, para todo o espirito que attentamente as observar, desiquilibrios e contradicções que andam unidas a tudo que não reconhecer a verdade, a eterna verdade immutavel por lei suprema e unica.

Tão depressa arrastada pelas convulsas inspirações de *demonio interior* que a tortura, que a dilacera e exalta, Bettina entôa em louvor do poeta os hymnos confusos de uma adoração nebulosa e mystica, parecendo, mais do que ao homem, dirigir-se á ignota alma que respira em toda a natureza, e que ella presente com a sua viveza impressionavel e singular, como, seguindo o nativo e inconsciente pendor da mocidade e da feminil garridice, tenta revestir de fórmas mais palpaveis a sua ingenua ternura e transformar por uma metamorphose que seria redicula se não lhe bastasse ser impossivel, o velho collosso intellectual, no amante juvenil e caricioso que todas as mulheres têem sonhado mais ou menos encontrar na vida.

Deve confessar-se n'este ponto, que de ambas estas illusões, é Goethe o complice voluntario.

Agrada-lhe ás vezes o seu pedestal de joven Deus, e agrada-lhe não menos o mirar-se em rapidos instantes de enlevo, nos olhos ardentes de Bettina, e ver reflectir-se ali o doido anceio de um coração que, na intensidade do desejo, chega a acreditar na realidade do impossivel a que aspira.

Sob um ou outro aspecto, não é nunca o verdadeiro Goethe que Bettina ama, e isto, força é dizel-o, tira a essa adoração espiritual o attractivo que ella teria para nós se fosse mais real e menos chimerica.

Sincera da parte d'ella, isso era-o decerto.

Póde ser-se sincera sem se ser verdadeira, e estas palavras que, á primeira vista, parecem insustentavel paradoxo, são no fundo exactissimas.

Da parte de Goethe, porém, a sinceridade é visivelmente supprida pelo artificio.

O que sentido por elle, poderia admittir-se, não só como possivel, mas até mesmo como naturalissimo — porque um homem no pleno goso da vitalidade physica e intellectual, que elle possuia, sem jámais a ter desperdiçado, podia decerto, aos sessenta annos, amar com extremo a adoravel e estranha creatura que era Bettina — não passou no espirito de Goethe de uma distracção, de um estudo interessante, de uma representação prolongada em que elle, ora desenvolve e ostenta todos os recursos de consummado artista, inebriando de ventura, de admiração e de orgulho, a credula creança que é o seu auditorio, ora deixa transparecer a fadiga desdenhosa e a indolente distracção de um actor enfastiado da scena ou embotado nos applausos.

N'ella é o contrario que succede.

Todas as condições de naturalidade e de rasão faltam áquelle amor, e no entanto ella sente-o, vive-o, respira-o, identifica-se com elle.

Uma flor que elle lhe dá endoidece-a de alegria a ponto de um dia se deitar á corrente, e de nadar mesmo vestida com a subita irreflexão que é tão sua, atraz de uma caixa que caíu nas aguas do Meno, e que encerra um ramo de violetas dado por Goethe em casa de Wieland.

Uma noite em que elle, depois de passear com ella nos jardins de Weimar, a encobre friorenta e tremula debaixo da sua capa, deixa-lhe para sempre ineffaveis recordações, e muito tempo depois toda ella vibra ainda ao pensar n'essas horas de recolhimento apaixonado e casto.

As palavras de Goethe enthesoura-as preciosamente no coração, e é sempre elle que a acompanha, que a segue, que vivifica em torno d'ella a natureza inanimada.

«Tu és moço e bello, diz-lhe ella ás vezes no assombro indefinido do seu sonhar. És mais bello que todos os outros e melhor do que elles has de saber comprehender-me.

«Fizeste-me pacifica e branda. Durante o dia eu sou uma creatura como as mais. Fallo, trabalho e leio; á noite, porém, quando estou cançada e quero adormecer, é então que a torrente do meu amor jorra impetuosa cavando o seu caminho atravez do meu coração. Tenho visões n'essas horas; tudo que a natureza offerece aos sentidos, tudo então te cerca e me falla por ti. Appareces-me nas alturas, surges ao pé de mim nos desfiladeiros e nos algares, e o teu rosto tem uma dôce expressão que eu quizera adivinhar!»

«Os teus cantos são a semente que fecunda o meu coração, acrescenta d'ali a nada a visionaria gentilissima, sinto que elles hão de elevar-se para o céu livres de todas as peias da terra, sob a fórma de um poema divino, e essas dôres, esses desejos, esses impulsos exaltados consagrar-se-hão lá em cima ao invisivel Deus. Oh! bemaventurado o meu coração porque elle comprehende e sente dôres taes!»

«Bemaventurado o ventre que te concebeu — diz-lhe outra vez como as filhas de Jerusalem diziam ao louro Christo.»

E tremente, allucinada, sentindo subir-lhe ao cerebro a vertigem que as imaginações fogosas parecem primeiro provocar voluntariamente, e que por fim as avassalla e desnorteia, ella continua na sua ardente e colorida linguagem, onde ás vezes julgarieis ouvir vibrar ao longe as notas de um hymno hisdostanico.

«Depois que te amo, sinto em minha alma um não sei quê, que a rasão me não alcança! um mysterio que que me alimenta, e que é similhante a uma arvore sobrecarregada de pomos; d'ella cáem sobre mim os pensamentos que me refrigeram e me dão força.

«Ó Goethe, se a semente que brota da terra tivesse uma alma, não se arrojaria ella mais impetuosamente para a luz, do que eu para a vida nova que tu me revelaste.

«Eu posso dizer o que soffre o germen quando despedaça o seu involucro. É o que eu soffro agora.

«Quando eu estou no seio da natureza, da qual o teu espirito me fez comprehender a vida interna, muitas vezes confundo essa vida com o teu espirito.»

Ha outras horas em que Bettina como que desperta para uma existencia mais real, comquanto ainda flori-

da, com todas as ramagens de um sentimentalismo exaltado. Percebe então que nada tem a exigir e a esperar d'esse amor, onde o elemento humano quasi que não entra, e diz humildemente n'um dôce embevecimento cheio de supplica:

«Que quero eu de ti? bem pouco em verdade! Olhar-te muitas vezes com o meu insaciado ardor, penetrar comtigo no teu lar tranquillo, interrogar-te em horas de repouso sobre a tua vida passada e presente como interrogo o teu rosto ácerca da formosura que é e que foi tua. Na bibliotheca, quando eu deparei com o busto que te representa em dias de mocidade, corri para elle e afiei contra os teus labios o meu biquinho de rouxinol. Torrente indomavel atravessavas então ruidosamente as tempestuosas regiões da juventude como hoje te espraias sereno nas tranquillas planices.

«Os meus impetos apaixonados são comparaveis á musica. Ella tambem, como eu, não aspira á posse terrestre, mas excita o espirito que a escutou a partilhar a commoção que revela, e a conserval-a algum tempo ainda depois da sua melodia ter cessado. Comtanto que tudo que me permittiste expandir no teu seio, fique ainda algum tempo a vibrar-te no coração e no ouvido, ficarei contente e não exigirei de ti mais cousa alguma!»

Como acceita o grande pensador germanico este culto subtil e delicado cheio de idealidades metaphysicas e de femininos e romanticos ardores?

Como acolhe a creança de phantasia indomita que relaciona com elle todas as estranhas visões que povoam aos seus olhos as noites sinistras e os dias banhados em luz?

Ser-nos-ía realmente difficil classificar de um modo

preciso e claro a attitude de Goethe em frente da sua adoradora.

Fôra mister possuir uma extrema delicadeza de tintas, umas finuras de analyse de que o nosso espirito não dispõe.

Umas vezes, como já acima o dissemos, vêmol-o distraído, frio, quasi impaciente; outras, e estas são as mais frequentes, apparece-nos profundamente interessado no phenomeno psycologico que Bettina lhe apresenta, estudando-a demorada e attentamente, interrogando-a com a doçura benevola de investigador curioso, traduzindo nas opulencias do seu rhytmo os pensamentos imprevistos, graciosos, frescos e fragrantes que ella lhe communica[1] seguindo com profundo olhar pensativo as evoluções phantasticas d'aquelle espirito affeiçoado por tão extraordinarios moldes, e que é como um exemplar unico, como que uma creação singular que elle não sabe definir e que hesita em classificar no seu museu de naturalista ou na sua galeria de poeta.

Ha ainda occasiões em que o philosopho encanecido toma a serio a mocidade sempre florente e viçosa de que a imaginação de Bettina teima em revestil-o, e então, seja dito para vergonha dos nossos galans de vinte annos, dos nossos Romeos imberbes, é inexcedivel a graça melancolica com que elle acceita e representa o papel que á força lhe impõem.

Tem garridices verdadeiramente de poeta, porque só os poetas sabem alliar a vaidade da mulher ao orgulho do homem; tem caricias suaves, finamente ex-

[1] Muitos sonetos do Divan, são trechos de cartas de Bettina postos em verso.

pressas; tem uns toques de graça juvenil n'um fundo de saudosa tristeza, que operam no coração de Bettina a impressão dos balsamos calmantes.

Quando elle a viu a segunda vez, e que ella, sem poder fallar, o contemplava toda convulsa e offegante, ha na voz de Goethe uma vaga vibração de ternura moderada e combatida. «Falla com os olhos, eu entendo tudo», diz-lhe elle; e vendo que a commoção vae suffocal-a como uma onda que sobe, murmura baixinho e enternecido: «Socego, socego! é do que ambos carecemos!»

Ás vezes, nos dias que Bettina vae passar em Weimar, passeiam juntos á noite pelos campos desertos. Elle então falla-lhe de todos os assumptos que mais o preoccupam, — porque a creança temeraria, como ella propria se chamava, é tambem a pensadora profunda e a artista delicada, — disserta com ella a respeito dos mais intrincados problemas estheticos, consulta-a sobre a poesia e sobre a arte, analysa as litteraturas e os homens, desvenda-lhe os infinitos horisontes por onde paira essa aguia que é o seu pensamento, e sente-a digna de voar a par d'elle, ao vêl-a tão eminentemente comprehensiva para todas as grandes cousas.

Depois, parando de subito, contempla-a á luz branca da lua, sorri-se porque lhe vê no rosto expressivo e mobil o reflexo das adorações infinitas, e diz-lhe baixo, ao ouvido, n'um dôce murmurio: «Tu és o meu coração, a minha vida!»

É, lembrando-se d'estas horas magicas de união perfeita e completa entre dois espiritos irmãos que Bettina diz um dia: — Quando dois entes estão juntos e que o divino genio está com elles, attingiram o ideal da felicidade humana.

Uma noite em que conversavam sosinhos, Goethe perguntou-lhe se ella havia amado alguem, e como Bettina fosse principiar a pueril historia de não sei que ephemero galenteio de creança, elle interrompeu-a exclamando com impeto desusado:

«Não, não digas nada! Pois não é verdade que me pertences só a mim? Tu és a minha musa; ninguem na terra deve poder dizer que lhe foste dedicada como és para mim, ninguem deve ter como eu a certeza do teu amor. Tenho-te amado e acarinhado tanto! Não recolhe a abelha com mais prudencia e mais cuidado o mel de todas as flores, do que eu recolho os gosos sem nome nas mil expressões do teu amor — E com um gesto juvenil que atira para bem longe os sessenta annos, prende nas mãos as longas tranças de Bettina, e esconde-as no seio, chamando-lhe as suas *serpentes negras*.

Ser alguma cousa nova, desconhecida, insubstituivel para o creador de *Margarida* e de *Mignon,* penetrar na vida do grande poeta como um perfume suave e delicado, como um pensamento de ineffavel e terna beatitude, é decerto gloria que devia subir como uma embriaguez ao cerebro escandescente de Bettina.

Perdoem os extasis que na distancia se affiguram anti-naturaes ou rediculos á creança a quem o semi-deus germanico dizia:

«Eu quero seguir-te por toda a parte onde o teu espirito demoniaco te conduza. Oh! se soubesses o conforto que eu sinto em conhecer a vida explendida do teu coração! Que posso eu dar-te ou dizer-te que tu me não tenhas dado ou dito já, sob uma fórma melhor! Continúa a distraír a minha vista contemplativa com a tua adoravel dança de fogos fatuos. As

minhas recordações da mocidade conhecem tudo que tu me contas; as tuas palavras fazem em mim o effeito das paizagens longiquas de que a gente se recorda ás vezes subitamente, ainda que pareça havel-as esquecido desde muito. — Continúa a prégar-me os teus evangelhos da natureza, certa de que tens em mim um pio crente. —Dança minha gentil bailarina, em cada um dos teus novos passos deitas-me aos pés uma côroa! —

Bettina cedia pois ás preces do seu amigo, escrevia-lhe sempre, e por um prodigio desconhecido a muitos talentos mais celebres, sabia condensar no papel a riqueza infinita das suas sensações sempre várias.

«Sou dotada de uma perspicacia maravilhosa, que occupa todos os meus pensamentos, diz ella n'uma das suas cartas. Quando vejo uma floresta vejo ao mesmo tempo todas as arvores que ella tem, todos os veados e lebres que saltam pelo meio d'ella; quando ouço as queixas do rouxinol adivinho o mal que a lua fria e insensivel lhe faz!»

É esta *visão violenta,* que é o attributo de raros e previlegiados genios e o segredo da sua grandeza, que vivifica as cartas de Bettina e faz d'ellas uma eterna symphonia admiravel e brilhante.

VIII

Mostrámos já a creança travessa e a mulher visionaria, a imaginação fragante, luminosa, chilreada como uma aurora de maio, e a pythonissa luctando na mysteriosa agonia do seu somnambulismo doloroso; é porém, de tal modo complexo e rico de contrastes o

caracter de Bettina que a não conhece senão muito imperfeitamente quem só a conhecer debaixo d'estas duas fórmas aliás singularissimas.

Vejamos agora a sonhadora allemã em frente da musa dos Gallias, Mignon em frente de Corinna, a vaporosa e poetica Walkiria do Norte no seu encontro com Madame de Stael, a mais completa personificação do genio da França depois da morte de Voltaire.

Aqui surge nos de improviso uma rasão solida, uma critica perfeita, cheia de finuras maliciosas, de percepções subtis e de elevado sentimento artistico.

O apparecimento de madame de Stael na Allemanha tem, de mais a mais, uma influencia profunda na vida de Bettina, representa como que uma crise no seu estranho amor. É por isso, e pelo interesse historico e litterario que tem decerto para os leitores affeiçoados a este genero de estudos, que nos cumpre fallar d'ella aqui.

Quando constou a Goethe que ía receber a visita da maior celebridade feminina da França, o velho poeta que era, como todos, ou mais do que todos os poetas, accessivel á vaidade humana, quiz ostentar para deslumbramento de madame de Stael todos os primores, louçanias e attractivos do seu espirito sempre juvenil.

Sabia elle que a illustre viajante vinha estudar entre as pompas gothicas do seu scenario, o genio então pouco vulgarisado ainda da Germania, e quiz captivar a mulher para que a escriptora lhe não negasse no futuro livro, o preito que era devido ao vasto entendimento que em todos os ramos da litteratura, da sciencia e da philosophia, a Allemanha via á frente dos mais arrojados.

Surtiu-lhe a traça o desejado effeito.

Goethe seduziu madame de Stael, appareceu-lhe sob o seu melhor aspecto, condescendeu em tratal-a como potencia de gerarchia igual á sua, em revelar-lhe os thesouros da sua conversação de uma variedade tão fecunda e universal. A prosadora franceza, inclinou-se encantada e reverente diante do poeta allemão. Era isto que Bettina mais temia!

Imagine-se d'aqui seu o furor concentrado e o seu desespero ao ver-se esquecida e offuscada pelo brilhante meteoro que passava.

A carta em que ella, cheia de susto e de lagrimas, interroga o coração de Goethe, e o accusa de insensibilidade e de egoismo entre os impulsos desordenados da sua febril ternura, é talvez, de todas, aquella em que mais vibram as cordas do coração.

É assim a mulher.

Perdôa os esquecimentos, as ingratidões, o desamor e os crimes, mas não perdôa a infidelidade. Quer ser pisada, comtanto que seja preferida. Á primeira desconfiança, a paixão irrompe e flammeja do coração d'ella com ardor indomito. Se não amara até ali, adora n'aquelle instante; se a cabeça sómente estiver em fogo, começa a verter-lhe sangue o coração.

N'este ponto não ha differenças; todas se parecem entre si.

Depois, quando a crise acalma, quando a procella cala os seus rugidos leoninos, as humildes ficam amando mais, as altivas tentam esquecer, e logram-n'o quasi sempre.

É o que vae succeder a Bettina.

Cansada de consumir-se nos seus transportes solitarios, percebe por ventura que é sempre inalteravel o frio amante que escolheu.

Vae resfriando sem querer, as suas cartas vão perdendo gradualmente aquella harmonia espontanea que as torna tão notaveis, começa a sentir-se n'ellas o esforço, a vontade tenaz que vence a tendencia natural do coração. Aqui e ali corta ainda o espaço pardacento um foguete de côres vivissimas, uma chuva de ouro e de saphiras; a phantasia, a fada opulenta desdobra ainda de vez em quando o seu manto recamado de estrellas diamantinas, mas a fonte de que brotavam mananciaes de aguas vivas estanca-se lentamente, Goethe deixa de ser o pensamento unico de Bettina; a sede de distracções poderosas, a aspiração indefinida para novos assombros manifesta-se e accentua-se.

Não antecipemos porém; promettemos ás leitoras a entrevista de duas mulheres celebres, é tempo de cumprirmos a promessa, copiando textualmente uma carta de Bettina á sua velha amiga, a conselheira de Goethe.

«Desde 13 de agosto que nada sei de Goethe, e estamos nos fins de setembro. Madame de Stael tem-n'o provavelmente absorvido de tal fórma que elle nem sequer se lembra de que existo.

«As mulheres celebres têem em si um não sei quê de singular. São parecidas com a cerveja que não póde comparar-se ao grão de que é feita.

«Sim, como a cerveja, as mulheres celebres têem alguma cousa de excitante que sobe á cabeça e que embriaga. Quanto a mim gosto mais do grão puro e primitivo; o lavrador semeia-o na terra amollecida, d'onde o sol de Deus, a fecundante chuva das tempestades o fazem levantar em espigas de ouro, que trarão mais tarde a dôce alegria das ceifas. Antes quero ser o simples grão humilde, do que a cerveja e a mulher celebre; antes quero ser o *pão quotidiano d'elle,* do que subir-lhe á cabeça como ebriedade passageira.

«Deixe-me agora contar-lhe que ceei hontem em Mayença om á tal madame de Stael.

«Nenhuma mulher queria sentar-se á mesa perto d'ella, fui eu que me sentei.

«Os homens, todos agglomerados atrás de nós, empurravam-se uns aos outros para a verem e lhe poderem fallar. Para o conseguirem melhor dobiavam-se sobre mim. Eu virei-me para madame de Stael e disse-lhe em francez:

«*Os seus adoradores asphyxiam-me, minha senhora.*

«Ella desatou a rir e disse-me que Goethe lhe havia fallado a meu respeito. Conservei-me então perto d'ella para saber o que *elle* lhe dissera de mim. Estava contrariada porque embirro que elle falle de mim seja a quem for, e aqui para nós nem acredito que se occupasse d'isso. Foi cousa inventada por ella.

«Por fim, tantos homens chegaram e tanto se curvaram nos meus hombros para lhe fallarem que não pude supportar aquillo por mais tempo. Levantei-me e disse-lhe antes de me esgueirar pelo meio dos seus adoradores. *Os seus louros pezam-me de mais nas espaduas.*

«Sismondi, que a acompanha, aproximou-se de mim, beijou-me a mão e disse-me que tinha muita graça, e todos repetiram o cumprimento, e rodearam-me tambem porque se applaude sempre o que aquella gente diz ainda que sejam as maiores banalidades.

«Ouvi depois madame de Stael fallar de Goethe; disse que esperava ter achado n'elle um segundo Werther, mas que se enganára; que vira com bastante pena que a sua pessoa e o seu modo de ver não correspondiam áquella idéa.

«Minha mãe, esta phrase poz-me fóra de mim!

«Voltei-me para Schlegel e disse-lhe em allemão: madame de Stael enganou-se duas vezes; a primeira na sua previsão e a segunda no seu juizo. Nós, allemães, julgamos Goethe muito capaz de fazer saír de uma préga das suas mangas, vinte heroes como Werther, mas julgamos tambem que elle pessoalmente é um heroe muito superior a todos os Werthers d'este mundo.—

«Schlegel faz mal em nos não definir melhor ao espirito da Stael.

«Quando depois ella atirou ao chão com uma folha de louro com que estivera a gesticular, pizei-a, atirei-a para um canto com a ponta do pé, e saí.»

A outra carta que diz respeito a madame de Stael é dirigida a Goethe, e é notavel como quadro de costumes de uma animação e de um colorido altamente pittoresco.

Eil-a:

«Tua mãe continua alegre, de boa saude, e é para ver, quando eu volto das minhas digressões, a satisfação com que ouve as minhas pequenas aventuras.

«Eu então, com os mais acanhados assumptos, invento os mais extraordinarios incidentes. D'esta vez estava eu, mercê de Deus, muito bem provida de meios de amplificação; não só os homens, como tambem os bois, os cavallos e os burros, representavam distinctissimos papeis nas minhas historias. Trouxe-me a desgraça a Francfort justamente quando por cá passava madame de Stael. Não bastava a noite de Mayença em que eu gozei da sua amavel companhia!

«Tua mãe ficou contentissima de que eu viesse prestar-lhe auxilio; estava já prevenida de que madame de Stael lhe traria uma carta tua, e desejava que eu figurasse nos entre-actos, caso ella sentisse a necessidade de descançar durante a grande catastrophe.

«A entrevista teve logar em casa de Bethman, nos quartos de Mauricio. Tua mãe, por orgulho ou por ironia, vestira-se maravilhosamente ao gosto allemão. Confesso-te que, quando vi balouçarem-se-lhe na cabeça tres plumas, uma branca, outra vermelha e a terceira azul como as côres nacionaes da França, e erguer-se-lhe do seio uma matta de girasoes, o coração palpitou-me de orgulho e de impaciencia.

«Tua mãe estava pintada com muita arte, despediam-lhe chammas os grandes olhos negros; no collo, firme e direito, tinha o collar de ouro que a rainha da Prussia lhe deu, rendas de veneravel aspecto e de uma grande magnificencia, verdadeiro thesouro de familia, encobriam-lhe o seio. Uma das mãos enluvada de branco agitava o ar com um leque, a outra nua e constellada de anneis de diamantes, tirava de vez em quando uma pitada da caixa em que estás retratado em miniatura, com a cabeça empoada, frizada e melancolicamente encostada á mão.

«A reunião das senhoras idosas mais distinctas formava um semi-circulo no quarto de Mauricio Bethman, e todo o grupo se destacava tão magnificamente n'um tapete de purpura com um leopardo no centro bordado em fundo branco, que era deveras magestoso o quadro.

«Plantas dos tropicos forravam as paredes, e candelabros com globos de vidro fosco allumiavam o quarto. Em frente do semi-circulo formado pelas senhoras, levantava-se sobre um estrado de dois degraus o leito, envolvido n'um cortinado purpureo e ladeado por dois candelabros.

«Eu disse para tua mãe: «madame de Stael vae imaginar que foi citada a comparecer n'uma *côrte de amor*. Aquelle leito parece o throno velado de Venus.

«A opinião geral foi que, a dar-se o caso a que me referia, não teria ella poucos delictos a confessar perante o tribunal.

«A que nós esperavamos impacientemente atravessou por fim, acompanhada por Benjamim Constant, uma fileira de salões illuminados.

«Trajo de Corrinna; turbante de seda côr de amora e alaranjado, vestido igual, sobre o qual fluctuava uma tunica tambem côr de laranja.

«A cintura era tão curta que eu tive dó d'aguelle coração opprimido por ella. Os sobrolhos e as pestanas pareceram-me de um negro lustroso e os labios de um purpureo mystico.

«As luvas, compridas, deixavam-lhe os braços nus e só escondiam a mão agitando continuamente o celebrado e inseparavel ramo de louro.

«Como o quarto onde a estavamos esperando era n'um pavimento inferior ás outras salas, teve de descer quatro degraus para entrar. Por desgraça levantou o vestido pela frente em vez de lhe levantar a cauda, o que deu um golpe terrivel na solemnidade da recepção.

«Foi realmente de um comico supremo ver aquella figura de um aspecto oriental a adiantar-se com desleixo estudado para as damas solemnes, direitas, magestosas, da sociedade de Francfort

«Tua mãe desfechou-me uns olhares intrepidos quando as apresentaram mutuamente; eu affastara-me um tanto para gosar d'aquella scena. Notei o espanto de madame de Stael á vista de tua mãe e do seu vestuario.

«Quanto a esta, tudo n'ella indicava um poderoso orgulho. Affastou a saia com a mão esquerda, saudóu-a com a direita, e cumprimentando com a cabeça umas poucas de vezes, com ar protector, disse em voz bastante alta, para se ouvir de um lado ao outro do quarto:

«Eu sou a mãe de Goethe!»

....

É perfeito o quadro. O scenario està descripto com uma minudencia *realista,* a figura solemne e altiva da *senhora conselheira* parece representar a velha e austera Germania; depois, a entrada de Corinna, o seu trajo cuja estravagancia não é inferior ao da mãe de Goethe, o papel de pagem representado por Benjamin Constant, o contraste violento entre os recem-chegados e a sociedade formalista que os esperava, e por ultimo aquelle bello movimento orgulhoso com que a senhora de Goethe parece envolver-se diante da celebre estrangeira na gloria immensa de seu filho.

Ao fundo, Bettina, um poucochinho despeitada com toda aquella gloria que não tem, e quizera ter para *elle,* com a malicia no sorriso, a ironia intelligente no olhar, estuda a scena, affagando já na imaginação os vivos traços com que ha de reproduzil-a d'ahi a pouco.

«Cada vez que o teu nome lhe saía dos labios grossos apossava-se de mim uma raiva interior. Contou-me que lhe chamavas *amiga* nas cartas, e por força reparou quanto isso me consternava. Disse-me mais cousas; eu, porém, perdi de todo a paciencia para ouvil-a! Como pódes tu ser amavel diante de uma cara tão feia? Bem se vê como és presumido! Mas dize-me, ella mentiu não é verdade? Se eu estivesse ao pé de ti, com certeza que as cousas corriam de outro modo!»

Depois, quando a senhora de Goethe falla mais tarde de Stael com ar deslumbrado, quando lhe mostra uma carta de Goethe em que elle canta os seus louvores na mesma nota enthusiasta, quando Bettina vê ou julga ver que ambos a consideram muito insignificante creatura ao pé da musa celeberrima, nada iguala a sua expansão de colera impetuosa como tudo que provinha d'ella.

«Vejo que o *deus* é vaidoso! diz ella com ironia soberba. Prova isso a sua eterna juventude.»

IX

Dissemos ha pouco que a necessidade de distracções poderosas começa a fazer-se sentir no animo de Bettina algum tempo depois do golpe profundissimo que recebe o seu coração e o seu orgulho.

Tudo conspira contra ella. D'ali a pouco, no anno de 1808, morre a mãe de Goethe, e com essa morte quebra-se o laço vivo, o laço intelligente, que prendia os dois espiritos namorados. Bettina sente profundamente, mais do que o filho talvez, a perda da sua velha amiga.

Era ella quem a consolava dos estupidos desdens dos que não a entendiam, e acoimavam de extentricidade estudada as livres inspirações do genio; era ella quem escutava com os seus *grandes olhos de creança,* expressivos e jubilosos, os mysticos devaneios da sonhadora juvenil, quem se ria das suas invenções comicas, quem adorava as suas loucas historias.

E, sobretudo, era ella, com o grande instincto maternal que suppre as sciencias todas do universo, quem

explicava Goethe á ousada creança que se atrevia a adoral-o.

Quando o desalento a prostrava, quando a duvida a pungia, quando a fé, apagando-se-lhe, deixava em trevas o coração, a senhora de Goethe chamava-a para si, e fallava-lhe com a auctoridade de que a rasão reveste os velhos, e com aquelle fino sentimento, com aquella dôce idealidade germanica que ella possuia em tão alto grau, e que enchia de balsamos o peito ulcerado da esquecida amante.

A boa *conselheira* realisava o milagre de se convencer e de convencer os que julgasse dignos das suas preciosas confidencias, da concentrada paixão que ardia na alma do filho.—«Dizem que elle é frio, que é indifferente, que é egoista, que tem a calma inalteravel dos corações insensiveis! Mentira! O que elle é, é concentrado. A sua dignidade de Deus não lhe permitte expansões vulgares. Sente mais do que qualquer simples mortal; a tranquillidade do seu aspecto, não é senão um véu!»

Isto dizia e repetia em todos os tons a mãe illudida e sublime de confiança, e isto animava o espirito vacillante de Bettina. Comprehende-se o vazio immenso que esta amisade deixou na sua vida!

. . . .

Rebenta a insurreição do Tyrol. Repercute-se pelas cavernas e despenhadeiros alpestres o grito de guerra dos montanhezes revoltados, e Bettina, vivamente interessada e toda absorta n'aquelle drama pungente, sente acordar-lhe n'alma a corda do heroismo, que até ali fôra muda.

Nem a amisade, nem o amor, haviam saciado a sede

do seu coração, que acceitou fervorosamente o novo alimento fornecido á sua devoradora actividade.

Bettina segue com ávido olhar todos os incidentes d'essa lucta que a traição suffocou. Cada um dos martyres que expira a combater pela independencia da patria lhe arranca brados de angustia; cada um dos esforços heroicos d'esses gigantes obscuros lhe inspira phreneticos applausos.

Lamenta-se de não ser homem para poder ir morrer como elles, embora, como o d'elles, fosse sinistro e ignorado o seu fim, e tivesse de caír vencida, obscuramente, victima da traição cobarde, á beira das lugubres torrentes ou nos desfiladeiros medonhos da montanha, onde a bandeira de liberdade era arvorada por um povo de heroes.

A morte de Hofer nunca por ninguem foi chorada com mais dilacerante eloquencia e mais sincera dôr. Dirigindo-se ao seu impassivel e severo amante, exclamava ella então n'um impeto de tristeza apaixonada:

«Oh! juntemo-nos ambos para pensar n'elles, nos que morreram sem deixarem nome; n'esses candidos corações immaculados, n'esses alegres montanhezes intrepidos em cujos chapéus de feltro ondulavam as pennas das aves bravías e as barbas da camurça, insignias de caçador temerario. Pensa n'elles meu querido Goethe! A gloria do poeta consiste em dar a immortalidade aos heroes.»

Elle, porém, para affastar o olhar das desgraças d'aquelle tempo, escrevia então no seu retiro contemplativo as *Affinidades electivas,* frio romance que não lembra de modo nenhum a quadra tempestuosa e electrica em que foi concebido.

E quando a enthusiasta Bettina, depois de seguir

com o seu estylo palpitante e febril os incidentes tragicos, as traições, os morticinios, as glorias e os sacrificios d'aquelle episodio das luctas homericas que então se travavam na Europa, vem chorar confiante e consternada no seio de Goethe todas as lagrimas do coração pela morte affrontosa do traído heroe, elle escreve-lhe tranquillamente: «A tua ultima carta fecha um periodo devéras interessante».

Decididamente, nem a cegueira mais completa póde perdoar cousas taes.

Pouco a pouco, arrastada pela nossa sympathia irresistivel, temos seguido todos os incidentes principaes da vida de Bettina com involuntaria minuciosidade.

Por felizes nos consideramos se as mutilações operadas nas formosas cartas d'ella, têem dado ás leitoras o desejo de penetrarem mais a fundo na sua intimidade.

Não ha perigo de maus encontros na companhia de Bettina. Se alguma cousa no seu espirito ha de singular e de perigoso, se essas tendencias de allucinada têem de aggravar-se mais tarde, por emquanto só servem de a sobredourar de uma vaga luz ideal que não destôa do tom harmonioso do seu scenario nativo.

Depois, feliz ou infelizmente, não são contagiosos hoje, para nós, mulheres, os perigos de que fallamos. Se alguma tendencia temos de combater é a que nas sociedades modernas nos leva para as cousas positivas, interpondo como que um véu opaco entre nós e o luminoso mundo dos espiritos onde tantas consolações encontrariamos.

É tempo de nos separarmos da nossa heroina e de

pôrmos ponto n'este estudo, que vae já longo, sem deixar de ser incompleto.

Antes d'isso, porém, cumpre-nos fallar da adoração que Bettina inspirou a um homem, talvez superior a Goethe pelo genio e incontestavelmente superior pelo coração.

Era um velho, surdo, mysanthropo, preza de melancolia incuravel, que fugia do mundo, que o detestava e se aprazia em viver sósinho com o espirito da Harmonia que lhe povoava de sons magicos o silencio tenebroso do seu carcere. Esse homem era Beethoven.

Para que os mais recalcitrantes se curvem ante a incontestavel superioridade intellectual de Bettina, basta attentarmos n'esta milagrosa facilidade que ella possuia de amansar e como que chamar a si as mais asperas naturezas, os caracteres mais esquivos, e em geral tudo que por um titulo qualquer tinha direitos á realeza do espirito.

Quando Bettina viu o homem raro de quem diz, antes de ninguem sonhar em reconhecel-o, *que é um e talvez dos primeiros que vão na frente da civilisação,* esqueceu o universo inteiro, como elle esqueceu o seu odio ao mundo que o não entendia.

Durante os dias em que estiveram juntos em Vienna, a formosa rapariga, que os prazeres da sociedade reclamavam, deixava tudo para estar ao pé do seu novo amigo.

Elle então, consolado como os velhos que se sentem queridos, resplandecente de fé como os artistas que se sentem apreciados, cantava ou tocava para ella as suas mais selectas harmonias, e confidenciava-lhe as suas sublimes theorias sobre a arte em brilhantes e inspira-

dos improvisos que Bettina guardou na memoria e transmittiu a Goethe.

Quando Beethoven a ía acompanhar a casa, pelas ruas de Vienna, berrava de tal fórma, e parava tão frequentes vezes a explicar-lhe as suas idéas, que Bettina carecia de verdadeira intrepidez para suster os olhares pasmados ou ironicos da gente que passava; mas é tal a sua viril superioridade, que não lhe custava a desattender completamente esse espanto banal e o ridiculo que d'elle provinha, para se absorver toda nas palavras imprevistas, apaixonadas, geniaes do grande artista.

Em duas cartas que elle mais tarde lhe dirigiu vê-se como Bettina lhe soube dulcificar com fino tacto as ulceras do coração, como o soube consolar, ameigar e confortar, communicando-lhe a consciencia do seu poder sublime, revelando-lhe pela admiração, que elle lhe inspirou, o imperio que lhe era dado exercer nas almas.

«Os seus ouvidos sabem lisongear escutando, os meus, ai de mim! são como que um muro espesso que obsta a todas as communicações que eu possa ter com os outros homens. Se não fosse isso, talvez eu me tivesse expandido mais comsigo, mas eu só podia ouvir os seus olhos tão expressivos, e esses fizeram em mim uma impressão que jámais esquecerei. Desde que a vi partir tenho vivido longas horas de tristeza, horas sombrias, durante as quaes me é impossivel trabalhar. Então ponho-me a divagar pelas alamedas de Schoebrunn, mas a minha querida Bettina foi-se embora, e já ali não encontro o anjo que me animava e me ralhava.»

Não advinhaes por estas phrases sinceras e tão sen-

tidas a ardente caridade da Bettina? Não a vêdes comprehender as insondaveis maguas d'aquelle titan fulminado por uma enfermidade ridicula, e tanto mais fatal para elle que só vivia pelos sons, e derramar-lhe sobre a fronte encanecida e austera os balsamos com que os grandes corações amenisam os grandes infortunios?

É ainda ella quem, para satisfazer o desejo das duas maiores glorias contemporaneas da Allemanha, relaciona mutuamente Goethe e Beethoven. Os dois gigantes do Ideal encontraram-se, estimaram-se, mas não se poderam combinar. N'uma carta interessantissima do ultimo, vê-se quanto as estreitas fórmulas cortezãs a que Goethe se sujeitava, o seu respeito exagerado pelos principes e pelos potentados, as suas etiquetas rigoristas revoltaram o livre artista, que na independencia e na liberdade que a musica lhe revelára comprehendia a independencia, a liberdade e o orgulho que hoje nos ensina a democracia.

É n'essa carta que Beethoven diz a Bettina, sem ter podido ainda subtrair-se ao encanto que a deliciosa creança exerceu n'elle.

«Meu Deus! se, como *elle* (Goethe), eu podesse ter vivido dois annos na intimidade do seu espirito, que bellas e grandes cousas eu não haveria creado! Um musico é tambem poeta; dois olhos como os seus podem transportal-o a um mais alto mundo! Eu só comprehendi isto a primeira vez que a vi no pequeno observatorio, durante aquella dôce chuva de maio que para mim foi tão fecunda! Os espiritos podem casar-se entre si; e eu hei de procurar sempre unir-me ao seu. As bellas imagens da sua phantasia penetravam-me até ao coração e despertavam n'elle essas melodias que

encantarão o mundo quando Beethoven já não dirigir a sua orchestra. Adeus, adeus minha Bettina, todo o verão trouxe no peito a tua ultima carta, que foi para mim como que um balsamo: os musicos têem grandes liberdades, não é assim? Meu Deus! como eu lhe quero!»

E assignava-se com uma dôce melancolia mais queixosa e commovente do que seriam as lagrimas:

«O teu mais fiel amigo, o teu irmão surdo.»

Surprehende-se a gente a lamentar que entre esses dois velhos sublimes Bettina não houvesse escolhido o ultimo.

Não ha para uma mulher de vasto entendimento e de nobre coração mais elevado destino que o de consolar na enfermidade, no desalento, na desgraça ou na injustiça, um espirito digno de entendel-a!

X

Em 1811 Bettina casou com um poeta prussiano, Von Arnim, a quem não faz nas suas cartas a mais leve referencia.

Tudo acaba na vida, dirá a leitora intimamente desconsolada do prosaismo d'este desenlace.

Eu de mim não sei o que mais admire, se a subita e imprevista resolução tomada por Bettina, sem, ao que parece, haver consultado o seu amigo, se a ousadia do noivo que acceitou sem hesitação e sem receio o peso de tão temivel rivalidade e de tão esmagador confronto.

É occasião de repetirmos de novo o que atrás deixámos dito.—Não percamos de vista que estamos na Allemanha.

Nós, os peninsulares, não entendemos d'estas metaphysicas subtis, que estabelecem em compartimentos separados, sem correspondencia mutua, o corpo, o coração e o espirito.

Pelos modos quem se engana somos nós e não elles.

Bettina casou-se pois, e o que é mais, consta que a sua vida correu placida, serena, sem tempestades romanescas e sem ciumes retrospectivos.

A amizade, a admiração, o culto fervente dos homens mais notaveis do seu paiz, consolaram porventura o inquieto coração d'aquella que tanto aspirou ás alegrias que não são d'este mundo.

Não quebrou porém de todo em todo as relações com o que fôra o idolo da sua mocidade, e cujo coração ha muito se cerrára para ella.

Escriptas de longe em longe, e sem que nenhuma resposta do poeta revele que foram acceitas com o alvoroço do passado, menos espontaneas, mas exprimindo, senão com a mesma felicidade, porventura com igual fervor, o culto de outro tempo, as cartas da senhora de Von Arnim não desmentiram nunca até á morte de Goethe as cartas de Bettina Brentano.

Os dois conjuges por mais de uma vez foram visitar Goethe ao seu pequeno Olympo de Weimar, e são escriptos no album do filho da sua musa de outr'ora, os ultimos versos que improvisou o auctor do *Fausto*.

Quem sabe se ao traçal-os com a mão que a morte ía paralysar, o grande e impenetravel pensador se não lembrou dos dias em que das cartas deliciosas da que era hoje esposa e mãe, e tantos annos lhe pertencêra exclusivamente, elle arrancava os primorosos sonetos, que não são talvez dos que menos attraem a sympathia dos seus leitores. Quem sabe se elle não evocou

a figurinha da esbelta creança, a quem pagára com tão soberba indifferença, thesouros que fariam a felicidade de um homem de coração.

Como quer que seja, a verdade é que saudades ou recordações, se porventura as teve, nunca as revelou a ninguem. Nas suas *Memorias* — cousa que devéras espanta a quem conhece este ridentissimo episodio da sua vida! — o poeta não faz a Bettina a mais ligeira referencia. Nem uma palavra enternecida ou mesmo indifferente ella lhe mereceu!

***

Quando nas suas ultimas cartas Bettina deita um olhar saudoso e triste aos enthusiasmos da mocidade, aos verdes pincaros cheios de sol a que subia sem medo e onde se demorava sem vertigens, aos risonhos e floridos plainos, ensombrados de arvoredo, gorgeiados de rouxinoes, perfumados de jasmins e de *myosotis*, onde ella divagára absorta em sonhos que já não tornaria a sonhar, ha na voz d'ella umas notas de desoladora tristeza, de saudade insondavel que attingem o que conhecemos de mais eloquente e pathetico n'este genero!

Oh! a mocidade! a mocidade! Bem o dizia ella quando, depois de haver retemperado a sua alma ardente e juvenil em todas as emanações da robusta Natureza, exclamava:

— Ó meu querido amigo! que alegria a minha ao saborear a neblina da manhã, ao sentir o açoite da fresca ventania, e o perfume das plantas juvenis penetrar-me no peito e subir-me ao cerebro como uma embriaguez! Que alegria é ser moça, e sentir lateja-

rem as fontes e córarem as faces! qué alegria de sacudír dos soltos cabellos as gotas frias do orvalho matinal! —

***

Fada das paisagens do Rheno, dôce apparição que enches de luz a tristeza crepuscular de um grande genio, como essa grinalda de gotas de orvalho, que sacudias da fronte na tua petulancia infantil, assim a grinalda do teu amor, iriada, prismatica, phantasiosa, depois de ter reflectido todas as opulencias da côr, depois de irradiar todos os esplendores da poesia, te caío aos pés, desfeita e murcha a sua ephemera formosura!

O RISO

Escrevo este capitulo em quarta feira de cinza.

Instante de tranquillo recolhimento depois da orgiaca expansão carnavalesca.

Não sei se ás leitoras succede isto: a mim poucas cousas se me affiguram mais tristes que o carnaval.

A contorsão de um *clown*, o riso de um palhaço, a visagem grotesca de um truão, distillam na minha alma muito mais funda, muito mais pungente melancolia, do que as lamentações dolorosas de um coração inconsolavel.

Não que eu seja por natureza adversa ao riso, e amiga das morbidas scismas do romantismo, que a tanta mulher têem derrancado o gosto e pervertido a rasão, mas é porque entendo que o riso do carnaval, o riso forçado, o riso ignobil que se veste de farrapos e lentejoulas, que dança o *can-can*, que dá piparotes no nariz do seu visinho, que se expande em cabriolas e em ca-

retas disformes, é o perfeito contraste d'aquelle riso honesto e são, d'aquelle riso poderoso, que é um dos melhores auxiliares da philosophia, um dos melhores esteios da rasão, uma das melhores forças de que o espirito dispõe para dirigir e facilitar a sua missão civilisadora.

O que distingue o homem de todos os outros animaes da creação, é que só o homem ri!

Isto basta para affirmar a significação do riso.

Depois, nós que temos só uma maneira de chorar, que debaixo da pressão angustiosa e dilacerante da dôr, caímos todos prostrados no mesmo abatimento sombrio, que, nobres ou plebeus, ricos ou pobres, creanças ou adultos, genios ou mediocridades, só temos as lagrimas como supremo allivio ou como suprema expressão, temos em contraposição tantas maneiras de rir quantas são as differenças que nos distinguem e separam uns dos outros.

Ha o riso das creanças: — effluvio visivel da alma dos anjos.

Ha o riso das virgens: — reflexo ideal de um paraiso onde a arvore do mal ainda não lançou ao suas sinistras raizes.

O riso dos velhos: — uma luz feita de doçura, de experiencia e de bondade, um conselho mudo a que ninguem resiste, o perfume de uma flor murcha, que evoca diante do nosso olhar, mundos que se esvairam.

O riso das mães: — a natureza formou-o da alvura iriada das suas perolas, da claridade rubra e promettedora das suas auroras, de tudo que ha de mais carinhoso nos seus seios uberrimos, de tudo que ha mais puro nas suas graças estivaes. É uma nesga de céu, entrevista atravez de uns labios de mulher.

O riso das almas satisfeitas:—consolação e esperança dos que procuram insaciaveis alguma cousa que nunca houve e que nunca haverá.

O riso dos maus:—fauce aberta de um abysmo, no fundo do qual bramem com fragor soturno as aguas lodosas de todas as paixões indomadas.

Acima de todos estes risos e feito de todos os elementos que os constituem e de muitos outros que lhes faltam, vibra, estridente, poderoso, derramando em torno a sua influencia fecunda, o riso enorme que abala os thronos pela base, e que destroe os preconceitos e os ridiculos pela raiz.

Chama-se a este: o Riso do Genio.

Todos nós o conhecemos mais ou menos.

Quem ha que, na terra, o não conheça; quem ha que lhe não deva, talvez sem ter d'isso a consciencia bem clara, muitos dos bens que disfructa, não se preoccupando com a origem de que provêem!

Esse Riso, cujas estridulas vibrações musicaes se repercutem n'um echo triumphante através dos seculos e através das civilisações, tem uma historia, a mais dramatica e accidentada das historias!

Quereis seguir a vida da humanidade desde a sua origem até aos nossos dias? quereis conhecer a fundo todas as phases de sua lucta gloriosa contra a tyrannia das almas, chamada—superstição—e contra a tyrannia dos corpos chamada—despotismo?

Quereis saber com que tenacidade invencivel ella tem derrubado os absurdos, minado os preconceitos, prostrado em terra as injustiças, destruido as desigualdades sociaes, annullado as leis barbaras e as leis ineptas, esmigalhado as cadeias brutaes, modificado os instintos selvagens?

Ide procurar nos fastos truncados e ineditos do Riso essa odysséa entre todas gloriosa.

É que o homem tem caminhado soberbamente á conquista dos progressos que o divinisam, brandindo esse machado cyclopico, manejando essa espada de aço fino, de que ressalta á reverberação de todos os astros um feixe de scentelhas deslumbrantes que allumia em torno os recessos mais escuros.

Quem deu a essa estranha convulsão que, no dizer expressivo de Taine, nos distende os labios, nos sacode violentamente o peito, nos dá como que a sensação de um libertamento subito, de uma vingança que se exerceu, de uma superioridade reconquistada, o terrivel poder que ella possue?

O Riso, que póde ser e é tanta cousa — Proteo mais variavel e mais caprichoso que o velho Proteo mythologico é — acima de tudo a mais completa e absoluta manifestação da rasão humana!

Encarado sob este aspecto, é que elle attinge a sua suprema altura e a sua significação mais importante.

Quem é que nas civilisações antigas, em que a força esmagava o direito, em que as minorias intelligentes tinham de curvar o pescoço debaixo da pressão violenta das massas dominadoras, em que a escravidão infamava a lei, em que a libertinagem infamava o amor, quem é que soube soltar bem alto o protesto mais apaixonado e mais energico, aquelle que tem atravessado os seculos e chegou até nós com a mesma palpitante energia com que saiu dos corações, que o arremessaram á face do seu tempo.

Occorrem-nos immediatamente dois nomes: na Grecia, Aristophanes, o grande flagellador dos vicios que

ás vezes no desvario da sua colera sagrada, nem mesmo poupava as virtudes.

Em Roma, Juvenal, a sublime alma austera, de versos flammejantes como o raio, e como elle fulminadores contra as monstruoas abominações do seu seculo; Juvenal, o severo, o immortal justiceiro, cujo riso é o supremo estygma dos Cesares, a suprema vingança da rasão e da moralidade ultrajadas.

Ambos riem, e o riso de ambos é o ferrete infamante estampado nos costumes das civilisações a que perteneceram, é o protesto da dignidade humana contra o rebaixamento moral das gerações, é a soberba e magestosa cadeia, de élos scintillantes como estrellas, que agrilhoa na hora dolorosa da sua decadencia, duas raças heroicas ao poste dos condemnados.

Ao lel-os—ao ler sobretudo o ultimo—comprehende-se que não ha momento, por mais tenebroso e mais hediondo, em que a alma humana perca inteiramente os seus fóros de immortal.

Esse riso de revolta, de indignação, esse riso que na phrase de Victor Hugo tem a rigidez e tem a graça, tem a belleza severa da liberdade e as suas garras potentes, revela-nos bem claro uma consoladora verdade: é que se no homem ha sempre, ora dominado pela força da rasão, ora brutalmente indomavel, o robusto animal bravio, de instinctos terriveis, tambem ha n'elle quasi sempre, embora paralysado, embora occulto, o semi-deus fulminado por ter querido escalar as alturas olympicas, mas ainda assim nunca vencido na sua inquieta e suprema aspiração ao inacessivel bem, que vio escapar ás suas mãos ambiciosas.

Mais tarde, quando a ignorancia sinistra, a força material desbordante e invencivel, os sanguinraios ex-

cessos da theocracia e do despotismo fizeram do mundo uma vasta arena tenebrosa em que os homens se degladiavam como feras, em que as forças vivas, luxuriantes fecundas da Natureza eram consideradas pela escura superstição dos fanaticos como outras tantas tentações damninhas do espirito que reinava no fundo dos abysmos, em que uma indizivel oppressão parecia esmagar com um peso de montanhas o coração entristecido, cheio de negros terrores da desventurada humanidade, ouviu-se de repente o echo de umas poucas de risadas collossaes que se fundiam n'uma só.

Foi terrivel e foi deslumbrante!

Houve como um clarão subito que illuminou as densas trevas e o homem levantou-se libertado de todos os grilhões que o cingiam e vio á luz radiosa d'aquella nova aurora, que tinha a violenta explosão de uma procella, que onde julgára ver monstros reaes não havia senão monstros chimericos, que os inimigos que o acovardaram fôra a sua propria phantasia que os creára e lhes dera vulto e fórma.

D'onde veio este riso que destruia tanto e que tanto edificava? O creador de todas as reformas, o pae de todas as revoluções modernas?

Quem soltou essa triplice risada enorme, cujo estrondo abalou o mundo nos seus alicerces mais solidos?

Na Allemanha, Luthero, o grande trabalhador, o athleta formidavel, homem de intrepidez e de robusta fé, leão que o catholicismo não poude amordaçar, e cuja palavra escandecente, em que o burlesco acotovelava o sublime, em que as iras apocalypticas do propheta se confundiam com a ironia violenta do demagogo, fez tremer e empallidecer nos seus thronos seculares o Papa e o Imperador, os dois poderes que ha-

viam dividido o mundo, e que o conservaram até ali agachado, tremulo e humilde a seus pés.

Na França, Rabelais, padre e revolucionario, que rompendo em grossas gargalhadas compoz a satyra completa do seu seculo na monstruosa epopeia em que juntou e amalgamou em confusa ebulição todos os elementos hecterogeneos que formavam o tenebroso cahos da idade media.

Rabelais, o *creador do ventre* como um grande poeta lhe chamou, e que fazendo a apotheose da materia caracterisou e definiu as tendencias da sua época.

O riso de Gargantua não deixou ainda de communicar a todos que lhe ouvem o echo retumbante a sua convulsão gigantesca; qual não seria pois a impressão que elle produziu no espirito barbaro e ignorante do seu seculo e da sua nação?

Á hilaridade colossal do homerico truão, que arroja como um desafio a sua gargalhada fradesca á cara de tudo que então era respeitado e querido, de tudo que constituia auctoridade e lei, e se chamava—devoção, clero monastico, cavallaria, realeza, pretensão platonica e scientifica, erudição, heroicidade—respondeu logo uma outra gargalhada de alegre surpreza, a gargalhada de uma raça que desperta da sua lethargia antinatural, que se apalpa, que se reconhece, que encontra emfim o caminho para onde todas as tendencias a levavam, e do qual andava involuntariamente transviada.

Transponhamos os Pyrenéus, barreira natural que separa duas naciolidades tão diversas nos gostos e nos instinctos, e escutemos ainda a outra voz que ri, a outra fórma epica e immortal da ironia.

O riso d'este tem umas notas de suavidade e de

sympathia; é o riso de um poeta que sabe que a poesia morreu; de um coração feito de sinceridade, que vê a mentira substituir em toda a parte os sentimentos rudes e verdadeiros; de um soldado que volta das batalhas em que andou combatendo cheio de intrepidez e de fé, com um braço de menos, e muitas desillusões de mais.

A cavallaria estava morta, não foi Cervantes que a matou.

O que elle matou no seu D. Quixote foi o apparato scenico da cavallaria, a sua falsa exterioridade, tanto mais exgerada e tanto mais absurda, quanto mais lhe faltava o alento interior que a espiritualisaria e lhe daria vida.

D. Quixote!...

O que não exprime este nome, typo immorredouro da phantasia em guerra aberta com o bom senso, do espirito em opposição permanente com a materia, das generosas e doidas illusões de uma alma heroica em perenne combate com as chatas realidades da vida pratica.

O riso de Cervantes não fere a alma, não a deixa desconsolada, esteril; é o riso benevolo de quem combate a loucura e não póde vencer a sympathia que ella lhe inspira.

Os tres Ironicos terriveis symbolisam as tres nações a que pertencem.

Um ergue nas mãos de Cyclope a pesada massa e atira por terra os thronos em que se assentam reis, e as cathedraes onde se assentam pontifices.

Outro conduz o seu cortejo fantastico de gigantes, de annões, de frades, de ebrios e de perdidas, e atira para cima de toda essa matula confusa uma cousa

enorme que ha de lançar raizes em todos os espiritos e que se chama Duvida.

O terceiro escarnece com a velha magestade hespanhola a chimera de que elle proprio anda possuido, e sentindo em si todos os arrojos cavalleirescos, dá o ultimo golpe na cavallaria moribunda. Do riso d'estes tres descende o riso de todos que vieram depois.

Elles foram a corrente caudalosa onde beberam todos os athletas da Ironia, todos os redemptores humanos da rasão e da justiça chamados Molière, Labruyère, Montesquieu, Saint Simon, Diderot, Beaumarchais, Chamfort, Rivarol, e sobretudo um dos maiores, um nome que só por si significa—guerra a tudo que é despotismo, a tudo que é submissão intellectual, a tudo que é injustiça, preconceito, superstição, auctoridade exorbitante; um nome que diz—revolução—e que andará eternamente vinculado a todas as luminosas e serias conquistas do espirito moderno.

Voltaire! para exprimir um mundo em uma palavra só.

***

Quando o Riso, o audaz guerreiro intrepido e triumphante que não cansára nunca em milhares de annos de combate, que déra ao mundo os unicos typos que não podem morrer, que creou Pantagruel e que creou Falstaff, que produziu Scapin, Sganarello, Figaro e Sancho Pansa, que dourou de côres tão vivas e faiscantes a imaginação radiosa do Ariosto, que desfiou o seu rosario de notas christallinas ao ouvido do bom Lafontaine, que inspirou a fina ironia de Montaigne, a duvida espirituosa de Erasmo, o extraordinario *humourismo* de João Paulo Richter,—quando o Riso, depois de demolir os

falsos dogmas, que eram os carceres da consciencia —demolio a negra Bastilha que era o carcere dos corpos, e depois de matar todas as superstições matou todas as tyrannias que faziam do mundo um vasto inferno, deu emfim por concluida a sua missão de gloria, de alegria, de gaudio enorme, de triumpho colossal!

Desceu então sobre a terra um véu plumbeu e espesso, surgiu um sentimento novo, doentio, expandindo-se em soluços hystericos, uma como que morbidez esterilisadora de todas as poderosas faculdades do homem.

Este sentimento é a melancolia moderna, a duvida sombria que nos paralysa e avassalla, tão diversa d'aquella *duvida* que foi uma desforra da rasão por longos seculos escrava.

É como que o abatimento que se segue á expansão de todas as actividades e de todas as forças, um adormecimento, um lethargo, uma hora de sinistro eclypse.

A este sentimento complexo cabe uma analyse complexa como elle.

O Romantismo foi uma quadra de tristeza profunda na vida da humanidade. Ás suas creações falta portanto uma das mais indispensaveis condições de duração e de vida.

Falta-lhes *alegria*.

É por isso decerto que ellas têem de morrer cedo.

RENAN E A ACADEMIA FRANCEZA

Uma sessão tão extraordinaria como interessante! Uma d'estas solemnidades raras, que, pelas idéas que trazem forçosamente associadas, despertam em todos a curiosidade mais viva, e n'alguns o mais profundo interesse.

Tratava-se de receber no logar da academia,—vago pela morte de Claude Bernard—, um homem illustre, que, pelo genero especial de estudos a que tem consagrado a vida inteira, uma vida de investigador e de viajante, levantou em torno do seu nome uma celeuma de applausos e de maldições, e acordou, pelos assumptos religiosos ha tanto abandonados e que tão magistralmente tratou, a mais viva e ardente curiosidade.

Chamam-lhe *atheu* os catholicos, e os atheus chamam-lhe *mystico*. Cremos piamente que elle merece

mais a ultima classificação do que a primeira. Fallar n'este homem, a não ser para o amaldiçoar, é como que incorrer no desagrado e no desprezo de todos os sectarios; este nome significa para elles uma declaração de guerra tão intransigente como sincera!

Percebem já que vamos fallar de Renan. Não vimos aqui, como as leitoras comprehendem decerto, fazer a nossa profissão de fé religiosa.

Desinteressamos completamente do assumpto a nossa individualidade propria.

Não sabemos nem queremos saber se as idéas de Renan são as justas e são as verdadeiras; attendemos sómente á sinceridade com que elle as professa e ao profundo sentimento religioso com que elle procura o que julga a verdade.

Engana-se? E' muito provavel que se engane, e qual, no fim de contas, é o homem a que isso não succeda e não tenha succedido? Todos os que têem fé e boa vontade andam empenhados no descobrimento d'essa fonte universal de todos os conhecimentos, que para nós se appellida verdade. Uns se aproximam mais, outros se aproximam menos d'ella; nenhum chegou ainda a saciar-se na agua viva e limpida que jorra do seu seio em grossos mananciaes.

Mas são dignos da nossa veneração todos os que procuram esse caminho ignoto, sem attenderem a reclamações pueris, a doestos injuriosos, a interpretações crueis, a obstaculos e a perigos.

Procurar a verdade, eis a mais nobre missão do homem! E a verdade que é *una* tem manifestações infinitas.

Renan, para os espiritos que são imparciaes e justos, mesmo para os seus mais ardentes adversarios, tem um merecimento incontestavel.

É sincero.

Sincero nas suas duvidas, nas suas hesitações, nos seus enganos, nas contradicções que revela, nas affirmações que audaciosamente apresenta. Nunca o preoccupou a idéa, toda mundana, de que as suas doutrinas o íam tornar objecto dos anathemas, e dos odios ferozmente intransigentes; nunca hesitou no seu caminho, ao lembrar-se das tempestades que ía provocar.

Não deseja ter a fama demolidora de Voltaire, nem o espirito arido e esterilisador dos encyclopedistas do seculo XVIII. Os que pensarem, de animo frio, n'esta distincta personalidade de Renan, os que estudarem sem idéa preconcebida o conjuncto de sua obra, hão de — querendo ser leaes — reconhecer o seguinte. É que elle não fez ao catholicismo o mal que por ahi tanto apregoam.

Pelo contrario, o seu livro capital, livro onde os processos criticos não excluem a uncção poetica e a elevação religiosa, o seu livro mais anathematisado, não levou a minima duvida aos espiritos sinceramente convencidos das vérdades do catholicismo, porque esses não o leram nem quizeram lel-o. Foram os descrentes, foram os scepticos, foram os indifferentes, foram os pagãos — d'este terrivel paganismo moderno, que só divinisa os gozos da materia —, que o devoraram, pensando achar n'elle a justificação das suas impiedades diversas.

Pois sabem o effeito que a *Vida de Jesus* produziu n'elles? Um effeito moralisador, um effeito altamente benefico! Onde julgavam encontrar o materialista, encontraram o pensador profundamente religioso; onde suppunham ver o atheu, viram o poeta embebido em sonhos de uma idealidade mystica!

Tinham na sua criminosa cegueira, confundido as verdades fundamentaes do christianismo, a sua moral tão elevada, tão pura, tão inexcedivel de perfeição, com as creações posteriores da igreja organisada, e deixando de crer n'estas haviam deixado de acreditar e de respeitar aquellas.

Visto que não podiam continuar a ser catholicos no sentido orthodoxo da palavra, entendiam que só deviam ser materialistas, atheus e muita vez peor do que isso. Para esses, a incredulidade *voltaireana* era a ultima palavra da sciencia em assumptos religiosos. Qual não foi, pois, o seu espanto, vendo que Renan está tão longe como Dupanloup dos philosophos da negação e da impiedade!

Os dois acima citados são, decerto, inimigos, inimigos irreconciliaveis: o ponto de vista de ambos é differentissimo, mas no fundo era possivel que se combinassem. As idéas dos terceiros é que nem um nem outro poderiam admittir.

Não sabemos quem chamava uma vez a Renan o *ultimo christão*. Ha talvez n'esta definição um fundo de verdade, que seria facil provar.

Aos seus leitores irreligiosos, fez decerto muitissimo bem a obra de Renan. A divina perfeição do christianismo revelou-se-lhes milagrosamente através da palavra ardente, colorida, unctuosa, apaixonada, do grande poeta. Respiraram com delicias o perfume esmorecido d'essa doutrina de amor, e comprehenderam que o homem nunca poderá crear uma fé, um dogma, uma crença que lembre de longe a doçura ideal, a casta serenidade, a misericordiosa ternura da religião prégada pelo adoravel Nazareno!

Sem querermos de modo nenhum adoptar nem applau-

dir os pontos de vista individuaes de Renan, apostaremos sem hesitação, que foi maior o numero de almas que a sua palavra chamou ao gremio christão, do que o numero de devotos que a sua argumentação afastou do seio da igreja.

Posto isto, não podemos levar a mal que elle escrevesse o seu primeiro livro!

***

Comtudo, era um luctador ousado, era um adversario de todos os convencionalismos, era um inimigo de muitas tradições queridas, era um democrata apaixonado e convicto, um revolucionario, no sentido especulativo da palavra, que a academia conservadora, a academia por sua natureza aristocratica, a academia catholica ía receber entre os seus socios.

D'aqui, as difficuldades enormes que Renan teria de vencer para o seu *discurso* de recepção.

Não ferir nenhum melindre justo, não offender nenhum affecto legitimo, não magoar nenhuma crença respeitavel, e, no emtanto, não renegar as convicções a que tinha sacrificado a sua vida, affirmar mais uma vez a sinceridade e a lealdade das suas intenções, tocar com extrema delicadeza nos pontos mais difficeis da sua idéa philosophica, eis o que era necessario n'esse *discurso*, e eis o que Renan realisou magistralmente.

Entre os escriptores da França, paiz onde em mais perfeita e flexivel linguagem se exprimem mais finos e engenhosos pensamentos, Renan é considerado um dos mais perfeitos artistas da palavra. Se outros não

fossem os seus merecimentos, só este lhe bastava para conquistar, com plena justiça, o seu logar na academia franceza.

A prosa de Renan é de uma animação, de um colorido, de uma flexibilidade extraordinaria.

Molda-se com segurança admiravel a todos os assumptos que trata.

Pintando, com traços de finissimo pincel, as risonhas paisagens que a figura casta e serena de Jesus atravessa como um louro raio de luar, ha nas suas palavras uma graça, uma inenarravel doçura, que revelam a superior intuição do artista e do poeta. Que bem elle faz sentir o contraste entre o aspecto árido, austero, desolado, como que devastado por uma idéa de desespero e de morte, de Jerusalem,— a terra dos doutores intolerantes, dos escribas hypocritas, dos devotos agarrados á letra da lei —e as sombras refrigerantes, e as aragens frescas e embalsamadas, e os verdes arvoredos, e a curva ondeante e molle das montanhas azues, e os tapetes floridos que faziam da Galiléa, «a verdadeira patria do Bem amado, a terra do Cantico dos Canticos», o ninho de amor, onde Jesus devia nascer!

Assim, as ameaças sinistras, as prophecias lugubres do *Velho Testamento,* se resolvem em dulcissimas promessas de redempção e de amor nos labios unctuosos do filho de Maria!

***

Estas qualidades de estylista brilhante e de estylista delicado, não faltaram a Renan no seu discurso.

Elle, que tem feito retratos que ficaram celebres, fez a traços largos o retrato soberbo de Claude Bernard, o pae da physiologia moderna, um verdadeiro apostolo da sciencia, um dos novos *santos* da civilisação.

N'este ponto teve uma comparação justa e bella. De feito, o que eram os santos, os heroes, os grandes homens cuja lenda veio de bôca em bôca até aos nossos dias? Tinham em mira, pelo exemplo, se eram simplesmente contemplativos e ascetas, pela lucta e pela acção, pelo proselytismo ou pela força, se eram guerreiros ou apostolos, o melhoramento e o progresso da humanidade.

Debaixo de um ponto de vista falso ou de um ponto de vista verdadeiro, procurando o bem absoluto, ou procurando simplesmente o bem relativo, que é que elles queriam e tentavam? Levar o homem que tinham achado n'um ponto do caminho para um ponto mais avançado, ou para um ponto diverso; eis tudo! Os meios que empregavam são outra questão.

Não eram elles que os escolhiam.

As circumstancias, o estado intellectual da época a que pertenciam, as causas predominantes que actuavam no espirito da raça que queriam dominar, ahi está o que preparava esses meios e que os tornava indispensaveis.

Hoje, que uma revolução completa alterou o modo de ver e de sentir da humanidade, a missão incumbida aos santos e aos heroes ficou a cargo dos homens de sciencia.

Como os primeiros, elles precisam — para serem o que devem ser — renunciar a todas as alegrias da familia, a todos os sonhos egoisticos de felicidade, a todas as preoccupações mundanas de gloria, de luxo, ou de pra-

zer. Precisam de ser humildes, para conhecerem os seus enganos e corrigil-os sem vaidade; desinteressados, para não pensarem em recompensas externas; austeros, cheios de fé na efficacia da sua obra, que não é mais do que a parcella importante de uma obra eterna.

Oh! quantos sacrificios não exige este renunciamento absoluto de tudo que constitue a porção mais vulgar do nosso ser! Felizes os que podem realisar esta missão!

A vida de Claude Bernard, desenhada a largos toques pelo estylo excepcional de Renan, colloca-nos em frente de um d'esses entes superiores.

Verdadeiro sacerdote da sciencia, viveu e morreu sem filhos. Seus filhos foram os seus discipulos, os que aproveitaram das descobertas maravilhosas que em risco da propria existencia elle ía arrancar ás entranhas reconditas da vida!

Ha um momento em que Renan, pensando decerto nas luctas que teve de travar, e fazendo mentalmente uma especie de parallelo entre o seu destino e o destino do homem benemerito de quem fallava, diz o seguinte:

«Claude Bernard não ignorava que os problemas que tinha de resolver, confinavam com as mais graves questões da philosophia. Nunca esse pensamento o affligio. Não acreditava que fosse licito ao homem de sciencia preoccupar-se com as consequencias que podem resultar das suas investigações. Era a esse respeito de uma impassibilidade absoluta. Pouco lhe importava que lhe déssem este ou aquelle nome de seita. Não era de seita nenhuma. Procurava a verdade. Eis o seu unico ficto.»

Mézières foi o encarregado de receber o novo socio da academia e de responder ao seu brilhante discurso. Não era facil a empreza, mas foi dignamente executada.

O discurso de Mézières, se não tem aquelle sabor especial que torna a linguagem de Renan um encantamento, uma seducção rara, é feito com vigor, bom senso, e ás vezes com fina e delicada ironia.

Fallando da modestia de Claude Bernard, faz sentir, com intenção, que elle se recusára sempre a saír do dominio experimental, para se filiar n'uma ou n'outra das grandes escolas que repartem entre si o mundo moderno. «D'esse modo alcançaria, com os applausos de uns, com os anathemas de outros, o augmento de celebridade, que dá ao talento o ardor das controversias religiosas ou philosophicas.»

Ha aqui por ventura uma ironia, mas tão fina como só a sabem dizer esses modernos athenienses da França.

O que resulta claramente da recepção de Renan na academia, é que passou o tempo da intolerancia reciproca, em que duas interpretações diversas de uma idéa ou de um facto separaram irreconciliavelmente os homens!

Como perfeitamente o fez sentir Mézières, perante o criterio justo e imparcial, o erro de um adversario, quando é sincero, é sempre respeitavel.

Em Renan, ao lado do espirito investigador e ardente que tentou ir saciar a sua sede de verdade nas fontes primitivas do christianismo, e que só por esse facto se declarou inimigo irreconciliavel da igreja de Roma, ao lado do philosopho, ha o erudito, ha o escriptor esplendido, ha o idilico pintor do scenario que vio des-

enrolar-se a mais deliciosa historia que a humanidade conhece, ha o homem que mais a fundo penetrou na alma amorosa de Jesus!

Seria prova de fraqueza passar de leve pelos assumptos, que tem sido o estudo exclusivo e dilecto do talentoso escriptor.

Se a academia o recebesse unicamente a medo por transigencia ou por covardia, não fôra valiosa a consagração suprema que ella deu aos profundos trabalhos de Renan. Foi isso que ella sentiu, e as difficuldades da sua situação excepcional soube salval-as com admiravel pericia.

Fez justiça completa ás intenções leaes do auctor da *Vida de Jesus,* á pureza da sua nobre vida, que a affeição dedicada de uma irmã aureoleia de suavidade e de poesia, ao vigor do seu talento, e á austera convicção que o anima, no meio das inimisades profundas despertadas pela sua doutrina.

Esta prova de tolerancia e indulgencia mutua é mais uma manifestação dos progressos intellectuaes da França! Vê-se que ella caminha para esse ideal de paz e de concordia, que é o sonho de todos os pensadores; vê-se que ella adivinha essa aurora radiosa em que os homens, quaesquer que sejam as suas crenças, se hão de unir e abraçar na mesma communhão de justiça.

Ninguem mais do que Renan merecia tão honrosa manifestação de tolerancia religiosa, porque ninguem soube collocar em luz mais viva e mais pura esse sentimento que distinguio Jesus dos seus antecessores e dos seus discipulos, esse sentimento de fraternidade, que o fazia considerar todos os homens como seus irmãos espirituaes, sem distincção de raça e sem distincção de fé.

O pensamento que assistiu a esta sessão academica,

que a tornou mais interessante para nós, é perfeitamente expresso por estas palavras, que extraímos ainda do discurso de Renan, e que damos como remate ao nosso rapido artigo.

«Não é verdade, meus senhores, que os homens são demasiadamente severos, uns para com os outros?

«Anathematisam-se, tratam-se com mutuo desdem, quando muita vez, de uma e de outra parte, é a honestidade que insulta a honestidade, a verdade que injuria a verdade! Oh! como o Homem é bom! como elle tem trabalhado! quanta dedicação tem gasto para alcançar o bem, para alcançar a verdade! e quando se pensa que os seus sacrificios a um Deus ignoto foram feitos por elle na miseria, no soffrimento, vendo-se na terra como um orphão que não sabe o que lhe trará o dia de amanhã!...

«Ah! não posso soffrer que insultem esse ser votado a todas as dôres, que entre o gemido da nascença e o gemido da agonia, achou meio de crear a arte, a sciencia e a virtude!»

N'estas palavras de Renan, a tolerancia torna-se divina como uma religião.

E á luz que derramam de si estas palavras que a obra de Renan terá de ser julgada pela posteridade.

D. SEBASTIÃO

PERFIL HISTORICO

I

No reinado do fanatico D. João III colheram-se os tristes e funestos resultados de alguns dos erros da politica de el-rei D. Manuel, entre os quaes erros avulta, como principal, a expulsão dos Judeus.

O ouro e as riquezas que os vastos galeões traziam dos opulentos emporios do Oriente e da fecunda colonia do Brazil, parecendo inexgotaveis, crearam o luxo e a indolencia, definharam a agricultura e mataram a industria.

Os odiosos monopolios das republicas italianas, para fugirem aos quaes os ousados aventureiros Vasco da Gama e Alvares Cabral tinham aberto á civilisação novos e larguissimos horisontes, eram de novo implantados como medidas de grande alcance e de incontestavel utilidade.

Á custa das artes e da agricultura floresciam, multiplicavam-se e prosperavam as ordens religiosas, os

conventos e os mosteiros; ao trabalho succedia o relaxamento e a ociosidade, e aos antigos brios guerreiros o insaciavel desejo de enriquecer, mas facilmente e sem grande dispendio de actividade.

As minas brazileiras deslumbravam como os thesouros das lendas, e os vice-reis recolhiam á metropole, millionarios como Crasso depois da derrota dos Parthas.

O trabalho entrou a ser uma deshonra e um desprestigio, e, alem d'isso, uma inutilidade.

A America não era d'este nem d'aquelle, era do paiz inteiro: era como que uma enorme herdade com que a Providencia nos enriquecera.

Quando os possantes galeões portuguezes aportavam ao Tejo, a multidão apinhada no caes rumoroso saudava-os como a conquistadores que recolhessem á patria cobertos de louros e de trophéus.

É que dentro do bojo d'aquellas naus vinha o grande e supremo conquistador: —o ouro!

O estado economico, moral e politico do paiz nunca chegára a um mais deploravel grau.

Tanto nas instancias seculares como nas do clero, os abusos, os escandalos e as injustiças fervilhavam e cresciam de dia para dia.

A fiscalisação era insensata e torpe, o paço estava atulhado de parasitas e de aulicos sem pejo e sem brios, a rua de vadios e pobres; os mosteiros e conventos estavam cheios, a deitar fóra, de hypocritas, de fanaticos e de egoistas.

Das innumeras e famosas casas de tavolagem saía-se para o duello, para o patibulo e para a ignominia.

As casas dos christãos novos eram apedrejadas, cu-

biçadas e amaldiçoadas pela gentalha, mas, por horas mortas da noite, os fidalgos de maior prosapia entravam, embuçados e ás occultas, n'aquellas casas humildes, e recebiam de cima dos balcões dos filhos da raça maldita o preço das alfaias, dos campos e das contadas que haviam herdado de seus maiores.

A terra esterilisara-se; o povo, antigamente forte e enthusiasta, fizera-se preguiçoso, servil e humilde; a industria estagnara; havia sómente uma instituição sinistra e feroz que trabalhava continua e infatigavelmente, espalhando em roda de si a ignorancia e o terror — a Inquisição!



É no meio das deploraveis circumstancias que descrevemos muito por alto, que D. João III fallece legando a regencia a D. Catharina, sua esposa, na menoridade de seu neto, o principe D. Sebastião.

Os affagos, as blandicias e os mimos não faltaram á meninice d'esta creança, em redor da qual ainda assim, como em volta da dobadoura de Omphale, na poesia de Hugo, se arrastavam lampejando olhares de uma submissão sinistra as feras brutaes e manhosas que se chamam a ambição, a hypocrisia, a vileza, a intriga, o jesuitismo, e que infelizmente não terão a sorte do javali de Erymantho e do leão da Neméa.

O infante crescia e mostrava desde os mais tenros annos auspiciosas esperanças de que viria a ser um optimo rei.

Mas a adulação servil estraga-lhe as boas qualidades. Escondem-n'o e furtam-n'o á observação dos homens e das cousas, e ante a sua ardente imaginação de moço

os ambiciosos da privança do que viria a ser rei de Portugal, desdobram a perspectiva dos combates pelo engrandecimento da fé e pela dilatação do nome portuguez; contam-lhe os altos rasgos de valor dos nossos capitães nas regiões, tão gloriosas para nós, da Africa e da India; descrevem-lhe com vivas tintas as proezas, os lances perigosos, as façanhas e o martyrio dos principes portuguezes; os livros que o herdeiro da corôa lê são em geral as historias dos reis conquistadores e dos que assombraram o mundo com o ruido de seus feitos.

No seu querido isolamento, o principe só cuida no tempo em que poderá igualar, se não exceder, em brilho e galhardia, todos esses capitães triumphantes, cuja historia sabe de cór.

Taciturno, fugindo ao convivio da gente da sua idade, desconfiado, cheio de um enthusiasmo que participa do fanatismo e da heroicidade, não escuta conselhos senão os da sua vontade energica e indomavel.

Era já tarde quando o quizeram desviar do caminho que todos reconheciam ser funesto e perigoso; quando a verdade pela primeira vez se defronta com o principe, o irascivel moço encolerisa-se, e dá a conhecer que não lograrão demovel-o do plano que a si proprio traçára.

Os que o contraditam caem-lhe no desagrado, os que o adulam e applaudem captam-lhe a confiança e a estima.

Emquanto não chega a occasião em que plantará na terra africana o heroico estandarte das quinas, leva os dias nas fechadas matas de Cintra, ou nas coutadas de Almeirim, entregue ao saudavel prazer da caça, robustecendo o corpo, adestrando-se em exercicios mus-

culares, desenvolvendo as forças e habilitando-se assim para supportar as asperas fadigas da guerra.

Lucta e prepara-se continuamente para luctar.

Prefere a todas, as caçadas a do javali, assim como o Cid as corridas de touros, nas quaes pratica feitos de uma destreza e temeridade assombrosas; exercita-se no jogo da lança e da espada, e doma com a resoluta pericia de Alexandre os cavallos mais fogosos e irrequietos.

De um temperamento ardente e bellicoso, procura as resistencias e os obstaculos para os vencer e dominar; os perigos attraem-no com incrivel fascinação.

Quando o temporal se desencadeia terrivel sobre as aguas do Tejo, quando as ondas verberadas pelo latego igneo e azulado dos raios vem estourar furiosas e urrando phreneticamente no caes, o principe manda aprestar um bergantim, uma embarcação pequena e fragil, e, dentro d'ella, sereno, com os braços crusados, o rosto impassivel, sem que um só musculo lhe trema, affouta-se, como os *berserkers* scandinavos, ao mar alto, e desafia com intrepida bravura as coleras da tempestade.

Depois de saborear o aspero e violento prazer do perigo, e depois de vencidos os obstaculos e as resistencias, acode-lhe a mania bellicosa, e avultam-lhe aos olhos, como no esplendor de uma gloria, as ardentes e inexploradas terras africanas, as luctas, os combates e os triumphos que o estão chamando e convidando de longe.

Natureza exuberante e excessiva, o que lhe convém é acção, acção e mais acção.

Não lhe bastam os sonhos, aspira pela realidade d'aquillo que a phantasia tão vivamente lhe debuxa.

Nenhuma influencia o domina, nenhum ascendente o subjuga, a não ser a desvairada ambição da gloria, mas gloria alcançada pelo seu braço, pela sua força; pela sua coragem.

O amor, que é a alegria de todas as adolescencias, o amor, que é *mais forte que a morte,* no dizer da Escriptura, nunca sorrio ao coração d'este principe, gelido e sombrio como a cella de um monge-cavalleiro.



Continuar, não dizemos bem, escurecer as façanhas gloriosas de D. João I e de Affonso V, eis o unico e supremo desejo de D. Sebastião.

Anhela e espera com ancia desesperada pela hora em que plantará nos torreões de Marrocos as quinas triumphantes.

A occasião retrae-se, foge-lhe, e o principe impacienta-se.

O seu impetuoso temperamento sanguineo precisa, como já o dissemos, de acção; a força que trasborda d'aquelle corpo musculoso carece de emprego.

Com os olhos fitos nas plagas de Africa, não vê nem percebe as intrigas palacianas e as ambições ecclesiasticas que se enredam e pelejam em redor d'elle.

Filippe II, do fundo do seu palacio-mosteiro, fareja com as largas narinas de tigre a presa que ambiciona, Portugal e as suas vastas colonias; mas o principe permanece alheado e embevecido no seu querido sonho.

Farto de dizer palavras asperas aos vivos que o admoestam e benevolamente aconselham, desce um dia aos sepulcros em que jazem os reis portuguezes, e elo-

giando os guerreiros, cospe insultos aos que foram pacificos e dôces, e aos que não curaram de conquistas.

Ao dar com as vistas em D. Pedro sorri desdenhoso e ironico; ante o esqueleto de D. Affonso III relembra com enthusiasmo as façanhas do Bolonhez.

No mosteiro da Batalha, quando tiram do tumulo o esqueleto de D. João II, o infante fica meditativo e respeitoso, e por largo espaço contempla aquelle rei que ainda depois de morto empunha a espada com que praticára prodigios de bravura na batalha do Tóro.

Este desejo de prescrutar os segredos da morte, esta curiosidade de alem tumulo, esta quasi demencia, são qualidades herdadas com o sangue, são como que um legado de familia.

Carlos V, seu tio, manda fazer em vida as proprias exequias; Filippe II tem ao cánto da funebre cella, em que vive enterrado no Escurial, o caixão dentro do qual descerá á sepultura; Joanna-a-louca passeia dentro de uma liteira pelas serranias e descampados de Hespanha o cadaver do archi-duque seu marido.

Corre-lhe no sangue um mixto do orgulho de um barão feudal e da exaltação doentia de um fanatico.

Pela lei biologica da hereditariedade, o principe herda não só as qualidades como as feições que distinguem os individuos da casa da Austria.

Os seus olhos vivos, rutilantes, e um tanto desvairados, os seus cabellos louros, os membros robustos e bem proporcionados, á côr alvissima do rosto raras vezes allumiado pela festa do sorriso, o beiço inferior polpudo, grosso e um tanto caído, dão-lhe uma notavel similhança com os membros da familia austriaca.

O atavismo manifesta-se n'elle de um modo evidente e claro; as mesmas qualidades e os mesmos defei-

tos dos avós reflectem-se poderosamente na organisação do principe; segundo o nosso entender, porém, D. Sebastião assimilha-se muito mais a Carlos V do que a D. João III, muito menos ao mocho do que á aguia.

A batalha de Alcaçar-Kebir e as desgraças e lutos que d'ella advieram ao paiz, póde-se dizer que não foram devidos tanto á religiosa educação que D. Sebastião recebeu, como á fatalidade organica do desventurado monarcha.

Portugal offerecia campo demasiado estreito, onde podesse exercitar-se e desenvolver-se a actividade poderosa do principe. Os fidalgos irrequietos tinham ajoelhado submissos sob a pressão vigorosa do ferreo guante de D. João II, os concelhos balbuciantes haviam perdido todo o prestigio anterior, e o paiz necessitava de uma vontade organisadora, e não de um espirito indisciplinado, ambicioso, desregrado e indomavel como o do principe que estava á frente dos destinos portuguezes.

D. Sebastião, descendo aos tumulos de seus antepassados, e dirigindo apostrophes aos esqueletos que manda desenterrar, faz-nos lembrar o principe da Dinamarca no cemiterio de Elsenôr.

O que é fantasia na tragedia ingleza, assume um caracter assombroso e lugubre de verdade na historia.

Na tragedia ouvimos Hamlet romper n'um riso sceptico, que gela e arrepia, na historia as palavras do principe portuguez sôam triste e fatidicamente como um dobre de finados.

Ambos esses principes são moços, sob as plantas de ambos vae em breve abrir-se o sepulcro, mas com um d'elles descerá ao jazigo, morta e extinta, uma cousa

superior e sagrada, a independencia e a nacionalidade portugueza.

***

O sempre chorado e grande poeta Castilho, em uma das notas do seu maravilhoso drama *Camões*, diz que ha notaveis similhanças entre D. Sebastião e o rei da França, Carlos IX.

Existem effectivamente certos pontos de contacto entre estes dois monarchas; ambos governaram pelo mesmo tempo os respectivos estados, e eram ambos amigos de exercicios violentos e fatigantes; amavam ambos a caça, a equitação, o jogo das canas, a esgrima, e procuravam com o mesmo denodo e igual volupia o perigo.

Eram ambos enthusiastas, fantasticos, altivos, cavalleiros e temerarios.

Reinaram quasi que o mesmo espaço de tempo, e morreram ambos na flor viçosa dos annos.

Eram, tanto um como o outro, de compleição forte e vigorosa: D. Sebastião, de um só golpe, córta duas tochas de cera de quatro pavios, e com uma só estocada estende morto o javali mais possante e irritado; Carlos IX manda construir uma forja, onde Brantôme o vio forjar canhões, ferraduras e outros objectos, com o mesmo vigor de musculo com que o fariam os mais robustos ferreiros.

Em ambos impera e se manifesta mais ou menos o misticismo. O rei da França, ao recolher da caça, onde se conservara a cavallo cerca de dez ou doze horas, sobe ao côro da primeira igreja e canta com a sua larga voz de barytono no meio dos ecclesiasticos; o monarcha portuguez, depois de justar n'um torneio ou

de jogar as canas com algum dos fidalgos da côrte, entra no mosteiro de Almeirim, e leva horas esquecidas em deleitosa conversa com os frades.

A mãe de um chama-se Catharina de Medicis, a avó do outro tem igualmente o nome de Catharina.

A primeira, cujo perfil energico e potente avulta nas paginas da historia com accentuado e original relevo, em meio das fervidas e ardentes ambições que se degladiam na côrte da França, e em meio do ruido do duello tumultuoso e sangrento da Liga com o protestantismo, aconselha e dirige o filho, segurando com energia indomavel e com a sua politica flexivel e manhosa na cabeça do penultimo dos Valois a corôa tão cubiçada pelos principes da casa de Lorena; a outra, a rainha D. Catharina de Austria, lucta na menoridade do neto com as idiotas ambições do insoffrido cardeal seu cunhado, com as absorventes pretensões jesuiticas, e combate virilmente as hostilidades dos valídos que estavam excavando o abysmo em que se despenharia o moço rei.

Perante a influencia da mulher transparece uma não ligeira divergencia entre os dois monarchas.

Carlos IX influenciado por Catharina de Medicis, vacilla, recúa, trepida ante o supremo golpe que a mãe lhe aconselha que dê nos chefes do protestantismo, e a final obedece-lhe cegamente como um escravo ou como um fraco menino, consentindo que se perprete a horrivel carnificina da noite de S. Bartholomeu.

D. Sebastião, voluntarioso, inflexivel e decidido, não ouve o choro e os conselhos da avó, que se lhe roja aos pés e que lhe pede, de mãos erguidas, que abandone o arriscado projecto da partida para a Africa.

No nosso principe não ha as hesitações, os receios

e as incoherencias do rei francez; o que D. Sebastião planeou e gisou ha de ser realidade; o que uma vez teve na idéa ha de cumprir-se.

O caracter de Carlos IX é duvidoso e fluctuante, e se não vejam o modo como elle sacrifica á sede de dominio que tem Catharina de Medicis, e ás machinações e intrigas dos Guises, o honrado Coligny, a quem o rei chamava com uma ternura carinhosa e filial *meu pae;* o neto de D. João III, pelo contrario, mostra uma dedicação profunda e inalteravel pelo seu querido mestre Luiz Gonçalves da Camara, cuja morte, em um tranquillo e modesto convento, el-rei pranteia sincera e sentidamente como se fôra um pae que perdesse.

Carlos IX expira soluçante ouvindo as palavras compassivas de uma pobre mulher huguenote que o amamentára, e tentando desviar dos olhos tôrvos e allucinados o espectaculo sanguinoso da noite de S. Bartholomeu; D. Sebastião, no momento tristissimo da derrota e do desbarato do exercito, não chora nem se lastima como o desatinado rei da França, contempla corajosamente os resultados da sua idéa pertinaz, e morre como um bravo sobre o corpo retalhado da nação portugueza.

Um foge diante das consequencias desastradas do seu procedimento incerto e hesitante, o outro não se desvia uma só linha do caminho que traçára, e vae direito ao sorvedouro que o ha de tragar, despenhando-se n'elle com uma impetuosidade tragica e fatal.

II

O pretexto da guerra, que D. Sebastião tanto ambicionava, chegára emfim.

Muley-Ahmed, sherif de Marrocos e a quem competia o throno, foi violentamente despojado d'este por seu tio Muley-Moluk, general valente e destemido, e politico habilissimo.

Vencido em tres batalhas successivas, o principe marroquino dirige-se a Filippe II de Hespanha (que o acolhe pouco benevolamente) e vem por fim contar a sua desdita aos pés de D. Sebastião, que, no auge da ventura, o recebe como enviado pela Providencia para ensinar aos portuguezes o caminho da Africa, que fingiam ignorar.

A India, com toda a sua deslumbrante fascinação, attraía os olhos dos filhos dos guerreiros e fronteiros, de Ceuta e Arzilla, os olhos d'esses herdeiros pusilanimes, que olhavam com repulsivo desdem para as terras da Africa, onde seus maiores haviam praticado tão nobres façanhas e feitos de tão inaudita valentia.

A geração do tempo de D. Sebastião, enervada e corrupta, olha ambiciosamente para as casarias esplendidas levantadas com o ouro vindo do Oriente, admira e inveja a opulencia dos chatins indianos, recusa-se em vestir o saio e a cervilheira, e não póde com o peso das espadas que ahi jazem enferrujadas na panoplia de seus maiores.

Imagine-se o espanto e o pavor d'aquellas almas, quando el-rei manifesta o seu desejo, e expõe as cau-

sas que o movem a emprehender a guerra contra o usurpador africano.

Marrocos está para o impetuoso monarcha como Narbona, a cidade que parecia inexpugnavel, está para Carlos Magno resuscitado pelo clarim grandioso e epico do poeta da Lenda dos Seculos.

O velho e lendario monarcha está diante dos muros da cidade, que o fascina; em redor de Carlos Magno, como em redor de Agammenão, agrupam-se os seus companheiros de armas, os valentes paladinos que o haviam ajudado na grande obra da civilisação.

O imperador convida-os á conquista d'aquella cidade, mas os capitães estão cansados de tanto pelejar; já os aborrece aquelle eterno combate com os homens e com a natureza, e sentem a nostalgia dos paizes em que nasceram.

Um dos velhos guerreiros, estremecendo ao ouvir aquella proposta do seu querido imperador e chefe, diz que é impossivel e insensato o commettimento; outro declara que já ha muito que não despe a loriga, e que inveja os vis mesteiraes que podem dormir á vontade; o outro que está fraco, doente, e farto de gloria, e que a sua unica aspiração é morrer socegado na tranquillidade egoista de seu lar, ao pé da mulher e dos filhos.

Então Carlos Magno, com a cabeça erecta, fincando os pés nos largos estribos, arrancando a espada, pallido, terrivel, ruge com uma voz que tem a grandeza do trovão: Cobardia!

Tal é a resposta que nos paços portuguezes D. Sebastião dá aos que o aconselham que desista do emprehendimento, que póde trazer graves desordens ao paiz.

Ao duque de Alba pergunta se sabe a côr do medo,

e consulta a medicina para saber se a idade e os annos tinham enfraquecido a coragem do glorioso lidador D. João de Mascarenhas.

A voz da mulher, que enterneceu Alexandre, e que amolleceu as coleras de Coriolano, nada póde ante a impassibilidade d'aquelle moço tenazmente resoluto. As supplicas e lagrimas de D. Catharina, como já o dissemos, não conseguem senão importunal-o, e não o demovem do seu fito.

Quanto mais lhe avivam o abysmo a que o póde conduzir aquella empreza temeraria, mais o monarcha se obstina no intento, julgando que tanto maior será a gloria com que illustrará o seu nome, se recolher victorioso á esplendida bahia do Tejo.



Para a empreza que D. Sebastião projecta são necessarios recursos que infelizmente não havia em Portugal.

Os impostos onerosos de que se lançou mão dão um tibio resultado, e esse resultado é devido á fiscalisação, que tão desastradamente caíra em poder de homens venaes e cubiçosos.

A usura campeia, e torna-se o grande remedio.

As severas e rigorosas leis de 5 de junho de 1560 e de 28 de abril de 1570, decretadas para fulminar os effeitos corrosivos e deleterios do luxo crescente, e para obstar á corrupção que ía lavrando nos costumes portuguezes, tinham sido despresadas e haviam caído em risivel descredito.

Em Lisboa o luxo pompeava como nunca se tinha visto. Os fidalgos, que o viver ascetico e retraído do

principe havia afugentado da côrte, chamados pelo rei, empenham as rendas e os morgados, e empobrecem.

Impetra-se a Gregorio XIII a bulla da cruzada, que é logo concedida, mas o dinheiro é pouco ainda, e de novo é impetrada outra concessão, a das terças das igrejas, o que é tambem conseguido.

O dinheiro, mal apparece, some-se logo. Tinhamos, é verdade, o Brazil e as Indias, mas o ouro que chega a Portugal esgota-se de prompto, indo enriquecer outros paizes.

Um prolongado e tristissimo grito de miseria atravessava n'esse momento a peninsula inteira.

O christãos novos aproveitam-se d'esta occasião propicia para minorarem os vexames com que os sobrecarregam, e offerecem duzentos e quarenta mil cruzados se o Santo Officio não lhes sequestrar os bens durante dez annos, o que é acceito, apezar do protesto afflictivo e ambicioso do clero de Hespanha e de Portugal.

Os impostos caem desapiedadamente sobre as fazendas dos mercadores, e sobre os bens dos seculares e dos religiosos abastados.

No recrutamento praticam-se excessos e villezas; a trapaçaria é geral: em vez de homens costumados aos usos da guerra, os que se apresentam para pegar em armas são bisonhos e fracos, e não chegam a completar o quadro com que se contava.

Na Allemanha alcançam-se tres mil soldados, na Hespanha levantam-se outros tantos.

Um aventureiro, que aportára a Lisboa para refrescar a armada que commandava, é instado pelo rei para se incorporar ao exercito portuguez, dando-lhe d'este modo um inesperado contingente.

Os administradores da fazenda publica andam desesperados e attonitos; no fim de contas o dinheiro que se alcança é pouco ainda, o erario está quasi vazio.

Para remate do quadro descansára ha pouco o vôo n'esta lastimavel terra portugueza uma ave sinistra e horrivel—a peste.

Mas el-rei é persistente: el-rei quer, e, ante a voz omnipotente do monarcha, o clero, a nobreza e o povo dobram servilmente a espinha, e é entre prantos e lamentações de mau presagio que a armada se faz de véla para o litoral africano.

***

Ás tristezas, porém, do povo, que do caes contemplava a partida das naus, respondiam as salvas alegres e estrondosas da artilheria.

Os galeões, as urcas e as caravellas iam empavesadas e vistosas. Dir-se-ía que iam essas galeras para uma viagem de recreio e de festa, e não para uma batalha decisiva, cruenta e sanguinosa.

Que differença a que vae dos escuros e pesados galeões, que saíam outr'ora a barra do Tejo guiados pelo espirito emprehendedor e arrojado do infante D. Henrique, em demanda de paizes ignorados e mysteriosos, para essas galés, que fazem lembrar no fausto, no luxo e na opulencia a galera em que a formosa Cleopatra, esse *prodigio fatal,* como lhe chama Horacio, subia o Cydno, ao encontro de Antonio, ao som de flautas, de citharas e de psalterios!

Cleopatra, suavemente reclinada em coxins de purpura sob toldos de seda bordada a ouro, envolvida em nuvens de aromas capitosos, não imagina de certo que

no horisonte se vae condensando a catastrophe de Actium; os fidalgos portuguezes, que á porfia ostentam um luxo pomposo, e raras vezes visto, vão rindo e cantando, sem perceberem que o despenhadeiro está proximo, e que a catastrophe é imminente e inevitavel.

Vão rindo, blasonando, e adulando as esperanças e illusões do desventurado monarcha que a todo o momento se vê entrando ás portas de Marrocos no meio do alegre vozear dos terços triumphantes, a espada desembainhada, e a corôa de imperador na cabeça.

No entanto, á pôpa da galera real, um musico de el-rei canta ao som da viola as plangentes e propheticas trovas do romance de D. Rodrigo, vencido na batalha de Guadelete:

Ayer era rey de España
Hoy no lo soy de una villa;
Ayer villas e castillos
Hoy ninguno poseia;
Ayer tenia creados
Y gente que me servia
Hoy non tengo uma almena
Que pueda decir que es mia,
Desdichada fué la hora
Desdichado fué aquel dia
En que naci y heredé
La tan grande señoria
Pues lo habia de perder
Todo junto y eu un dia.
O muerte! porqué no vienes?
Y llevas esta alma mia
De aqueste corpo mezquino
Pues te agradeceria?

***

O ecco das palavras avisadas e prudentes, que tantas vezes e debalde se ouviram nos paços da Ribeira,

repercutiu-se ainda na tenda de guerra de D. Sebastião.

As palavras sensatas de D. Aleixo de Menezes e do bispo de Silves transformam-se sob o candente céu da Africa em apostrophes violentas de colera na bôca do barão de Alvito.

O que em Portugal era conselho e prudencia, em Africa toma o aspecto rude e severo da censura. A pertinacia do moço rei e a cegueira da sua obstinação fazem esquecer o respeito que se deve á realeza.

Em Lisboa implorava-se, pedia-se, aconselhava-se; perto dos plainos de Alcaçar-Kebir, onde vae cedo rolar a corôa portugueza sob as patas dos finos corceis dos barbaros, alguns dos fidalgos portuguezes insubordinam-se e erguem a voz com inaudita e arrogante audacia.

Diziam elles ao rei:

«O principe marroquino, a quem vamos offerecer batalha, foi envenenado, está doente, fraco e em poucos dias resvalará ao tumulo: porque se não espera que o usurpador falleça? A corôa será restituida ao sherif sem que para isso seja preciso disparar um tiro, e jogar uma unica lançada. A victoria é inevitavel, e o sangue dos vassallos será poupado.

«Depois, as privações, as fadigas da marcha, o peso do armamento, as difficuldades em se carriar por logares invios a artilheria, o clima e a falta de mantimentos enfraquecêram e abatêram as forças e o animo dos soldados, que já começavam a romper em queixas e accusações.»

Porque não ouviu el-rei estes conselhos? Porque o seu ideal estava proximo, porque as suas narinas tinham presentido o cheiro acre e violento da polvora,

porque aos seus olhos de enthusiasta se tinha desdobrado o panorama turbulento e tumultuoso da batalha, porque o seu tão appetecido sonho ía em breve ser realisado.

Que lhe importava a victoria, se elle a podesse colher facilmente? O que elle queria eram as peripecias da lucta, o ruido dos combates e as fascinações inebriantes do perigo.

D. Sebastião é condemnado pela historia, mas o seu temperamento e a sua organisação absolvem-n'o.

Quiz resuscitar o espirito cavalleiresco, quando surgia a época do individualismo, do senso commum e da burguezia.

Esse punhado de homens, porém, guiados por um principe moço, ardente e temerario, produz em nós o mesmo deslumbramento que a phalange macedonia mergulhando valentemente no coração mysterioso do Oriente.

* * *

O rei portuguez, n'essa tristissima jornada de Alcaçar-Kebir, tem uma estatura desmedida, em nada inferior á de seus ascendentes Carlos V e D. João I.

D. Sebastião é o ultimo cavalleiro portuguez; no meio da horrorosa carnificina da batalha, passa como um temporal causando destruição, estrago e mortes.

Quando o panico se apodera do exercito e se ouve este lugubre e lamentoso grito — retirar! — o rei finca as esporas nos ilhaes do seu corcel salpicado de espuma e de sangue, e engolpha-se na onda dos inimigos com o arrojo impetuoso com que João o *bom* se atirava na batalha de Poitiers de encontro á disciplinada cavallaria ingleza.

Os fidalgos portuguezes, descendentes dos afamados fronteiros e capitães de D. Affonso V e do Mestre de Aviz, batem-se como heroes, e como heroes expedem o ultimo alento.

As areias africanas embebem-se no melhor e mais generoso sangue portuguez.

A derrota é certa e inevitavel, e no entanto o principe combate ainda rodeado de alguns cavalleiros.

Aos que lhe pedem e imploram que se renda, exclama com impeto selvagem:

— Morrer, mas de vagar! A liberdade só ha de perder-se com a vida.

Responde como os paladinos nos poemas de cavallaria.

Quando Oliveiros, de cima de uma rocha no tragico desfiladeiro de Roncesvalles, avistando a enorme, prodigiosa e espessa multidão de sarracenos, que avança, exclama para Roldão:

— Camarada, faze soar o teu clarim! Carlos Magno ouvir-te-ha, e correrá em teu auxilio!

O valente sobrinho do imperador dos francos replica:

— Não farei essa affronta á minha raça. O aço da minha espada tingir-se-ha de sangue até aos copos de ouro!

— Ami Roland, sonnez de votre oliphant,
Charles l'entendra, et fera retourner son armée.
— Je serais bien fou, repond Roland;
Dans la douce France j'en perdrai ma gloire;
Non; mais je frapperai grands coups de Durandal;
Le fer en sera sanglant jusqu'à l'or de la garde.

O mesmo alento heroico e epico anima a batalha de Roncesvalles e a jornada de Alcaçar-Kebir.

Para que o confronto seja ainda mais flagrante, nos plainos de Alcaçar como nos desfiladeiros de Roncesvalles, os bispos do Porto e de Coimbra, cheios de zelo e de devoção, lançam, como o arcebispo Turpin, a benção ao exercito, em meio do estrepito das armas e do fuzilar afogueado dos arcabuzes.

O malfadado principe ainda tenta levantar a coragem de suas tropas, que fogem desorientadas e acossadas pela ligeira cavallaria dos barbaros; D. Sebastião corre, avança, passa por entre os inimigos, e a sua espada, faiscando reflexos sanguineos, abre infatigavelmente os circulos de infieis, que se renovam e crescem, atroando os ares com gritos hilariantes do triumpho.

O rei peleja ao acaso, quasi isolado dos seus, que a pouco e pouco rareiam: uns lá vão prisioneiros e arrastados no meio do apupo da soldadesca brutal, outros caíram mortos com as armaduras retalhadas e escorrendo sangue.

— E o estandarte, onde está o estandarte portuguez? indaga o desventurado monarcha a um dos fidalgos que encontra na confusão da peleja.

— Tenho-o aqui enrolado no braço, n'este braço que o saberá defender!

— Abracemo-nos e morramos! exclama D. Sebastião, e de novo se atira com indomavel sanha contra a onda tumultuosa dos barbaros, e desapparece no redemoinho dos cavalleiros africanos.

***

A lenda apoderou-se d'esta figura de rei original e heroica com outr'ora se apoderou do rei Arthur, o instituidor da tavola-redonda.

Por muito tempo este vulto sympathico de rei se ergue radiante na imaginação enthusiasta do povo, que nas horas longas e pesadas do captiveiro não ousa amaldiçoar o principe que o perdera, e espera impaciente, a cada momento, vêl-o voltar, para o remir das cadeias com que o estrangeiro o algema.

A coragem e o heroismo infeliz exerceram sempre um grande prestigio na alma popular. Portugal, n'esse tempo, alquebrado, sem forças, decadente, sentia por este principe morto na flor dos annos, e longe da patria, a indizivel ternura que deve sentir o velho guerreiro por um neto querido que morresse com a espada em punho no campo da batalha, sem nunca ter voltado o rosto ao inimigo.

As coleras do povo diante de tão profunda e irremediavel desgraça são desarmadas pelas lagrimas sinceras que o infausto successo faz brotar de todos os olhos.

O povo perdôa os desvarios do monarcha, porque tem piedade e pena do misero e valente mancebo.

Quando D. João III vagueava ululante e afflicto pelos paços reaes, soltando imprecações, como o rei Lear, contra a morte, que lhe arrancára dos braços os filhos em que o monarcha depunha esperanças de ver continuada a sua raça, o povo de Lisboa não se associava áquelles prantos, e áquella dôr lancinante e pungente de pae, porque entre esse povo e as lagrimas do rei devoto e fradesco havia a espessa e suffocante fumarada das fogueiras da inquisiação.

Ante a evocação, porém, do principe desapparecido nos areaes africanos, o povo ajoelha com affectuoso e religioso respeito, e nas trovas com que lhe embalsama os feitos, e com que lhe idealisa a figura, gotejam

lagrimas sentidas, e ouve-se um piedoso chorar compadecido.

As nações, ás vezes, assimilham-se ás mães: adoram e preferem aos outros filhos o filho desgraçado, defeituoso e infeliz.

Por isso a memoria de D. Sebastião se radicou tão poderosamente no coração do povo.

SAVONAROLA

I

No meio da Italia do seculo XV, convulsionada pelas revoluções tão frivolas como continuas dos seus pequenos Estados, lacerada pelas facções triumphantes, saqueada pelas tropas mercenarias que são a sua gangrena e a sua vergonha, escravisada pelos *condottiére* celebres, em cujas mãos brutaes, traiçoeiras e caprichosas residia o seu destino; no meio da Italia sem fé, sem amor patriotico, sem aspirações nacionaes, feroz como as civilisações ainda no berço, corrupta como as civilisações perto do tumulo, a musa antiga surgiu olympica e deslumbrante, como do seio das ondas surgira em aureos tempos a esplendida Venus do paganismo.

O clima enervante, as pompas catholicas que são como que a materialisação do culto, a vida voluptuosa

que gera todos os egoismos e asphixia todas as grandes virtudes civicas e guerreiras, a falta de uma vasta nacionalidade fecunda e forte, supprida por nacionalidades mesquinhas cujos pequenos interesses se degladiam em conflictos perennes, tudo destruira n'este povo caprichoso e mobil, a austera religiosidade das crenças, a firmeza viril dos prepositos, as grandes e elevadas idéas de patriotismo e abnegação, mas tudo o preparava tambem para gosar com apaixonado enlevo os maravilhosos primores da arte e da litteratura antiga, e para realisar nos seus costumes a brilhante corrupção, o phrenetico sensualismo da decadencia romana e grega.

A venalidade e a astucia eram os vicios predominantes da época; o veneno e o punhal as armas empregadas pelas seus papas e pelos seus principes, pelos seus cardeaes e pelos seus artistas. E um livro que póde ser o monumento que caracterisa um seculo, celebra pela mão de um grandissimo talento a apotheose eloquente e fascinadora da tyrannia.

De vez em quando, um exercito de estrangeiros, uma horde de barbaros como a Italia lhes chamava e tinha direito de chamar-lhes, ao vel-os vestidos de ferro, sinistros e ferozes, levando comsigo, como um cortejo lugubre, o saque, o incendio e o vandalismo, atravessam-n'a de lado a lado, e deixam-n'a mutilada, sangrenta e mais sequiosa do que nunca de prazeres materiaes.

A magnificencia e o luxo vigoram na dissolução universal, e parece que as artes acham n'esta terra adubada de tantos vicios, elementos proprios para se desenvolverem e fructificarem.

Todos os estados têem a sua côrte principesca que tenta exceder as outras em primores de todo o genero,

que festeja e acolhe os eruditos, e que é a um tempo fóco de voluptuosidades e de conspirações.

No espirito da Italia não se haviam apagado, tão completamente como no resto da Europa da idade média, as reminiscencias da antiguidade. Primeiramente havia as affinidades estreitas que unem á lingua italiana a lingua latina, depois as relações nunca interrompidas da Italia com a Grecia, a que tambem a uniam tantos laços de visinhança e de costumes.

As antigas liberdades romanas transpareciam ali sob as durezas do feudalismo, como as esquecidas flores da poesia classica reverdeciam muita vez na sombria clausura dos conventos italianos.

Na architectura, a tradição latina, sem se deixar vencer, produzia já tres seculos antes da Renascença, o formoso estylo em que se fundem harmoniosamente a inspiração antiga e a inspiração christã.

O baptisterio de Pisa, *Santa Maria Reparata* de Arnolfo, o *Campanile* do Giotto em Florença, provam sobejamente esta precocidade e esta persistencia do espirito classico.

Emquanto o resto da Europa se conserva de uma ignorancia barbara, tivera já a Italia a sua época de suprema inspiração e de suprema poesia.

Sente-se a revelação da antiguidade culta no scepticismo risonho de Bocaccio, nos requintes litterarios de Petrarcha, nas collossaes concepções do Dante que escolhera Virgilio para guia na sua sombria e prodigiosa viagem.

O que, porém, definiu e apressou a completa e geral renovação litteraria e artistica da Italia no seculo XV, foi a emigração dos gregos que a perseguição mahometana levou a buscarem um abrigo na Italia, e que,

em paga da sua facil hospitalidade, lhe traziam com a lingua formosa e rica dos seus avós o conhecimento de todas as obras primas da antiguidade.

A poesia, a historia, a philosophia classica fogem dos empoeirados archivos dos conventos, e até as deusas sonhadas por Homero e realisadas por Phidias surgem vivas, palpaveis, radiantes das ruinas titanicas onde se haviam subvertido.

O espirito ávido e poetico da Italia recebeu a sagrada fecundação da Arte e comprehendeu pela primeira vez a belleza plastica em todo o seu voluptuoso esplendor.

É deveras admiravel a milagrosa transformação, mas é positivamente uma influencia pagã que a determina, influencia poderosa para o Bello, infecunda para o Bom. A antiguidade, que foi sendo revelada áquelles espiritos amollecidos e inconstantes, primeiro pela erudição e depois pela arte, não era a antiguidade das austeras virtudes estoicas, do dever inflexivel, do patriotismo fervoroso como uma religião. O que os italianos amavam com a sua alma de artistas e o seu corrupto espirito de voluptuosos, era o bello absoluto, tal como a antiguidade o concebeu e o divinisou. Não era a pura moral platonica, eram as mellicas harmonias e as elevadas abstracções d'aquelle espirito que é de todos os tempos e póde ser filiado por todas as religiões; não era o patriotismo apaixonado de Demosthenes, era a sua eloquencia harmoniosa e trovejante. Com Cicero o elegante orador, com Lucrecio o poeta da ironia incredula, com Tibullo e Horacio os épicuristas adoraveis, harmonisam-se completamente o espirito e a indole da Italia pagã da Renascença.

Á pesada escolastica que tinha por digno templo a

cathedral da idade média, de sombrias naves mysteriosas, succede o culto da Rasão pura. A lingua de Virgilio substitue a lingua que o Dante fundira no bronze dos seus tercetos immortaes, a esculptura emancipa-se, transforma-se, inspira-se divinamente diante das soberbas estatuas de marmore e de bronze que a Italia começa a comprehender e a admirar.

De um lado corrupção politica, esmorecimento de fé religiosa, aniquillamento absoluto dos grandes impulsos liberaes, ironia universal que é o maior simptoma da decadencia moral de um povo; de outro lado, enthusiasmo pagão pela arte e pela belleza, ou se traduza nos cantos de Homero ou se revele no portentoso grupo do Laocoonte.

O que politicamente é a desgraça da Italia, artisticamente é o auxiliar mais proficuo da sua civilisação, civilisação especial que é a um tempo brilhante e apodrecida, que tem todos os prestigios, e a que faltam todas as moralidades.

Os pequenos principes ambiciosos comprehendem que o seu mais poderoso meio de seducção são as letras e as artes, a eterna paixão d'aquelle povo impressionavel, e usam e abusam d'esse meio para sustentarem o poder ephemero que sentem fugir-lhes em cada uma das continuas agitações que convulsionam o solo volcanico da Italia.

O pontificado, sequioso de dominação suprema, segue ou antes anticipa as progressivas transformações dos povos que deseja tutelar, e conserva-se sempre mais engenhoso e mais erudito do que elles.

Quando na idade média a sciencia se concentra na theologia então omnipotente, é elle o primeiro theologo; mais tarde, quando ella se divide em ramos diversos e

que do seu obscuro e vasto seio se desentranha uma multidão de sciencias que se chamam metaphisica, moral, litteratura ou politica, a igreja, que antes de tudo quer o primeiro e o mais distincto logar n'aquelle paiz fraccionado, acolhe todas as sciencias, vivifica-as, protege-as, dá-lhes alimento e applicação.

Prohibira como um crime os estudos classicos, mais tarde acceita-os, não como transigindo com uma necessidade, mas aproveitando-os — e foi este por muito tempo o segredo da sua politica — como um instrumento de conquista.

Os Sforza, familia indomavel de soldados, dão em Milão, onde reinam, a maxima protecção ás sciencias e ás artes; o duque de Mantua estabelece nos seus pequenos estados uma vasta escola onde se desenvolve um systema completo de educação em que a gymnastica e a hygiene dão as mãos ao mais assiduo estudo.

Todos os outros estados da Italia criam cadeiras scientificas.

Philelpho, um grande erudito d'aquelles tempos, de quem pouca cousa nos resta alem do nome, dá cinco lições publicas no espaço de vinte e quatro horas, lecciona no mesmo dia em Bolonha e Padua, e com actividade incansavel distribue a sciencia ao seu vário auditorio.

Pico de Mirandola, uma das mais prodigiosas memorias que ainda existiam, fidalgo que se entrega ao estudo com o fogoso ardor da sua raça, defende theses em Roma, em todas as linguas e em todos os assumptos, e percorre a Europa como um D. Quixote da erudição para derrubar e vencer adversarios e rivaes.

A erudição torna-se apostolado, os discipulos têem a devoção dos *crentes*.

E, todavia, essas lições nem sempre são profundas; quasi nunca as illumina um elevado criterio.

Ás vezes são apenas a leitura de um manuscripto, cujo recente descobrimento traz em sobresalto todos os espiritos cultos do tempo; outras vezes são o commentario ou a interpretação, nem sempre muito acertada, de um escriptor latino ou grego.

O amor das letras leva os seus fanaticos, gente que nos habituámos a imaginar pacifica e sedentaria, a arrostar as grandes aventuras e os temerosos perigos.

Uns embarcam cheios de fé, partem para a Asia, para Constantinopla, vão descobrir algum sabio que se esconde em terras musulmanas, e que deve revelar-lhes o segredo da verdadeira sciencia; vão desenterrar algum precioso manuscripto que trarão, cheios de jubilo, e que acenderá mais tarde as invejas apaixonadas, as vehementissimas polemicas em que se esgota e se exagera o vocabulario das mais baixas injurias.

Leonardo Vinci, o maior artista d'aquelle tempo, espirito encyclopedico que abrange em vasto cerebro conhecimentos que tornariam illustres muitos homens, mathematico, esculptor, engenheiro, musico e pintor, leva a todas as grandes cidades da Italia o auxilio complexo e variado do seu talento universal, e durante muito tempo inventa e executa em Milão, na côrte luxuosa e tragica de Ludovico o Mouro, novos engenhos destructivos, planos de fortificação e de ataque, projectos de edificios e de canalisação, estatuas e pinturas soberbas.

Paremos um instante diante d'esta bella figura de artista, uma das mais caracteristicas do seculo.

Profundo e sceptico, ironico e apaixonado, tem a fe-

cunda e indomavel inspiração do poeta, e tem os conhecimentos technicos e variados do homem de sciencia.

Levanta-o da terra, no seu fulvo dorso electrico, a alada Chimera das phantasias insaciaveis, e a sciencia e a verdade revelam aos seus olhos de vidente muitos dos segredos que só mais tarde se hão de reconhecer e divulgar.

Escreve um tractado sobre a pintura, outro sobre a perspectiva, adivinha Galileo, entrevê o vapor como força locomotora, funde no bronze a estatua equestre do *Condottiere* Francisco Sforza, nas horas vagas ornamenta os palacios de Ludovico, inventa e dirige as suas festas, namora as formosas milanezas de faces pallidas e morbido olhar caricioso, e, de repente, deixa todas as occupações sérias ou frivolas, as meditações scientificas, os trabalhos escabrosos, e, a sós com a musa esplendida que o immortalisou, pinta a sua *Virgem* e *Sant'Anna,* o seu *S. João Baptista,* a sua *Joconda,* e attinge no quadro da *Ceia* os pincaros sublimes do Ideal, na simples e grandiosa figura do Chisto, na ignobil e magistral cabeça do traidor, na expressão una e variada dos discipulos assombrados.

É sabído que o artista não ousou durante muito tempo dar os ultimos toques na figura do Divino Mestre, de tal modo esgotara com os outros personagens d'aquelle drama assombroso, os recursos opulentissimos e quasi sobrehumanos do seu vigoroso e philosophico pincel.

Mas a Leonardo Vinci, o homem que tinha por divisa — Conserva-te longe das tempestades! — como a todos os artistas do tempo, exceptuando Fra Angelico, o pintor seraphico que acabava, e Miguel Angelo, o

pintor titanico que ía começar, falta o amor do bom na sua ideal e sublime relação com o amor do bello.

Não tem bem definida a Consciencia do justo e do injusto, não tem patria nem politica, nem convicções profundas.

Todas as grandes noções que dão ao genio mais pureza, se lhe não dão mais esplendor, absorvia-as e concentrava-as elle no amor da Arte, sua unica patria e sua religião suprema.

É por isso que o vemos em Florença servir os Médicis e servir a republica, em Milão viver perto de Ludovico e viver sob o dominio da França, e acabar emfim na côrte de Francisco I, o rei luxuoso e sensual, fauno da mythologia olympica, com uma alma de artista da Renascença.

Diz-se muita vez que a idade de ouro da Arte foi a idade da fé cega e ardente.

Ha n'isto um erro completo.

Foi o culto da arte pagã, foram as revelações do antigo polytheismo que, fundindo-se com a inspiração christã nas épocas em que a fé já vacillava no espirito humano, criaram as obras primas que os seculos admiram.

O fervoroso ascetismo da idade média proscrevia como indigna da austeridade christã a formosura plastica que é nas artes quasi tudo.

A Virgem marmorea das suas cathedraes é rigida, inflexivel, sevéra; a dos seus quadros tem a inspiração beatifica, o mysticismo extatico, a candura dolorida, é a Virgem que o Cimabué e o Giotto pintavam em fundos de ouro, não é a bella *Madona* triumphante que aperta contra o coração com apaixonado orgulho o louro e delicioso *bambino,* a *Madona* em quem mais tarde Raphael, ascendendo ao ponto culminante da ar-

te, havia de resumir em adoravel synthese todo o esplendor das perfeições antigas, toda a variada e extensa gamma do sentimento christão, todos os encantos victoriosos das suas esculpturaes e inspiradoras transtaverinas.

O Christo, o homem-deus pregado na cruz, escorrendo sangue em fio das suas chagas abertas, teria talvez a expressão atterradora e tragica, mas só mais tarde revelou aos artistas que haviam lido Platão e sentido penetrar no espirito aquella serena luz radiosa e olympica que inunda a arte grega, e a formusura sublime dos seus deuses adolescentes, a mansa resignação ineffavel de um justo, a simplicidade austera e grandiosa de um Deus, o supremo esplendor da Idéa na pureza absoluta da fórma.

É ainda a influencia classica acceita por Michelozzo, Orcagna e Bruneleschi que fez predominar sobre os caprichos da ogiva e a frecha aguda da cathedral gothica, a architetura grego-romana com as suas severas linhas antigas.

Quando Florença quer acabar a sua cathedral começada no seculo XII por Arnolfo di Lapo, Bruneleschi propõe para modelo o Pantheon romano, e esta idéa primitivamente escarnecida é acceita por fim.

Donatello, na esculptura, segue a mesma escola, imita as estatuas e os baixos relevos antigos, e logra aproximar-se dos primorosos modelos que escolheu no seu grupo de *Judith* e *Holophernes* executado em bronze, nas estatuas do *Campanile*, no seu *David* e no seu *S. Marcos*.

É diante d'este ultimo que, segundo conta a tradição, se ouvia d'ali a pouco a voz homerica de Angelo exclamando: *Marco, perchè non mi parla?*

Cosme de Médicis põe a concurso as portas do baptisterio de Pisa, e Ghiberti, vencedor de trinta e quatro artistas, debuta cinzelando as mais bellas scenas biblicas n'essas portas de bronze que tambem Miguel Angelo denominava as *portas do paraizo.*

Sixto IV augmenta ao Vaticano a capella sixtina pintada pelo Perugino e pelo Ghirlandajo, e onde mais tarde, á voz de Leão X, um pincel febril ha de traçar os seus frescos de titan.

Veneza vem tambem reunir-se á maravilhosa transformação de toda a Italia.

A architectura da cidade aventurosa, que manda os filhos visitar todas as praias do Oriente e do Occidente, participa por assim dizer da inspiração de todos os climas e de todos os tempos. Arabe, asiatica, bysantina e gothica, tem a cupula, o minarete, a ogiva e até a cisterna do deserto; mas aquelle caracter estranho e phantastico que lhe dá não sei que aspecto de legenda do Oriente, vae modificar-se sob a influencia da arte grega e romana.

Ao pé de S. Marcos, aquelle sonho de Bysancio com as suas estatuas de marmore ajoelhadas em nichos rendilhados, com as figuras do Velho e Novo Testamento pintadas lá dentro em fundos de ouro; ao pé do palacio dos doges, oriental, como um palacio arabe, ergue-se sobre tres pilastras a torre do relogio, e sobrepõem-se as arcadas corintheas ao longo da immensa fachada das velhas *procuratias.*

O cardeal Bessarion funda e enriquece de manuscriptos preciosos a bibliotheca de S. Marcos. Aldo Manucio, instruido e rico, applica a recente descoberta da imprensa á vulgarisação das obras classicas, funda a *academia typographica,* rodeia-se de eruditos, compõe

elle proprio uma grammatica e um diccionario gregos, e com os seus collaboradores edita Euripedes, Aristoteles, Theocrito, imprime a primeira biblia em hebraico, e o primeiro Virgilio portatil.

As fortunas particulares rivalisam com a magnificencia publica. Levantam-se os bellos palacios de marmore branco de Istria, brilham as fachadas de porphyro, e lá dentro, os grandes salões dourados e cinzelados a primor, esperam como hospedes condignos os retratos senatoriaes do Ticiano, as telas deslumbrantes do Veronez e do Tintoreto.

É este um perido estranho da historia; estranho e triste pelo contraste lamentavel de tanta luz e de tantas sombras.

Esta Italia rica de artistas, namorada de gloria e de luxo, entregando-se com tão violento ardor ao culto pagão da fórma em todas as suas explendidas manifestações, vive interiormente devorada pela gangrena da sua immoralidade. Cobre com o manto prestigioso da arte a dissolução pustulenta que a corroe e em que póde já prophetisar-se-lhe a morte, e a posteridade absolve-lhe os crimes, os vicios, as traições, porque ella soube amar o bello, realisal-o muitas vezes, e restituil-o pela sua fé laboriosa e intelligente á idolatria do mundo que a perdera de vista.

Fallam os admiradores das bellas figuras de Leonardo Vinci, do sorriso intradusivel da sua Joconda. Acham-lhe candura e ironia, suavidade e desencantamento, desesperança e amor.

É que o maravilhoso pintor quiz talvez deixar impressas n'este rosto de mulher as aspirações complexas, as contradicções estranhas e indefiniveis d'aquella época de descrença e de fé, de fanatismo e de increduli-

dade, de aniquillamento e de renascença; angustiosa como todas as transições, mesquinha e grande, criminosa mas immortal.

II

Entre as cidades da Italia, a mais enthusiasta das artes e da poesia é, sem contestação, Florença, a patria do Dante, de Petrarcha, de Machiavel e de tantos outros genios.

Já desde o seculo XIV a pintura, a ourivesaria, a estatuaria, a enriquecem com os seus primores, e mais tarde a habilidade e a munificencia dos Médicis accentuam, protegendo-o, o seu movimento artistico e litterario.

Cosme de Médicis, o verdadeiro fundador d'aquella casa que deu ao seculo XVI uma série de celebridades, asphyxiava então n'uma atmosphera de deleites e de luxo a republica que o Dante sonhára e que se havia transformado, nas mãos habeis e judiciosamente prodigas de Cosme, na rainha elegante e corrupta adornada com os maximos requintes da arte, enthusiasmada com as mais delicadas maravilhas da antiga erudição.

Uma era a pudica e juvenil matrona, tendo por unico ornato a alva tunica de linho, por unico diadema a massa opulenta do seu cabello ennastrado; outra a patricia elegante vivendo emballada na phantasmagoria radiosa do mais artistico luxo, não ignorando nem um só dos segredos da complicada sciencia do prazer.

Os Médicis empregavam simultaneamente o interesse e a persuasão para conquistarem ou annullarem os au-

xiliares e os rivaes, e quando os chefes das grandes familias florentinas accusavam Cosme de os affastar dos negocios para poder á vontade corromper os pequenos, respondia-lhes este:

«Vale mais uma cidade corrupta do que uma cidade perdida. Não é com o rosario na mão que se governa um Estado.»

O segredo da dominação dos Médicis, as duas alavancas do seu poder, são o dinheiro e o talento. Colossalmente ricos e delicadamente artistas, a cidade luxuosa e erudita, acclama-os com enthusiasmo. É por isso que ao pé das festas ruidosas, das magnificencias prodigas, das explendidas extravagancias, elles fundam bibliothecas, mandam ao longe descobrir manuscriptos, collecionam medalhas, livros e estatuas, acolhem todos os sabios e todos os artistas, empregando cada um conforme a indole do seu talento, e todos no embellesamento da cidade a que dão a opulencia e a formosura em troca das suas liberdades extinctas.

Cosme, no seu culto pela philosophia de Platão, manda educar Marcilo Ficino, de proposito, para traduzir e explicar o philosopho grego, e fundar a nova escola platonica que vem substituir a philosophia da idade média, e Aristoteles seu chefe.

Este platonico exaltado desmente, não raro, na prática, a pureza das suas doutrinas e, no entanto, escreve com a imaginação toda imbuida do espiritualismo antigo:

«Hontem cheguei a Careggi com menos desejos de melhorar as minhas terras do que melhorar-me a mim proprio. Venha ver-me Marcilo, e não se esqueça de trazer comsigo o livro do seu divino Platão sobre o supremo bem. Não ha esforços a que eu me poupe

para descobrir o caminho da verdadeira felicidade. Venha, e não deixe de trazer comsigo a lyra de Orpheo.»

Estas tendencias philosophicas e espiritualistas no homem que suffocava na sua patria todas as aspirações liberaes, tentando enerval-a nas sensações dissolventes do prazer, é mais uma contradicção caracteristica do tempo.

Lourenço, o neto de Cosme, educado como o não era então nenhum filho de principe, tendo tido por mestre de rethorica e de poesia latina Christovão Landino, o mais habil commentador d'aquella época; por mestre de philosophia platonica Marcilo Ficino, o pontifice maximo do novo culto; por companheiros de estudo e de trabalho os moços mais distinctos do seu tempo, Pico de Mirandola, os tres Pulci, o celebre Policiano; formando o espirito, não em cima dos livros nos frios gabinetes de estudo, mas ao ar livre sob a rama folhuda das arvores, á beira dos limpidos lagos azues dos jardins de Careggi e de Caffaggiolo, na douta e animada conversação dos amigos e dos professores, segue mais tarde o systema de Cosme, e continua aperfeiçoando a sua dupla obra.

Amollecendo e polindo os costumes do povo; amesquinhando-o politicamente e dando-lhe todas as compensações que lhe fizessem esquecer a perda das liberdades e dos privilegios que o felicitavam n'outro tempo.

Sob a sua ditadura de Mecênas, Florença naturalisa-se romana; romana do seculo de Augusto, sybarita luxuosa, aduladora delicada, doida pela musa classica, levando quasi até á parodia a imitação dos costumes antigos. Como indicio póde appontar-se aquelle moço romano que, rebaptisando-se com o nome de Pompo-

nius, se poz a seguir todos os costumes e usos dos tempos antigos, e mandava aos parentes que tentavam demovel-o da sua mania burlesca esta resposta extraordinaria.

«Pomponius aos seus parentes. O que pedís é impossivel. Saude.»

Quando o novo duque de Milão, Galéas Sforza, vem visitar o chefe de Florença, trazendo como escolta, cincoenta hacanéas para a duqueza, cincoenta cavallos ajaezados de ouro para o duque, cem *staffieri* vestidos de seda e recamados de prata, uma matilha de mil cães de caça, e um numero infinito de falcões, Lourenço, para offuscar aquelle luxo barbaro, não precisa mais do que abrir as suas famosas bibliothecas e mostrar as collecções antigas que possue.

Depois, para obedecer á dupla influencia que dominava Florença, ás doutas e artisticas exhibições, seguiram-se as festas principescas, os grandes banquetes opiparos, as danças enthusiastas, e n'este genero, como no primeiro, foram ainda Lourenço e Juliano, seu irmão, os primeiros a brilharem.

Um dia, ao receber o presente de um busto de Platão encontrado nos jardins da academia, Lourenço tenta resuscitar os velhos costumes e estabelece para os admiradores do philosopho grego a celebração de uma festa annual, que deve constar de um banquete e da leitura e commentario de algum trecho das suas obras.

Outro dia, nas galerias de marmore dos seus palacios, povoadas de maravilhas da estatuaria antiga, nas sombrias alamedas das suas formosas *villas*, em quanto a aragem, uma aragem italiana impregnada das mornas emanações dos myrtos e dos loureiraes passa estremecendo nas ramarias murmurosas, Lourenço

reune o selecto auditorio dos seus amigos, dos seus admiradores, de estrangeiros que vêem de longe chamados pela fama d'aquella sociedade polida e brilhante e dirige com o seu fino tacto as philosophicas palestras.

Ás vezes discute-se qual é verdadeiramente a vida mais feliz, se a vida bucolica, se a vida social; falla-se no Ser Supremo, philosopha-se largamente sobre a causa primeira de todas as cousas.

Outras vezes lê-se Homero e Virgilio.

É Policiano quem lê, o poeta cortesão que maneja com a mesma felicidade a lingua italiana e a latina, e que presta á musa moderna e á musa classica a mesma homenagem brilhante.

Antes de começar, preludia em formosos versos louvando o poeta escolhido; depois de acabar, analysa, compara, critica as bellezas que fez realçar pela sua interpretação amena e discreta, desenvolve e esclarece a idéa do poeta, falla na influencia que a época operou sobre o genio, e falla na sua inspiração individual, e junta, pelo seu conhecimento profundo da antiguidade ao attractivo da poesia, a curiosidade das sérias investigações.

A seriedade das contemplações em commum, substitue-se outras vezes pelos festins em que Médicis serve aos seus convivas, no dizer *precioso* de Policiano, *o sal que parece colhido nas ondas em que Venus nasceu.*

É a hora em que o faustoso amphytrião recita as suas canções de amor, os seus *canti carnalcialeschi,* em que convida ao prazer a mocidade de um modo realmente bem contradictorio com as suas doutrinas philosophicas:

Quant'é bella giovinezza
Che si fugge tutta via
Qui vuol esser lièto sia
Di doman non é certeza.

falla das donas gentis que lhe tem preso o coração «*em cadeia magica forjada por Jupiter e a Deusa de Cythera, docemente inclinada nos joelhos de seu pae no dia em que deram aos homens a divina melodia, os sons, o rythmo, os accordes que desceram do céu.*

Pulci fustiga com o seu latego satyrico todas as grandezas moribundas do passado, todos os ridiculos triumphantes do presente, a valentia, a devoção, os paladinos, os frades, os cavalleiros, os monarchas, os anafados cardeaes de volumoso abdomen, de queixo duplicado e mãos roliças, amando o bom vinho de Syracusa, as finas ceias, e os leitos fôfos.

Os versos satyricos, amorosos ou burlescos, resoam nas salas opulentas, nos jardins illuminados de Médicis, onde Epicuro toma o logar de Platão, e onde os modernos romanos, sem se coroarem de rosas como os antigos, saboream os *beccafici* e os *ortolan pelati* para se consolarem de haverem perdido o segredo d'aquelle celebre *tetrapharmacum* das mesas cesareas, feito de faisão, de presunto de javali, de pavão e ubres de porco, que Verius inventou para ser as delicias de Adrião.

Ha outros dias ainda em que a cidade do Dante se transforma toda em vastissimo theatro.

Representam-se mysterios, dramas sacros, composições profanas, de que Lourenço é simultaneamente actor e auctor.

Nas representações tragicas ou burlescas figura todo o povo como comparsa, e nas ruas, illuminadas de archotes, desdobra rugindo os seus enormes anneis tur-

tuosos a multidão ebria de prazer. Era a ressurreição christã das saturnaes antigas.

Uma das representações celebradas durante a noite, que mais febrilmente agitou aquella Florença apaixonada e sensual, foi o *Triumpho da Morte.*

N'uma praça, toda forrada de pannos de luto, com ossos, caveiras e lagrimas de prata, um espectro armado de sinistra fouce, erguia se n'um carro tirado por dois bois negros e declamava em voz soturna:

Morti siam come vedete
Cosi morti vedrem voi
Fummo già como voi siete
Voi sarete como noi.

Pelo esboço rapido e imperfeito que deixamos aqui, claramente se entrevê o estado moral e social da Italia e particularmente do povo florentino, os costumes falsos e brilhantes que lhe compunham como que uma atmosphera de convenção.

Florença era materialmente feliz, havia abundancia e prazer, *pão e espectaculos* como no tempo dos velhos imperadores n'aquella terra privilegiada da arte, mas a sua felicidade assentava n'uma base ephemera, pois que a não cimentava a moralidade e a justiça, e no jogo dos italianos, em que a astucia era o trumpho, uma crise qualquer podia derrubar a sua passageira prosperidade.

Christiano da Dinamarca, um barbaro d'esse Norte que devia d'ali a pouco mandar á velha raça latina com a Reforma a seiva vigorosa que a rejuvenescesse, visitou por este tempo Florença.

Com o seu trajo escandinavo, as pelles de zibelina, a couraça preta, a espada enorme, a longa barba de

neve, aquella apparição estranha encheu de pasmo as formosas italianas.

Elle, no entanto, depois de visitar, curioso mas não enthusiasmado, os palacios, os monumentos, os marmores antigos, o museu que Médicis fundára para recreio e instrucção dos artistas nos jardins do convento de S. Marcos, e de que era director um velho discipulo de Donatello, pediu para ver a copia dos Evangelistas gregos que tinham mandado vir de Constantinopla, e a das Pandectas de Justiniano que de Amalfi viera para Florença, e exclamou beijando uma, e indicando respeitosamente a outra:

«Aqui está o verdadeiro thesouro dos principes—a Fé e a Lei.»

A radiosa Italia começava então a receber lições da grave Germania.

III

Ao tempo em que a côrte erudita e dissoluta de Médicis se entregava aos divertimentos e ás investigações litterarias, e os discipulos dos gregos, os engenhosos cultores da Musa classica, discursavam sobre o supremo bem e a suprema belleza, traduziam Sophocles e Homero, parodiavam Virgilio de tanto o quererem imitar, preparava-se em Florença uma reacção religiosa e politica essencialmente popular.

A igreja, representada pelos conventos dominicanos, franciscanos, etc., sentia fugir-lhe a inspirações da polida e pautada erudição, a influencia que tinha conservado havia seculos com o seu latim barbaro e a sua mais barbara eloquencia.

A nova sciencia platonica epicurista e profana ameaçava desthronal-a e enfurecia-a.

Começaram as predicas contra Médicis e os letrados do tempo, e Policiano, o gracioso e delicado poeta do moderno Mecenas, ouvindo um dos prégadores, d'aquella vez inspirados com rara felicidade pelo receio de perderem o poder que até ali os havia levantado acima de todas as soberanias profanas, narra com esta subtileza engenhosa as suas impressões :

«Tinha vindo ouvil-o com uma disposição de curiosidade vaga e, para dizer tudo, quasi desdenhosa. Logo, porém, que vi o aspecto do homem, a sua estatura, não sei que expressão singular nos olhos e no rosto, puz-me á espera de alguma cousa digna de approvação. Começa a fallar, ponho-me todo attento.

«Voz sonora, verbo elegante, pensar elevadissimo, periodo harmonioso.

«Começa a sua divisão, nada confuso, nada esteril, nada enfadonho. Ennastra uma serie de objecções, fico preso. Desprende-lhe os laços, estou livre outra vez. Introduz aqui e ali pequenos incidentes, sinto-me attraído. Modula o verso, todo eu sou commoção. Graceja, desato a rir. Aggride, ataca com verdades fortes, dou-me por vencido. Faz vibrar sentimentos mais suaves, enchem-se-me os olhos de lagrimas. Brada colerico, assusto-me e lamento-me de ter vindo ouvil-o.

«Em summa, segundo o assumpto que trata, assim varía as imagens e as inflexões da voz, e pelo gesto realça sempre a palavra.

«Affigurava-se-me que elle crescia não só mais do que a sua propria estatura, senão mais que a estatura humana.

«Estudando todas as bellezas do seu discurso, senti a minha rasão ceder áquelle prodigio.

«Julguei, porém, que logo que essas impressões perdessem para mim a novidade me sentiria de dia para dia menos preso.

«Enganei-me: no dia seguinte appareceu-me diverso e excedendo-se a si proprio.»

Por esta narração do elegante escriptor se avalia o que era aquella eloquencia arrebatada e popular, que não tinha a sua origem nas abstracções philosophicas ou no brilhantismo litterario, mas na paixão humana mais vivificante, e mais poderosa que o resurgido culto de que eram sacerdotes os amigos de Médicis.

Este prégador não era, todavia, a expressão completa do movimento liberal e christão que encerrava em si o germen de um grande futuro.

Esse devia ter o seu representante e o seu martyr na pessoa de Jeronymo Savonarola.

Savonarola descendia de uma antiga familia de Padua, estabelecida em Ferrara desde os principios do seculo XV.

Fôra Nicolau III, principe de Este, cioso, como todos os principes do seu tempo, de possuir na côrte a que presidia, homens de famoso engenho, quem convidara o avô de Jeronymo e quem lhe concedera carinhosa hospitalidade. Era este ascendente do que foi mais tarde o celebre tribuno, um medico illustre, profundo conhecedor de sciencias naturaes.

Foi elle quem dirigiu a educação do neto, quem, cheio d'aquella solicitude dos velhos e da paciente indulgencia dos sabios, communicou ao entendimento infantil do discipulo, o amor dos livros, o habito da meditação, a força dos grandes emprehendimentos.

Pouco fallam os biographos da mãe de Savonarola, mas, no pouco que dizem, adivinha-se que ella teve um caracter levantado, uma força de principios excepcional n'aquella Italia effeminada e corrompida.

Nas horas de angustia, nos momentos de perigo, nas crises difficeis da sua vida, Savonarola appella sempre para o coração da mãe, como que encontrando n'ella o unico refugio, a confidente mais querida e mais capaz de o entender.

Savonarola não tinha sympathia alguma intellectual com o genero de estudos em que a Italia do seu tempo se embevecia cheia de orgulho pagão.

Espirito de uma austeridade apaixonada, consumido pela ambição ardente do bem, as leituras que principalmente o seduziam eram a Biblia com os seus aspectos grandiosos, a sua melancolia desoladora, os grandes clamores propheticos, que a espaços se despedem das suas paginas inflammadas, e S. Thomáz, o Anjo da Escola, como lhe chamou a idade média.

As obras de S. Thomáz attraíam-n'o com extraordinario enthusiasmo. Levava dias e dias lendo-as e meditando-as, e só difficilmente o arrancavam d'essa leitura absorvente.

A familia queria que Jeronymo fosse medico.

Elle, porém, já travára comsigo mesmo a lucta que bem depressa o arrancaria ao mundo, attraído pelas austeras delicias da clausura.

Para a alma enthusiastica e pura do moço italiano, o espectaculo do universal rebaixamento que em torno d'elle se desdobrava, não podia ser mais doloroso nem mais pungente.

A familia assistia surprehendida, senão ignorante, ao intimo combate que se travára no coração juvenil de

Savonarola, e cujos vestigios se liam na tristeza crescente da sua expressiva physionomia.

Houve, porém, um momento em que o mundo que o disputava ao claustro pareceu ficar vencedor. Um momento que elle viu a vida debaixo do seu melhor aspecto, em que poude sonhar que na terra tambem havia alegrias immaculadas e santissimas.

O mundo era escuro! Embora!

Um olhar de mulher podia illuminal-o da claridade opalina das noites de luar.

Perto da casa de Jeronymo veio habitar por esse tempo um exilado florentino da illustre familia dos Strozzi.

Strozzi trazia comsigo uma filha natural.

O compatriota do Dante, exilado da sua bella Florença, e exilado por amor da liberdade, acendeu naturalmente a imaginação fogosa de Savonarola; os languidos olhos da formosa florentina, atearem essa chamma. Amou e acreditou nas puras affeições que acalmam e matam a sede do martyrio, o anceio de penitenciarse pelos crimes de um povo inteiro.

Quando elle, no pleno florescer da sua fé de vinte annos, declarou que amava a descendente dos Strozzi, foi implacavelmente repellido pelo orgulho patricio do pae, e pelo desdem da filha.

N'esse dia ficou traçado o seu destino. As alegrias da terra repulsavam-n'o despiedosamente; iria procurar o que na sua ardente fé elle julgava as alegrias do céu!

Savonarola, como todos os homens predestinados pelo genio e pelo martyrio, tem a sua piedosa lenda de lagrimas. D'ella consta que, antes de abandonar para sempre o lar paterno, n'uma tarde melancolica e dôce de

abril, quando a natureza parece convidar tudo o que vive ás suas nupcias radiosas, Jeronymo pegou de um alaude e começou a tocar uma melodia tão triste, tão triste, que a mãe, como que movida por um espirito prophetico, lhe disse com os olhos cheios de lagrimas: Filho querido, estás a vaticinar a nossa separação proxima: *Figluolo mio, questo è segno dè partenza.* E elle, procurando fingir tranquillidade, continuou a tocar com a mão tremula e os olhos no chão.

De feito, poucos dias depois d'esta scena ungida de uma tão intima tristeza, Jeronymo fugio de casa, sem avisar ninguem, dirigiu-se sósinho a Bolonha, recolheu-se ao convento dos dominicanos, e declarou que queria vestir o habito e exercer os misteres mais vis do convento.

«Propunha-se a ser o servo de todos, vinha fazer penitencia dos seus peccados, e não passar como era costume geral d'aquella época de *Aristoteles no seculo,* para *Aristoteles no claustro.*»

Depois de acceito, lembrou-se então dos seus que abandonára, e escreveu a seu pae uma carta em que lhe expunha os motivos d'aquella resolução imprevista.

«Não podéra tolerar — dizia elle — a grande corrupção do seculo, não podéra vêr por toda a Italia, triumphante o vicio e esmagada a virtude. Não se decidira puerilmente, senão depois de longas meditações e longas e dolorosas luctas. Não tivera animo de revelar o seu intento com medo de perder a força que lhe fôra mister para executal-o!

E concluia d'este modo:

«Querido pae, não queira com a sua dôr aggravar a dôr que me punge e que é tão grande. Tenha cora-

gem, console a minha mãe e mande-me, com a benção d'ella, a sua benção.»

N'esta carta, de que transcrevemos alguns periodos, dizia Savonarola, que junto da janella do seu quarto deixára um escripto no qual mais extensamente descrevia o estado attribulado e confuso do seu espirito.

Era o mesmo sentimento de indignação e de desprezo pela Italia desvairada nas delicias da sua orgia pagã. Este sentimento nunca esmorecido atravez de todas as peripecias da vida de Savonarola, é aquelle que ha de dominal-o e determinar especialmente o seu caminho.

Compara n'esse escripto a Italia do seu tempo ás abominaveis cidades antigas, e acrescenta: «Nem um só entre tantos, hoje resta, que deseje sinceramente o bem; pertence-nos a nós apossar-mo-nos do espirito das creanças, porque é só na alma d'essas que ainda existe algum vislumbre de innocencia. Estão opprimidos todos os bons. A Italia é comparavel ao Egypto que escravisára o povo de Deus.

«Mas já a fome, as inundações, a peste e outros signaes calamitosos annunciam a ira do Senhor!

«Abre de novo, ó meu Deus, abre de novo as aguas do mar Vermelho, para que os impios sejam submergidos nas ondas da tua colera!»

Vê-se por este escripto, que data da primeira mocidade de Savonarola, quanto o seu espirito já se sente influenciado pelas idéas de futuras desgraças nacionaes, quanto as suas leituras enraisaram n'elle a preoccupação das prophecias biblicas.

Ainda outra vez, em resposta ás queixas com que provavelmente os paes receberam a noticia de que perdiam seu filho, elle escreve d'este modo:

«Se um principe temporal me houvesse cingido a espada e me houvesse feito soldado seu, julgarieis honrada a vossa casa, e sentir-vos-ieis transportados de alegria; e agora, quando Nosso Senhor Jesus Christo me cinge a espada e me faz seu cavalleiro, choraes!»

Theologo profundo, natureza impetuosa e ardente, tendo em si aquella violenta parcialidade sem a qual não póde existir a eloquencia verdadeira, a missão d'elle estava fatalmente traçada.

O pulpito seria a sua tribuna.

Mas não foi sem grandes luctas, e sem grandes dilaceramentos interiores que elle chegou a comprehender e a dominar o seu destino.

Fugira do mundo indignado das miserias e corrupções que n'elle vira, mas acharia repouso a sua consciencia no claustro em que se refugiara?

Bem longe d'isso.

A Igreja, corroida pela mesma gangrena, coberta das mesmas pustulas, apresentava aos olhos do austero frade, do grande reformador, olhos tão namorados da suprema perfeição, um espectaculo tão doloroso e lamentavel como o seculo!

Reinavam ali as mesmas desordens, a simonia, a devassidão, a vingança desenfreada, o luxo impudico.

No mesmo anno em que entra no convento, Savonarola, poeta como todos os italianos, desaffogava os sentimentos apaixonados, as indomaveis indignações, as ardentes tristezas da sua alma, n'uma *canzone* intitulada *De ruinâ Ecclesiæ* que os traduz energicamente.

N'esses versos representa a Igreja sob a figura de uma Virgem casta, e pergunta-lhe: «Onde estão os antigos doutores, os antigos santos? Onde está a doutrina, a caridade, a innocencia antigas?»

E a virgem, pegando-lhe na mão, leva-o a um recinto miseravel e escuro, e diz-lhe: Desde que a soberba ambição penetrou em Roma e contaminou todas as cousas, retirei-me para este logar escondido: *Ove i o conduco la mia vita in pianto.*

Prostrato e il tempio e l'edifizio casto, exclama então Savonarola com desoladora tristeza, e quando elle pergunta á Igreja qual o remedio que póde applicar-se a tamanhos males, ella responde-lhe com desesperança profunda:

Tu piangi e taci, e questo meglio parmi!

Mais tarde, esta conformidade aconselhada pela bella virgem abandonada, não a soube nem a quiz guardar.

É que havia n'elle o presentimento do seu futuro; aquella fé que nunca abandona os que têem de ser fatalmente os triumphadores de uma idéa ou os seus martyres.

No entanto, as qualidades admiraveis que mais tarde lhe haviam de grangear um povo de proselytos, não se deixavam nem sequer adivinhar nas primeiras predicas encetadas tempos depois da sua formal renuncia ás pompas mundanas.

Os seus biographos e os retratos que d'elle ainda se conservam, representam-n'o de estatura meã, côr trigueira, temperamento sanguineo-bilioso, mas de animo delicado e sensivel.

Os grandes olhos flammejavam debaixo das sobrancelhas espessas, o nariz recurvado como o bico da aguia, a bôca rasgada, os labios grossos, uma physionomia bôa e firme, melancolica e austera. Tinha todavia, emquanto não se achava plenamente senhor de si,

uma certa timidez que o constrangia. A voz era rouca, o gesto acanhado e a exposição confusa.

As suas primeiras experiencias como prégador sagrado não o satisfizeram; de novo procurou a solidão onde ia refazer e completar o seu espirito.

De um lado a sua biblia e o seu theologo favorito instruiam-n'o, inspiravam-n'o, exaltavam-lhe o espirito pelo exemplo dos prophetas que ambicionava imitar; d'outro lado, o espectaculo dilacerante da decomposição politica e moral da Italia enchia-lhe a alma de santa indignação.

Esta dupla influencia determinou a exaltação singular do seu sentir, o mysticismo patriotico da sua palavra incorrecta, vigorosa e apaixonada.

Não podia haver mais estranho contraste com os delicados requintes litterarios que então traziam encantados os italianos.

Savonarola tinha a fé, as lagrimas promptas como todos os nervosos, os arrebatamentos de colera, os soluços pungentes, os gritos fulminadores, toda essa *demencia* sagrada sem a qual, no dizer de um elevado espirito antigo, os verdadeiros talentos não podem subsistir.

Á força de viver em tracto intimo com as grandes figuras do illuminismo hebraico, homens que conduziam com o verbo aceso em iras propheticas o povo de Deus ao exilio ou ao triumpho, apossou-se d'elle a idéa despotica de que a Italia era como a Judéa antiga, uma terra consagrada, e os italianos, o povo predilecto que a Providencia amparava com o braço amoroso, ou castigava com a justiceira vara implacavel.

A leitura da Biblia espalhou a sua influencia na vida inteira de Savonarola.

Os prophetas biblicos, tribunos do povo de Deus e independentes de outro qualquer poder, exerciam atravéz da tradição secular que os reverenciava um sacerdocio livre, espontaneo e pessoal.

Conhecedores profundos do tempo em que viviam e do tempo que os tinha precedido, adivinham nas catastrophes do passado, as catastrophes do futuro; observavam na vida dos povos os primeiros simptomas da sua morte, e na phrase de Edgard Quinet *do pincaro elevado onde habitavam os seus espiritos, rapidos embaixadores da politica sagrada, descobriam o plano da Providencia quando este ainda se occultava á terra inteira.*

A idéa de todos elles, comquanto divirjam na intenção ou no modo de a revelarem, o seu pensamento commum e a sua politica immutavel, é fundarem o sacerdocio e a realeza no seio da theocracia.

Foi este o plano fundamental de Savonarola, plano que elle concebeu imperfeitamente e progressivamente, quer dizer, á proporção que as agitações da Italia lhe iam offerecendo favoravel ensejo, e que no fim de contas viu frustado porque o não soube realisar.

Quando amadurecido e retemperado por quatro annos de meditações solitarias voltou para Florença, subiu ao pulpito que ía transformar em tribuna bem outro do que fôra.

A Italia que elle via povoada de eruditos e de servos, parecia-lhe immoral e apostata, o paganismo das letras, produzindo o paganismo dos costumes, era para elle como que o elemento dissolvente que agravava cada dia a escravidão popular.

As suas primeiras predicas tinham tido logar n'uma das salas do convento de S. Marcos; depois, quando esta já não podia conter o auditorio febril que a po-

voava, no jardim do claustro, á sombra do um grande loureiro de Damasco, e por fim na propria igreja de S. Marcos, onde tinha por auditorio todo o povo florentino.

A sua exposição incorrecta e sem nenhum dos delicados lavores do cinzel classico, não tinha a graça, mas tinha a commoção.

Nas edições do tempo, dizem os que as conhecem, vêem-se ainda as lacunas do copista acompanhadas com estas palavras: — *Aqui as lagrimas não me deixaram escrever.*

Florença ouvia com certo orgulho, que era ella como Sião, o vaso sagrado que continha o espirito do Eterno. É verdade que a sua colera ía despedaçal-o, mas com as ameaças que trovejavam na voz imperiosa e singular do prégador, confundiam-se como que uns canticos de esperança, que davam depois da expiação, o triumpho e a gloria.

Nas prédicas de Savonarola, ao pé das mysticas exhortações havia as exhortações politicas, e ao povo que ouvira a palavra bronzea do Dante, fallava elle com um mixto inenarravel de colera e de ternura da sua liberdade esmagada, da sua republica de que restava apenas um nome irrisorio.

O estandarte de Arnaldo de Brescia e de Nicolau Rienzi, o amigo de Petrarcha, levantava-o elle nas suas mãos febris.

Loureuço de Médicis, por magnanimidade ou por calculo, não só fugiu de pôr termo, pela violencia, á propaganda do orador popular, senão que tentou desarmal-o pela gratidão, fazendo-o nomear prior do convento de S. Marcos.

Savonarola nem sequer visitou o que era então se-

nhor de Florença, o que fez dizer a Médicis com uma elegancia que tem certo sabor antigo:

«Veiu um estrangeiro sentar-se no meu lar e não me agradeceu.»

Á tarde, pelas naves d'aquella formosa igreja de S. Marcos, onde Fra Angelico escrevêra tantas paginas do seu mystico poema, escoava-se lentamente, febril, commovido e surprezo o povo de Florença, e no espirito d'esses homens que voltavam para as canceiras do commercio, para as meditações do estudo, para a mesa dos festins, para a companhia das cortezãs faustosas, hetairas modernas tão estimadas como as hetairas gregas, eccoava em profundas vibrações melancolicas a voz que lhes tinha prophetisado um futuro de miseria e de lagrimas, que elles proprios preparavam inconscientes.

Médicis, assustado e despeitado da força e da popularidade de Savonarola, instigou um prégador do tempo, que então gosava de grande renome, a luctar com elle, julgando que a erudição delicada poderia vencer a rude eloquencia apaixonada e convicta do *Samuel* florentino.

Marianno Gennazaro desafiou o dominicano para *Santa Maria del Fiore*. O texto do seu sermão foi o seguinte:

«Não é a vós que pertence conhecer os tempos e os instrumentos que estão no poder de Deus.»

Savonarola acceitou a provocação, voltando contra o seu adversario o texto invocado.

« —Não, disse elle, não sou propheta nem filho de propheta; não quero para mim esse terrivel nome, mas as cousas que annuncio acontecerão porque me fundo na doutrina e no espirito de caridade. Em ver-

dade vos digo que são os vossos peccados, os peccados da Italia que á força me fazem propheta, e que vos deviam fazer a vós tambem propheta.

«Não quereis que eu prophetise Marianno. Oh! tudo está cheio de prophecias. Está cheio d'ellas o santo testamento, estão cheios d'ellas os tempos presentes e até vós, Marianno, sois um signal prophetico.»

Pico de Mirandola, que estava presente, conta que se lhe pozeram os cabellos em pé, na commoção extranha d'aquelle momento.

A voz inspirada do prégador republicano proseguia pedindo a reforma na igreja e no seculo, ameaçando com a eloquencia selvatica e grandiosa que bebêra na Biblia, a Italia pagã, a Italia lasciva, ebria de luxo, de arte e de prazer como uma bacchante do paganismo hellenico, com os flagellos ignorados, com a escravidão, a conquista e a morte nacional.

« — Quero calar-me e não posso! O Verbo de Deus é na minha alma com um fogo ardente. Se lhe não obedeço consumirá a medulla dos meus ossos.

«É verdadeiramente a cidade de Babylonia, ó meus irmãos! a cidade dos loucos e dos preversos que o Senhor quer destruir. Ide a Roma: em vez do christianismo, os prelados estudam a poesia e a eloquencia. Nas suas mãos encontram-se os livros de Aristoteles, de Platão, de Virgilio e Petrarcha, os livros que lhes affagam os ouvidos, e não se occupam da salvação das almas. Porque é que em vez de tantos livros não ensinam aquelle, que unicamente deve ser a lei e o espirito da vida?

«Fallam contra a soberba e contra a ambição, e estão mergulhados n'ellas até aos olhos; pregam a casidade e ostentam as suas concubinas; ordenam que

se jejue, e querem viver esplendidamente!... Esses prelados orgulham-se da sua dignidade e desprezam a dos outros; querem ser reverenciados e temidos, occupam as primeiras cathedraes da Synagoga, os primeiros logares da Italia, passam nas ruas cercados de respeitos e de adulações, querem ser chamados mestres, e dão o exemplo de todas as devassidões.

«São bellas exteriormente as igrejas d'elles, com os seus ornatos e lavores e dourados, com as brilhantes ceremonias e as suas vestimentas magnificas, os candelabros de prata, os ricos vasos, as mitras de ouro, as pedras preciosas... mas na Igreja primitiva os vasos eram da madeira e os prelados eram de ouro.»

Depois descreve os principes que ao pé dos prelados são o flagello da Italia, «os palacios e as côrtes, refugio dos monstros e dos malvados, dos maiores criminosos e dos mais arrojados bandidos, que ali correm, porque ali acham expansão para as suas paixões mais cruentas e mais vis.»

Pinta os «conselheiros covardes que estudam o meio de sugarem o sangue do povo, lisongeando a cubiça infrene dos seus senhores; os philosophos e os poetas que nas suas adulações impudicas chegam a crear arvores genealogicas fabulosas, para fazer remontar até aos deuses do Olympo a nobreza dos seus principes malvados.»

«—Que, fazes tu Senhor? porque dormes? Levanta-te e vem libertar a tua igreja das mãos dos demonios, dos tyrannos, dos sacerdotes infieis! Esqueceste a tua Igreja? Deixaste já de a amar? Apressa a expiação, e que bem cedo possamos voltar para ti!

«Ó Roma, prepara-te, o teu castigo será terrivel! Serás cingida de ferro, passarás pela espada, pelo fogo,

pelas chammas! Italía, é grave a tua doença, e tu Roma, estás bem perto da morte. Se queres curar-te, renuncia ao teu alimento habitual, ao teu orgulho, á tua ambição, á tua avareza, á tua luxuria.

«Ó incredulos que não quereis ouvir nem converter-vos! O senhor está dizendo-vos: Pois que a Italia está cheia de homens de sangue, de perdidas, de infames e de malvados, conduzirei a ella o peor inimigo que achar possa; abaterei os seus principes, farei cessar o orgulho de Roma. Esse inimigo entrará nos seus sanctuarios e profanará as suas igrejas.

«Quando vier a hora das angustias e das attribulações haveis de querer converter-vos e já não será tempo.

«Ó Italia, será flagello sobre flagello! flagello da fome, flagello da peste, flagello da guerra! Não bastareis então para enterrar os mortos; serão tão numerosos em cada uma das vossas casas, que os coveiros irão pelas ruas bradando: — Quem é que tem mortos?... e hão de amontoal-os em carros e cavallos, e hão de juntar montanhas de cadaveres que depois queimarão. Irão pelas ruas bradando: — Quem é que tem mortos? quem é que tem mortos? — e vós respondereis: — Eis aqui o meu filho, eis o meu pae! eis o meu marido!!!... E elles continuarão a caminhar bradando ainda: — Quem é que tem mais mortos?»

....

Não te parece, leitor, estar ouvindo com um ecco terrivel da voz de Ezequiel, com um funebre e pavoroso lamento de Jeremias, não sei que trovão soturno e prolongado, precursor d'essa grande tempestade que se chamou Luthero?



Lourenço de Médicis, no seu outr'ora tão amado retiro de Careggi, sentia, ao ver aproximar-se a morte, aquella estranha melancolia, aquella duvida profundamente desoladora que assalta ainda os espiritos mais scepticos.

Debalde os amigos da hora extrema, os mais queridos e os mais fieis, o Ficino, Pico de Mirandola, Poliziano, os philosophos que elle fizera educar ou que attraíra para junto de si, tentavam distraíl-o com as elevadas e polidas praticas de outro tempo.

A alma de Lourenço, uma alma de voluptuoso e de delicado, uma alma de pagão e de poeta, sentia-se subitamente arrastada para longe da esphera onde tanto tempo se dilatára em contentamentos intimos.

Acudiam-lhe incertezas, remorsos, pavores. Elle, o epicurista dos prazeres faceis, que tanto proclamara nas suas eroticas canções o esquecimento do terrivel *amanhã*, via-o agora surgir diante dos seus olhos como uma interrogação em aberto a que devia por força responder.

A quem dirigir-se n'aquella crise para que os seus companheiros não tinham balsamo, para que o seu confessor, um pobre frade humilde e respeitoso, não tinha solução.

O despota florentino, diante de quem todos tremiam e que d'esse respeito cego fizera o seu orgulho, lembrou-se então do frade intemerato cuja rebeldia tanto o havia irritado, cujo desdem severo tão amargamente o ferira.

Lourenço de Médicis, mandou chamar Savonarola.

O dominicano que não viera na hora do triumpho acudiu prompto na hora da attribulação.

Lourenço sentia n'aquelle dia, mais do que em nenhum outro, o acre travor da morte nos labios que tanto haviam rido e cantado.

Chamára o filho, depois de o ter longamente aconselhado, pediu para ver o seu querido amigo Pico de Mirandola, cuja alma dôce e benevola produziu no espirito do moribundo uma especie de calmaría. «Teria morrido descontente, se a tua vista me não alegrasse um pouco estes derradeiros, momentos» dissera elle ao moço companheiro dos seus devaneios de poeta, e das suas eruditas investigações de antiquario e de artista.

Instantes depois Savonarola entrava, e com elle, um não sei quê, parecido com o antegosto de uma vida inteiramente diversa da que elle vivera até ali.

Lourenço queria a absolvição do frade para os tres crimes que mais lhe roiam a consciencia.

O saque de Volterra; a subtracção feita ao montepio dos orphãos, que tantas mortes e desordens provocára, e o sangue derramado depois da conspiração dos Pazzi.

— «Deus é bom, Deus é misericordioso, repetia-lhe Savonarola emquanto elle se confessava com muita angustia e agitação.

Depois, quando Médicis acabou de fallar, volveu-lhe serenamente:

— São necessarias tres cousas.

— Quaes meu padre?

— Primeira, uma fé viva na misericordia do Senhor.

— Essa tenho eu grandissima.

— Segunda, a restituição de todos os bens mal adquiridos, feita por vós ou prescripta a vosso filho.

N'este ponto o *Magnifico,* já surprezo e dorido, mal poude fazer com a cabeça um aceno affirmativo.

— Terceira — e Savonarola ergueu-se em pé, terrivel de magestade, perto do leito do moribundo — terceira e ultima: Haveis de restituir a liberdade ao povo de Florença.

A voz do frade era solemne, tinha os olhos fitos nos de Lourenço como que a prescrutar-lhe os sentimentos mais secretos.

Este, porém, diante d'esta suprema e extraordinaria exigencia, voltou-se desdenhosamente para o lado da parede sem responder uma só palavra.

Savonarola, mais tribuno do que sacerdote, mais patriota do que christão, saíu de Careggi sem absolver o moribundo que d'ahi a horas se finava lacerado de remorsos e de agonias!

D'ali a nada, morto Lourenço, os francezes invadiam a Italia. O prestigio de Savonarola crescia e affirmava-se.

— «Eu bem vol-o tinha dito — bradava elle do pulpito emquanto os francezes desciam os Alpes — os barbaros ahi vêem! descem famintos como leões, escoltados pela fome e pela peste.

Accusam-me de ter causado essas desgraças todas! Pois antevêl-as será porventura chamal-as?» —

O destino de Savonarola, porém, estava inevitavelmente traçado. O acontecimento previsto e realisado investia-o, quer elle quizesse quer não, do cargo extraordinario e perigoso de propheta.

D'ali por diante havia de fatalmente obedecer ás exigencias d'esse povo, a quem elle quizera impor-se e de que tinha de acceitar o caprichoso jugo.

Obrigado a deixar por algum tempo o sumptuoso

convento de S. Marcos por ordem de Pedro de Médices que interdissera o uso da palavra ao audacioso orador, que parecia acceitar a cumplicidade da invasão estrangeira, ha n'esta época da vida de Savonarola como que uma pausa de repouso recolhido e dôce. O tribuno religioso que se retira da arena politica por algumas horas, deixa transparecer o coração amante e penetrado da luz evangelica.

N'uma casa pequena e humilde, situada no declive de uma collina de Careggi, o eloquente dominicano junta os seus levitas mais moços e mais ardentes, e ministra-lhes copiosamente a instrucção espiritual em praticas pela primeira vez ungidas da graça desconhecida á sua palavra nervosa e vibrante.

Os francezes, no emtanto, penetram nas provincias toscanas; Pedro de Médices tem de fugir e os florentinos chamam o seu propheta para o enviarem ao encontro dos barbaros, cuja vinda elle annunciara e predissera.

Popular como nunca, entre os que o consideravam, o santo do partido democratico quando Carlos VII deixa Florença, é elle quem fica senhor d'ella.

Deliberavam as principaes familias florentinas ácerca da base em que havia de assentar-se definitivamente o governo do Estado que os francezes tinham libertado do poder dos Médicis. Depois de largas consultas em que se desenvolveram, com o pedantismo que era o ridiculo do tempo, e nem mesmo nas crises mais graves perdia os seus direitos, as vantagens e os contras da monarchia e da republica, Savonarola, hesitante, visivelmente perturbado, mas levado irresistivelmente pela onda popular, converteu Florença n'uma especie de democracia theocratica.

Havia assembléas constituidas, commissões eleitas,

nomes que representavam o poder; o governo comtudo, a verdadeira senhoria, sem titulos officiaes e sem apparatos pomposos, residia em S. Marcos.

O povo florentino tomára ao pé da letra a imaginosa e figurada eloquencia de seu tribuno.

Elle, no entanto, não ousando ou não sabendo explicar-se de um modo explicito e positivo, recorria ás formulas vagas, ás considerações geraes.

«Precisas, ó povo florentino, prégava elle, de um governo que previna a volta da tyrannia, e em que todos os cidadãos livres realisem o reinado da simplicidade, da humildade, da caridade christã.»

A primeira applicação dada por Savonarola ao prestigio omnipotente que adquirira sobre os seus concidadãos, foi toda em favor da regeneração dos costumes, chegados ao supremo grau de relaxamento. Fundando-se no perdão universal proclamado pelo Divino Mestre, os principios da sua reforma eram os seguintes:

— Temer a Deus, preferir o bem da republica ao bem dos individuos, esquecer todos os odios antigos, perdoar todas as antigas offensas, proclamar uma amnistia geral para todos os desvarios commettidos na lucta das facções.—

O novo tribuno, fundando na virtude e na indulgencia mutua a futura prosperidade da democracia, não só dava um exemplo de alta moralidade na Italia povoada de vinganças sangrentas, senão tambem que prevenia nas agitações inevitaveis d'aquella repentina alteração social, que se operava em Florença, os excessos perigosos da embriaguez popular.

Depois, para solidificar o poder que ambicionava converter no bem e na moralisação da patria, lembrou-se um pouco mais do que era licito, para a gloria sem

mancha do seu nome, de que era italiano, e fez eccoar no coração vibratil dos florentinos aquellas palavras mysteriosas com que elles gostavam de embalar-se como as creanças se embalam no vago das lendas romanescas.

— Ó Florença, rejubila-te, Deus quer emfim dar-te um chefe, um rei que te governe; o Christo quer ser o teu rei. Foi elle proprio que o disse. Ó Florença, não faças como os judeus que pediram um rei a Samuel. Deus respondeu-lhes: — Dá-lhes um rei, não foi a ti que elles desprezaram foi a mim. Ó Florença, não os imites: acceita o Christo que é teu rei.

E o povo, ao saír da igreja, bradava docilmente:

— Viva o Christo, que é nosso rei.

Como facilmente se comprehende, Savonarola escolheu para si o papel de representante visivel da realeza divina, e Florença, a cidade dissoluta e pagã dos Médicis, acceitou o governo do illuminismo, a politica da prophecia, a inspiração constituida em poder pratico.

Quando as nações ou os individuos têem d'estas crises febris em que todos os nervos vibram com exagerada tensão, todas as exaltações se admittem como possiveis. É todavia um erro imaginar que ellas podem ser duraveis.

Deixando de embriagar-se de luxo e de arte, Florença embriagou-se de penitencia e de musicas sagradas. Em vez do aroma das flores, o perfume do incenso; em vez dos festins, os jejuns e as abstinencias; em vez de versos de amor, os psalmos; em vez do latim de Virgilio e de Cicero, o latim de Santo Agostinho e de Santo Ambrosio; em vez dos dramas que tinham por theatro a cidade inteira, as procissões que tinham

a cidade por templo; em vez da loucura do scepticismo, a loucura da devoção.

As mulheres e as creanças, umas cheias de tendencias espiritualistas, de vagas curiosidades irritadas, gostando sempre de atirar-se ao desconhecido com o ardor insaciavel e morbido que as distingue em todas as cousas; as outras enthusiastas, inflammaveis com a imaginação prompta para acolher o maravilhoso, e com a flexibilidade malleavel que toma todas as fórmas, comtanto que lh'as imprima uma vontade rude e energica, auxiliam com a perigosa parcialidade irreflectida a obra moralisadora do apostolo.

Umas desertam os bailes illuminados e festivos pela sombra do confessionario asphixiante e morna, offerecem em holocausto á religião as joias preciosas, os braceletes bysantinos, os tecidos de Smyrna, todas as queridas vaidades em que se deixavam mollemente adormecer, afundam-se soluçantes e penitentes nas tristezas languidas do arrependimento, sonham com os clarões sinistros do inferno, vêem impressa em tudo a mão phosphorecente de Satanaz, exaltam-se com exageros doentios nos enlevos mysticos da devoção, e aspiram ás longas expiações tormentosas na sagrada embriaguez do sacrificio; as outras, constituidas em confrarias de attribuições diversas e diversos nomes, exercem sob a direcção do frade a policia dos costumes, e forçados a denunciarem as impiedades e os crimes paternaes, são uma instituição immoral e uma instituição pueril.

Aquelle tempo estava condemnado aos excessos. Ebriedade pagã ou ebriedade mystica, ninguem podia furtar-se aos capitosos effluvios que se respiravam n'aquella atmosphera electrica, cheia de futuras procellas.

Para vêr a influencia que n'um momento dado da sua vida Savonarola exerceu sobre os costumes e os homens, basta dizer-se que Marcilo e Policiano renegam o velho culto, na amisade do tribuno florentino; que Machiavel, então moço e não possuindo ainda aquella penna de bronze com que escreveu o *Principe*, tem por elle um enthusiasmo de discipulo; que os poetas que imitavam Virgilio e Petrarcha passam a imitar os psalmos; que os artistas deixam de estudar a bella e magestosa nudez antiga para se entregarem todos aos assumptos devotos.

Á proporção, porém, que o dominicano sentia avivar sob a pressão da sua vontade o fanatismo popular, vão tambem crescendo as suas exigencias.

Um dia é uma procissão que percorre todas as igrejas da cidade, e termina n'uma especie de delirio voto em que os dominicanos todos, formando um circulo, dançam phreneticamente «como *David dançou diante da arca*», explicava no dia seguinte o oraculo da ordem; n'outro dia é um solemne *auto de fé* em que se queimam em holocausto a Deus todas as obras d'arte, os adornos feminis, todos os quadros profanos que Savonarola tinha induzido os fieis a amontoarem em desordem nos subterraneos do convento de S. Marcos.

Emquanto elle trabalhava sem tregoas n'esta empreza impossivel, de restituir o povo de Florença á simplicidade christã dos tempos primitivos, servindo-se na sua obra de moralidade e de justiça de todos os elementos que podiam auxilial-o, ou fosse a paixão das mulheres ou fosse a credulidade dos ignorantes, a Italia agitava-se em sentidos diversos: Pisa separava-se de Florença e defendia a sua pequena republica

com prodigios de valor, e Alexandre VI, o novo Tiberio, realisava em Roma todas as monstruosas abominações da Capréa dos Cesares.

O Vaticano era então como que a enorme jaula onde se rebolcavam na crueldade e na lascivia essas feras que se chamaram os Borgias. Alexandre, o velho leão matreiro; Cesar, o fulvo tigre dos juncaes indianos, agil, flexivel, friamente perfido; Lucrecia, a serpente airosa e mortifera, de elegantes ondulações magneticas; Circe, de longos cabellos de ouro, que dava a morte nos filtros da sua volupia cruel.

Savonarola, diante da igreja profanada, prostituida nas mãos do velho Satan de baculo e mitra, arrancou da sua alma os gritos da mais apaixonada colera, para denunciar ao mundo a farça abominanda.

Não era já a reforma parcial do clero que elle exigia, era a reforma geral da igreja, começando por um concilio que depozesse Alexandre VI, o sacrilego pontifice. Para alcançar este fim supremo não duvidava elle chamar á Italia o estrangeiro, e não ha esforços que, inspirada por elle, a republica não faça, para Carlos VIII tomar outra vez o caminho dos Alpes.

N'este momento trava-se a lucta, lucta de morte entre o que sonhara ser o reformador da corrupta igreja e o que a arrastava nos extremos lodaçaes da infamia.

Savonarola denuncia as orgias de Roma, os seus crimes, os seus envenenamentos, a sua luxuria infrene, a sua simonia escandalosa; Alexandre VI anima os amigos de Médicis, os adversarios da politica então reinante, os que principiam a ver no propheta o homem cheio de inexperiencias e de fraquezas.

Marianno Gennazaro, o antigo adversario de Savo-

narola, e então geral dos Agostinhos, vem inspirado pelo papa, prégar contra o seu velho inimigo.

Dividem-se os campos, uns applaudem Gennazaro, outros applaudem o prior de S. Marcos; o tumulto começa a penetrar até na igreja. Os amigos de Médicis, os ricos, os aristocratas, os libertinos, todos os que por interesse ou por convicção, combatem Savonarola, juntam-se com o fim de o derrubar; os dois partidos injuriam-se, disputam os cargos e as magistraturas, e n'esta lucta intestina das fracções, a posição de Florença aggrava-se cada dia.

Savonarola, enfraquecido pela lucta, deixa o seu partido commetter um d'estes erros, que a não serem o desafio audaz da força que se affirma, são o symptoma supremo da fraqueza que se abandona.

N'uma das suas alternativas victoriosas, a politica de que elle é o representante maximo, depois de ter proclamado o perdão de todos os desvarios facciosos, condemna á morte uns poucos de partidarios de Médicis.

Este erro, em vez de acalmar, exaspera as paixões desenfreadas contra Savonarola.

Elle principia a sentir pesar-lhe nos hombros o fardo que acceitara. Ao vêr crescer com uma maré ameaçadora a onda dos inimigos, entrava com elle a tristeza insondavel dos que se sentem vencidos.

Como nas horas do triumpho, cada uma das suas conquistas o animava para conquistas maiores, assim na hora da provação, cada uma das suas derrotas lhe ía roubando a força para novas luctas.

Como se não contentára em conservar-se nas regiões superiores e inaccessivas á tempestade d'onde podia ter dominado o seu tempo, operando n'elle uma influen-

cia elevada o benefica, logo que o partido de que era o chefe, por assim dizer, theocratico, e que por algum tempo dominou sem adversarios, teve de combater, Savonarola foi obrigado a descer com elle á arena, e a partilhar as suas quédas, como partilhára as suas victorias.

O poder dos homens que o vulgo julga sagrados e invenciveis, esmorece e succumbe ao primeiro embate. Para Savonarola ser vencido pela primeira vez, era ser definitivamente forçado a abdicar.

«Ah! já me parece ver o cutello afiado, mas o Senhor diz-me: Espera ainda um pouco, e depois usarás da força de animo que eu te quiz conceder...

«—Mas qual será, ó Senhor, a recompensa concedida na vida eterna a quem saír vencedor de um tal combate? O olhar não póde vel-a nem o ouvido escutal-a; será a beatitude celestial. E o premio n'esta vida? O servo não será maior que o amo, diz o Senhor, bem sabes que depois de prégar a lei, fui crucificado, o martyrio tambem te espera a ti.—Ó Senhor, Senhor, que o martyrio venha depressa, faze que eu morra por ti, como tu por mim quizeste morrer!»

O papa, em resposta a estes gritos de uma dilacerante eloquencia, excommunga o valente paladino da virtude e da moralidade christã. Savonarola resiste á excommunhão; tem revoltas, ironias, coleras flammejantes, mas o auditorio vae rareando em torno d'aquelle pulpito, que rodeavam ha pouco ainda tão fanaticos proselytos.

N'este momento decisivo, Florença, em opposição com o papa e com o resto da Italia, tinha dois caminhos a seguir. Separar-se da causa italiana, dando as mãos á nova invasão que se preparava, separar-se da

Igreja sob a direcção espiritual de Savonarola, ou sacrificar o seu propheta, deixando de fazer sua a causa que elle representava.

O primeiro caminho era de uma audacia impraticavel, não só porque o povo frivolo, que fôra pagão com os Médicis e fanatico com Savonarola, tinha o mais indolente dos egoismos n'um fundo de indifferença religiosa, senão tambem, porque o proprio Savonarola se sentia sem forças para proseguir n'essa obra de que primitivamente não alcançára todo o arrojo.

É portanto o segundo caminho que Florença adoptou.

A Senhoria, receiosa do scisma e da guerra, prohibiu ao prégador que subisse ao pulpito, ordenando-lhe que se encerrasse no convento.

Savonarola, que parecêra ao principio dominar os acontecimentos, era agora dominado e vencido por elles; o chefe politico abdicára forçadamente, o propheta só por um milagre de habilidade e de perseverança conservaria o seu já usado prestigio.

Os inimigos do frade aproveitaram com uma velhacaria verdadeiramente italiana esta hora suprema, e souberam persuadir matreiramente aos fanaticos que restavam ainda, que exigissem do propheta, que tanta vez proclamára a divindade da sua missão, sujeitandose a proval-a pelos meios naturaes e sobrenaturaes, a que mostrasse pela *prova do fogo* que não havia impostura em nenhuma das suas palavras.

A Florença corrompida da Renascença, um instante abalada pelo ascetismo convicto de um exaltado, quiz divertir-se a si propria com esse estranho e irritante espectaculo.

Havia mezes víra ella em Savonarola o representante visivel de um Deus, o novo Moysés de um povo, o

reformador de uma nação privilegiada, agora desabusada a respeito da habilidade politica de que o investira a seu bel-prazer, só via n'aquella grande alma virtuosa e austera, o impostor que a tinha fascinado com sortilegios perfidos.

A fé dos proselytos que ainda lhe restavam, muitos dos quaes se offereciam a entrar no fogo em logar d'elle, arrastou, segundo o costume, o dominicano.

Preparou-se uma grande fogueira, e Savonarola appareceu na praça acompanhado por uma procissão solemne.

O povo, curioso e avido de todas as sensações boas ou más, compassivas ou crueis, apinhado no logar do martyrio, como estivera ha pouco apinhado no templo, applaudia ou apupava estupidamente, com a sua inconsciencia brutal.

Savonarola hesitava, tinha medo diante d'aquelle martyrio inutil, e, o que é mais, ridiculo. Os crentes pediam-lhe em grandes vozes fervorosas que se sujeitasse á provação, certos de que sairia d'ella triumphante; os inimigos riam-se, insultavam-n'o, desafiavam-n'o desdenhosos, porque tinham já agora a certeza de o haverem vencido.

No céu, grandes nuvens negras davam um tom sinistro ao quadro deploravel, burlesco e tragico ao mesmo tempo, e rebentando por fim em chuva copiosa por cima da cabeça de espectadores e actores, afugentaram-nos em debandada, apagando a fogueira, que para honra de Savonarola se não devia ter accendido nunca.

O populacho no emtanto, frustrado na sua esperança, estava ebrio de colera bestial. Quizera um milagre, e não lhe tinham dado o milagre; quizera ao menos ver morrer nas ancias affrontosas o que fôra seu idolo,

e elle retirava-se pacificamente, acompanhado pelos seus mais devotos, para o convento de S. Marcos.

É para ali que o tumulto, habilmente alimentado pelos emissarios do papa e pelos amigos de Médicis, se dirigiu impetuosamente. O primeiro assalto, rechaçado pelos partidarios de Savonarola, que o estavam guardando, foi sem resultado. Exasperados pela resistencia, depois de perseguirem na cidade os magistrados mais importantes que tinham umas vezes auxiliado, outras vezes dirigido a politica de Savonarola, e de terem morto alguns, os tumultuosos voltaram ebrios de sangue, e provavelmente de vinho, para o convento, onde penetraram violentamente.

Savonarola, prostrado diante do altar, com o seu longo habito branco e a sua fronte inspirada e austera, cantava em alta voz o hymno supremo de supplica e de triumpho, diante do martyrio que antevia.

A revolta que diversas influencias tinham organisado, mas que era unanime contra o frade, acalmou-se com a prisão d'este.

Um tribunal composto pelos seus inimigos, impozlhe a tortura. Diante d'ella o homem foi fraco, confessou tudo que os algozes quizeram, confessou que não passára de um falso propheta e a fogueira onde tinha definitivamente de vir a ser queimado, accendeu-se outra vez.

N'este momento, o caracter um pouco fluctuante, sem relevo accentuado do prégador dominicano, levanta-se e idealisa-se.

Encontra a força diante do martyrio. Quando antes de o entregarem ás chammas o expulsam do gremio da Igreja, responde com a sua voz profunda, habituada a levantar as grandes commoções:

«— Da militante sim, da triumphante não!»

Depois, na forca, suspenso sobre as chammas que vão consumil-o, murmura em tom dilaceraute:

«— Ó Florença, Florença, que fizeste tu?»

Estes dois gritos de eloquencia irresistivel, revelam a sua alta convicção e a sensibilidade da sua alma.

Falta-lhe porém a força, a firmeza, a perseverança.

A revolução de que elle foi o iniciador e o chefe, está de tal modo identificada com a politica transitoria do seu tempo, que não passa de um esforço isolado sem grande significação philosophica, quando podia representar na historia como parte importante das collectivas aspirações que fructificaram, amadureceram e se resumiram emfim na evolução gigantesca da Reforma.

Em Savonarola ha desiquilibrio manifesto entre a concepção e a prática.

Reformador moral, parece contentar-se primitivamente em circumscrever a sua influencia a limitado circulo; mais tarde, chefe politico, hesita entre a republica e a theocracia, transvia-se, vacilla entre influencias e idéas contradictorias, não podendo conter os excessos dos seus partidarios, filia-os como que para consagral-os, e á proporção que se vão alargando diante d'elle os horisontes da sua ambição, e que, de adversario de um partido se vae transformando em adversario da igreja constituida, sentem-se no seu espirito as duvidas, as incertezas que revelam fraqueza ou timidez.

Na lucta empenhada entre Alexandre Borgia e Savonarola é o primeiro que tinha de vencer, porque possuia e manejava com monstruosa pericia a arma hervada da astucia, que Savonarola como italiano do seculo XV não desdenhou de todo, e a qual para elle,

coração honesto e grande, consciencia luminosa, só podia ser traiçoeira e impotente.

Illudido na sua colera sagrada diante das abominações da igreja e dos vicios dos seus potentados, quiz oppor á mentira preversa, o engano bem intencionado, sem saber que a mentira é sempre má e que se transfórma em espada de dois gumes, nas mãos immaculadas que não sabem aproveital-a.

Sem ter um plano préviamente traçado que se votasse a seguir fatalmente sem o desvio de uma linha só, audaz e imprudente nas exaltações do triumpho, medroso e timido nos desfallecimentos do combate, não tem bastante austeridade para prescindir da impostura, nem bastante energia para a sustentar até ao fim.

Não importa! N'aquella época monstruosamente corrompida, é uma bella e singular figura a destacar-se em fundo tenebroso, e a sua voz, que denunciava com sagrado valor os crimes de Roma, devia eccoar mais tarde no espirito dos gigantes que lograram condemnal-os no immenso tribunal da consciencia humana.

A sua alma era boa, generosa e toda elevados intuitos; tinha pelo povo aquelle exagerado amor que, se conduz aos erros, sabe resgatal-os nobremente.

Não podendo desligar-se completamente d'aquellas idéas italianas do seu tempo que divinisam a astucia, quiz fazer d'ellas um instrumento de regeneração social. E quem sabe, no fim de contas, se a sarça ardente que elle avista no Horeb das suas apocalypticas visões, não é um sonho febril da sua organisação sobreexcitada pelos jejuns, pelo mysticismo, pela solidão.

É provavel que primitivamente Savonarola se não julgasse marcado com o signal dos eleitos, mas esta

idéa uma vez germinada no seu espirito, cresceu, alastrou-se, alargou — perfida parasita! — as suas grandes ramas hostis por sobre a arvore luxuosa da sua fé.

N'este homem singular na historia dos individuos, como o seu tempo é singular na historia dos seculos, não se póde bem delimitar o que é verdadeiro e o que é falso.

A sua convicção é theatral, a sua declamação conscienciosa. N'elle confundem-se o comediante e o apostolo.

Revigora-lhe a fé que tem em si a fé que inspira aos outros, ou para melhor dizer, é a fé dos outros que arrasta a sua fé, e a prova é que, logo que os outros duvidam, elle deixa de crer.

A verdade, porém, é que batalhou como um verdadeiro paladino da moralidade e do christianismo, que exerceu nos homens da sua patria e do seu tempo uma fascinação profunda comquanto rapida, e que se não houvesse descido á arena onde se degladiam os interesses mesquinhamente praticos, erro que não commetteram os luminosos espiritos que eram o seu ideal, essa influencia podia ter sido util, duravel e fecunda.

Guichardini, fallando de Savonarola, pronuncia a respeito d'elle este juizo machiavelico:

«— *Se era sincero, a Italia viu um grande propheta; se era impostor, viu um grande homem.*»

Para bem comprehendermos aquella Italia fascinadora e terrivel que só curvava — fabulosa chimera! — o dorso fulvo sob a perfidia e a força, e que tinha felinas crueldades para os que a amavam com a paixão commovida e ingenua, vejamos em dois successivos quadros de uma galeria imaginaria, Savonarola torturado, calcinado entre agonias despedaçadoras na fo-

gueira homicida, e d'ali a nada Cesar Borgia entrando em Roma triumphante na pompa olympica dos imperadores antigos, vestido de velludo e de perolas, montado em soberbo cavallo arabe, com o seu brilhante olhar metallico e feroz, o seu pallido rosto marmoreo, a sua bizarria invencivel, e aquella belleza sombria, felina e tragica que faz d'elle o Satan fascinador, que a posteridade vê de pé no rendilhado frontão da Renascença.

FIM



